

Prazer em Aprender

3 ANOS





PROJETO ALTERNATIVO DE APOIO A MENINOS E MENINAS DE RUA - CENTRO ERÊ * CENTRO SOCIAL E EDUCACIONAL LAGO DO ALEIXO * AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL * CENTRO DE REFERÊNCIA INTEGRAL DE ADOLESCENTES (CRIA) * ESCOLA PADRE GIOVANNI CIRESOLA * CENTRO INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL (CIDI) * PROJETO FRENTE DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA CARENTE * CENTRO ASSISTENCIAL MARIA CARMEM COLERA (CAC) * PROJETOS CULTURAIS T-BONE * GRUPO ATITUDE * ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO E PROMOÇÃO HUMANA - SIMPLEMENTE * SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA/CEPAJ (ALDEIA JUVENIL) * UNIÃO DOS MORADORES DA VILA DOS FRADES * SOCIEDADE DE AMIGOS DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS SABER COM SABOR * CENTRO DE ARTE, EDUCAÇÃO, CULTURA, SOCIAL E MEIO AMBIENTE - CASA DE ENSAIO * ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO ALVORADA (AMBA) * CRECHE ESPERANÇA * GRUPO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO (GDECOM) * MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI * ASSOCIAÇÃO VAGALUME * PIA SOCIEDADE PADRE NICOLA MAZZA * ONG MENINA FELIZ (MF) * ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO CARRÃO * CENTRO SOCIAL MARISTA IRMÃO ACÁCIO / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (ABEC) * BAGULHADORES DO MIÓ * CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR MAILDE ARAÚJO (CEPOMA) * LAR MEIMEI * MOVIMENTO CULTURAL BOCA DO LIXO * ASSOCIAÇÃO INSTITUTO PERÓ * CASA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS * CENTRO COMUNITÁRIO SÃO SEBASTIÃO (CECOM) * CENTRO POPULAR DE EDUCAÇÃO E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL STELLA MARIS * CRUZADA DO MENOR * INSTITUTO REPRE - PROJETO ESQUINA DO LIVRO * COOPERATIVA DE TRABALHO ESTRUTURAR/PROJETO PLANTANDO O FUTURO * CONSELHO COMUNITÁRIO DO PARQUE COLUMBIA * INSTITUTO DE ARTE TEAR * INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO, AÇÕES E IMPLEMENTAÇÕES SOCIAIS * INSTITUTO PROMUNDO / ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE ÁGUA MINERAL * MENINAS E MULHERES DO MORRO * NÚCLEO ESPECIAL DE ATENÇÃO À CRIANÇA (NEAC) * SE ESSA RUA FOSSE MINHA * SPETACULU - ESCOLA FÁBRICA DE ARTES CÊNICAS * CASA DE ARTES DO TERREIRÃO * CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM) * NOSSA CASA * CENTRAL DE OPORTUNIDADES * CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A INFÂNCIA (CIESPI) * FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL (FNLIJ) * INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (IDE) * CENTRO COMUNITÁRIO NOSSA SENHORA APARECIDA * INSTITUTO DE MENORES D. ANTÔNIO ZÁTTERA * INSTITUTO LEONARDO MURIALDO * CENTRO EDUCACIONAL MARISTA CANUDOS * ESCOLA ESTADUAL MINISTRO PETRÔNIO PORTELA * ASSOCIAÇÃO DA ALDEIA DE CARAPICUÍBA (OCA) * ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE EXCEPCIONAIS (APAE) * ASSOCIAÇÃO EDUCADORA E BENEFICENTE - CESPROM * ASSOCIAÇÃO MARIA FLOS CARMELI * CACTUS - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - PIÁ * CENTRO EDUCACIONAL SAL DA TERRA - MITRA DIOCESANA DE CAMPO LIMPO * ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÃO AO MENOR DE AMERICANA (APAM) * CENTRO SOCIAL CÁRITAS * FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO CORONEL QUITO JUNQUEIRA * INSTITUIÇÃO ASSISTENCIAL E EDUCACIONAL AMÉLIA RODRIGUES * INSTITUIÇÃO ASSISTENCIAL MEIMEI (IAM) * INSTITUTO BAETIBA * INSTITUTO CRIANÇA CIDADÃ (ICC) - CIRCO ESCOLA CIDADE SERÓDIO * INSTITUTO DOM NERY * NOVA ERA NOVOS TEMPOS * NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS SEBASTIAN * PROGRAMA COMUNITÁRIO RECONCILIAÇÃO * PROGRAMA SOCIAL GOTAS DE FLOR COM AMOR * PROJETO EDUCACIONAL DE CONSCIENTIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO (PROECO) * SOCIEDADE AMIGOS DO BAIRRO DE INHAYBA * ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO BAIRRO JARDIM DO VALE * ASSOCIAÇÃO A CASA DAS CRIANÇAS RAUL SEIXAS * INSTITUTO RECRIAR * FUNDAÇÃO HEYDENREICH * ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS RECANTO DA CULTURA E DA PAZ * CRECHE EURÍPEDES BARSANULFO * INSTITUTO ÂMBAR * ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ * AME * GRUPO CULTURAL JONGO DA SERRINHA * GIRAMUNDO * CASA DA ACOLHIDA MARISTA - BELO HORIZONTE * INSTITUTO ALEXSANDRO ALCINO

Prazer em Ler



Sumário

CAROS LEITORES 7
INSTITUTO C&A – UMA HISTÓRIA 9

PARTE I PRAZER EM LER

- I. *Introdução* 17
 - I.1 Caminhos percorridos 19
 - I.2 Mapa das organizações sociais parceiras 29

2. *Cenários da leitura* 31
 - 2.1 A leitura no Brasil 31
 - 2.2 Momentos da história do livro e da leitura no Brasil 38
 - 2.3 Crianças e jovens leitores 42

3. *Ideário do programa Prazer em Ler* 44
 - 3.1 Por que a leitura? 45
 - 3.2 Por que a literatura? 49

4. *O programa Prazer em Ler (2006-2008)* 56
 - 4.1 Diretrizes do programa *Prazer em Ler* 57
 - 4.2 Cronologia 58
 - 4.3 Resultados 68

PARTE II **METODOLOGIA**

1. *Espaço, mediação, acervo* 72
 - 1.1 Introdução 73
 - 1.2 Espaço 74
 - 1.3 Mediação 90
 - 1.4 Acervo 116

2. *Gestão e Avaliação* 132
 - 2.1 Gestão 133
 - 2.2 Avaliação e acompanhamento 137

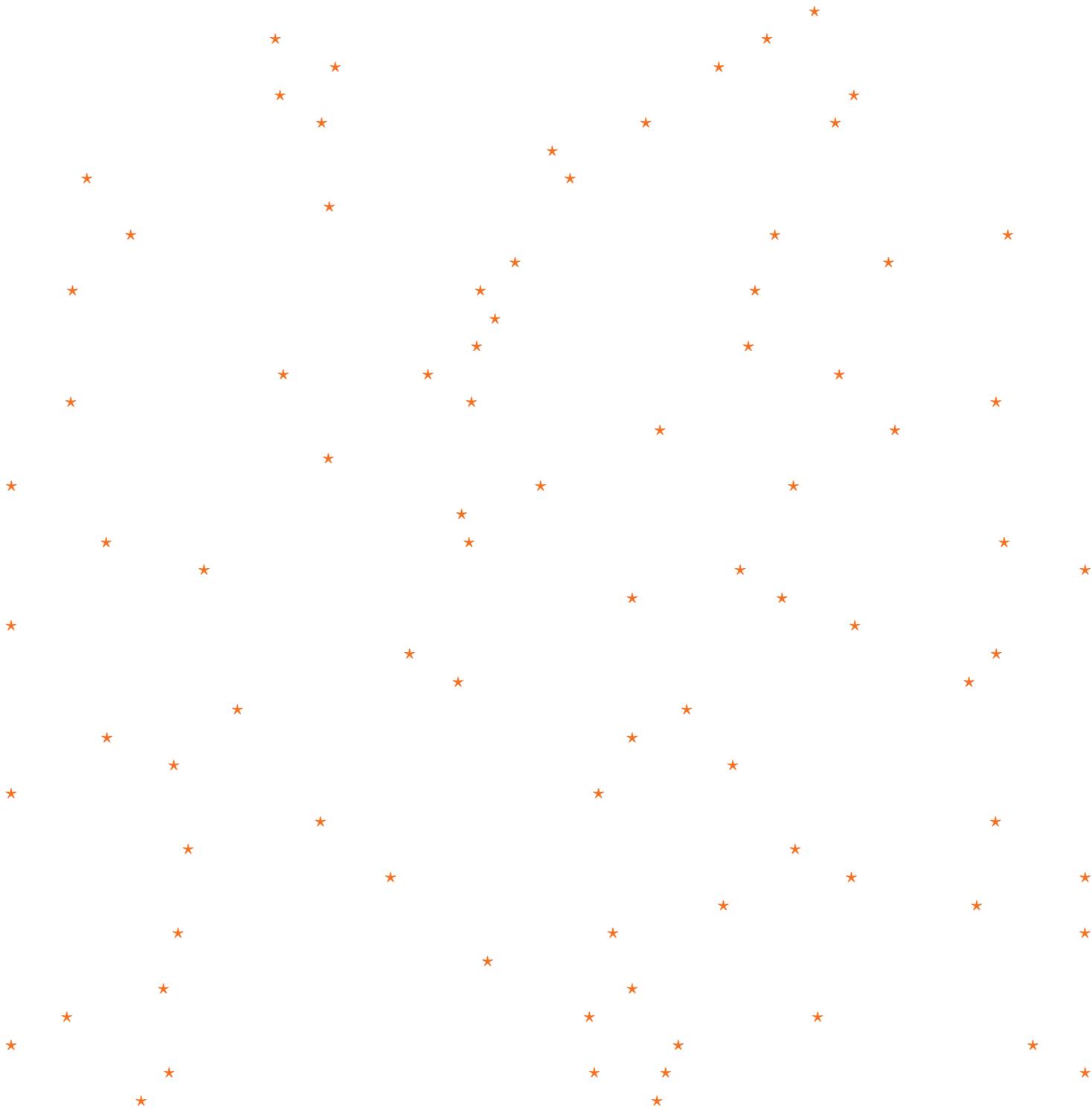
PARTE III **DESAFIOS**

1. *Os caminhos se multiplicam* 148
 - 1.1 O vínculo com as famílias 151
 - 1.2 Leituras na comunidade 153
 - 1.3 Leitura nas escolas 155
 - 1.4 Atuação em redes 161

2. *Novos desafios* 166

Notas 169

Crédito das fotos 175



Caros leitores,

É com grande satisfação que o Instituto C&A apresenta esta publicação, que marca os primeiros três anos do programa *Prazer em Ler*. Seu objetivo é compartilhar com a sociedade os fundamentos e métodos do programa, bem como as experiências e transformações vividas com aqueles que nos ajudaram a escrever sua história – instituições sem fins lucrativos de atendimento a crianças e adolescentes, escolas, ONGs ligadas à promoção da leitura e secretarias de educação.

Lançado em fevereiro de 2006, o programa *Prazer em Ler* nasceu do desejo de adicionar intencionalidade às práticas de incentivo à leitura que perpassavam grande parte dos projetos de educação complementar à escola que apoiávamos. Vencida a etapa de universalização do ensino fundamental, a grande pergunta no país era como oferecer às crianças e adolescentes integrados ao sistema de ensino uma educação de qualidade. As tradicionais atividades em favor da leitura e da escrita realizadas por muitas instituições como “reforço escolar” não nos pareciam uma resposta. Assim, o programa *Prazer em Ler* surgiu quase como uma especialização em nossa trajetória particular de busca de uma educação de qualidade.

Com o passar do tempo, esse encaminhamento foi se mostrando mais e mais acertado, uma vez que a orientação para a promoção da leitura nos permitiu aprofundar o debate sobre questões muito amplas nas instituições com que estabelecemos parceria – a relação educador/educando, a formação dos educadores, seu compromisso com o ato de educar, o significado da leitura literária, concepções diversas de educação, além de outros temas fundamentais à educação de qualidade.

Do ponto de vista interno, o programa *Prazer em Ler* inaugurou uma nova forma de trabalho para o Instituto C&A. Ele serviu como embrião para a conformação institucional adotada em 2007, quando passamos a gerir nossas ações por meio de programas com propostas metodológicas próprias e de execução compartilhada com nossos parceiros. Acreditamos que este caminho conferirá maior impacto à nossa atuação.

Outro feito importante do programa foi proporcionar ao nosso corpo de voluntários – funcionários da empresa C&A, que representa os nossos mantenedores – uma oportunidade de participação social dirigida, que fizesse sentido tanto ao voluntariado quanto às instituições parceiras. Os voluntários abraçaram o papel de mediadores da leitura com afinco e o exerceram também dentro da C&A e em seus núcleos familiares.

De agora em diante, o maior desafio que ao *Prazer em Ler* se coloca é difundir a importância da leitura, especialmente de literatura, para a sociedade em geral. Acreditamos que a articulação com a escola pública – como fizemos na cidade de São Paulo e no estado do Rio Grande do Norte – seja um caminho promissor para que o tema ganhe capilaridade, garantindo, ao mesmo tempo, o envolvimento da criança e do adolescente.

Com vocês, o programa *Prazer em Ler*.

Paulo Castro

DIRETOR-PRESIDENTE

Instituto C&A – uma história

O Instituto C&A, criado em 1991, teve como alicerce político, jurídico e social duas grandes conquistas que, à época, imprimiram novos rumos à vida coletiva do país: a nova Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Essas normativas deram o fundamento e os princípios a partir dos quais o Instituto C&A orientou a formulação de sua missão, diretrizes e ações.

Sob a efetivação dos direitos da criança e do adolescente, os acionistas da rede varejista C&A Modas erigiram o Instituto C&A, uma organização sem fins lucrativos, cuja finalidade é a de promover e qualificar a educação de crianças e adolescentes. A identificação de um foco para direcionar seus investimentos – a educação – adveio do reconhecimento de que o desenvolvimento de um país implica providenciar educação de amplo acesso e com padrões de qualidade adequados para promover uma verdadeira inserção social de toda a população.

Ao buscar na Constituição de 1988 os princípios que permitiram traçar suas diretrizes, o Instituto C&A identificou no direito à participação social e na corresponsabilidade pela vida social seu ponto norteador. São princípios que vão fundamentar a noção de parceria, adotada pelo Instituto C&A em sua política de apoio a programas e projetos comunitários e também presente nas relações que estabelece com o poder público. Ao ser compreendida como uma articulação de distintos atores sociais em favor de causas comuns, a parceria

é um procedimento que permite ao Instituto C&A oferecer apoio técnico e financeiro a programas e projetos sociais realizados por outras instituições sem fins lucrativos e pelo poder público, promovendo nessa relação o compartilhamento de princípios, valores, diretrizes e decisões estratégicas, tendo em vista reunir forças e construir ações coletivamente.

Em 2006, o Instituto C&A definiu um novo perfil organizacional, optando por atuar por meio de programas e projetos, distribuídos em áreas de trabalho, a saber: 1. Educação – Arte – Cultura; 2. Desenvolvimento Institucional e Comunitário; 3. Mobilização Social. Em todas essas áreas reúnem-se os programas que permitem estabelecer a passagem do plano dos fundamentos e concepções para o plano das realizações.

A área Educação, Arte e Cultura apresenta-se como uma unidade em que se consubstancia a concepção pela qual o Instituto C&A entende a educação, a saber: *um processo que propicia ao sujeito as condições para que ele se aproprie de conhecimentos, competências, habilidades, atitudes e elementos da cultura, para conferir-lhe autonomia.* Nessa concepção está implícita a compreensão de que a construção do sujeito tanto na esfera individual como na esfera política e social (isto é, na esfera da cidadania) não é possível sem que haja uma devida apropriação do conhecimento socialmente produzido, ou seja, os bens da cultura. Sem essa apropriação não é possível de fato integrar-se nem como pessoa nem como cidadão e agir, assim, com autonomia. E a grande via pela qual essa apropriação da cultura nos é possibilitada não é outra senão a via da educação, tomada aqui em amplo sentido, isto é, não apenas no plano da educação formal escolar, mas na diversidade dos processos passíveis

de promover a transmissão de conhecimentos e a formação integral do ser humano, no contexto de sua cultura.

Na área Educação, Arte e Cultura do Instituto C&A estão os seguintes programas: programa *Prazer em Ler*, programa *Educação Infantil* e programa *Educação Integral*. O *Prazer em Ler*, programa do qual se ocupa a presente publicação, tem o compromisso de promover mudanças no quadro da realidade da leitura no país, somando seus esforços a outros agentes que trabalham em prol de um país leitor. De igual dimensão, o programa *Educação Infantil* tem o objetivo de contribuir para a promoção do acesso à educação de qualidade da criança de 0 a 6 anos, enquanto direito fundamental. Já o programa *Educação Integral* busca contribuir para a efetivação do direito à educação integral de qualidade de crianças e adolescentes. O programa parte do princípio de que a organização social, articulada com a escola e com outros ativos na comunidade, propicia mudanças substanciais no padrão educacional das escolas e também das organizações, além de favorecer o desenvolvimento de comunidades em que essas instituições educativas estão inseridas.

A área Desenvolvimento Institucional e Comunitário contempla dois programas de grande importância para o avanço político e social da educação: o programa Desenvolvimento Institucional e o programa Redes e Alianças.

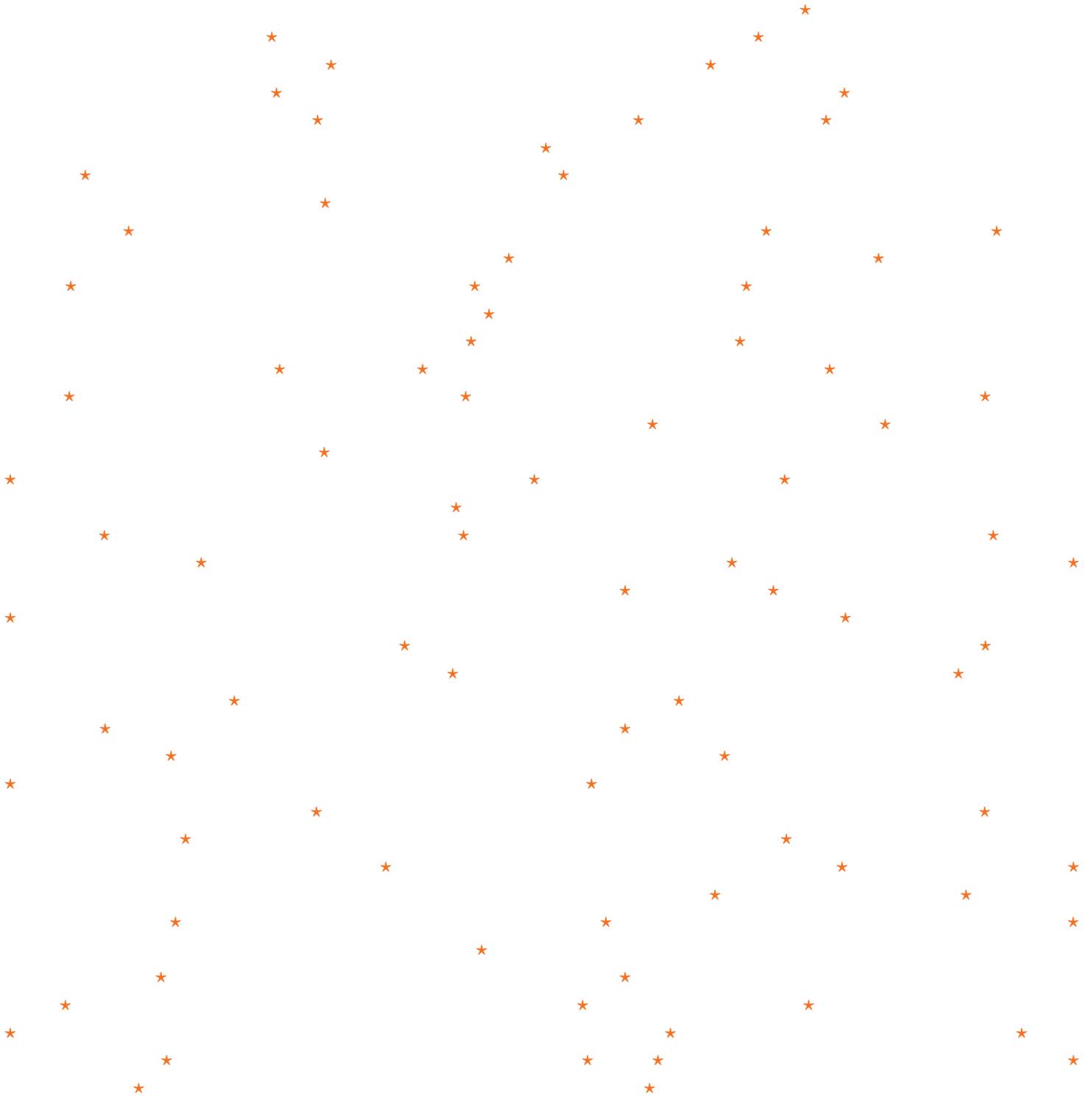
O programa Desenvolvimento Institucional tem como elemento propulsor a missão do Instituto C&A de promover a educação de crianças e adolescentes, entendendo o fortalecimento das organizações, do setor social e dos indivíduos como uma das vias para a concretização dessa promoção. Já o programa Redes e Alianças caracteriza-se pelo fomento de processos

coletivos de trabalho, por meio da articulação de redes, alianças e outras formas associativas. A ideia-força subjacente a tal prática é a aposta na efetividade do esforço coletivo para a superação dos desafios colocados ao campo dos direitos da criança e do adolescente.

Entre as áreas de trabalho do Instituto C&A, reserva-se à área Mobilização Social um lugar de centralidade. Nela está inserido o programa Voluntariado Empresarial, cuja origem coincide com a fundação do Instituto C&A. Por decisão dos acionistas da empresa, a criação de um programa de voluntariado revestiu-se de alguns pressupostos que remontam a concepções muito valiosas dos fundadores dessa organização. O programa *traz como pedra fundamental o compromisso de oferecer aos funcionários da C&A a oportunidade de exercer o voluntariado utilizando recursos da empresa. Por trás disso está a intenção de fomentar a cultura de participação social*, de modo que se busque soluções para os problemas da sociedade e contribua para garantir os direitos sociais da coletividade. Acreditamos nesse princípio como o verdadeiro exercício da cidadania.

Em 2009, o Instituto C&A completa dezoito anos. Nesta sua trajetória destaca-se o compromisso já firmado desde a fundação: contribuir para que a educação seja direito de todas as pessoas – direito de terem acesso à escola e aos conhecimentos que perfazem sua cultura, direito de se desenvolverem plenamente e continuarem aprendendo ao longo de toda a vida.

Instituto C&A





“Ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura.”

PROGRAMA *PRAZER EM LER*



[PARTE I]



Prazer em Ler



“De maneira mais geral, gostaria de dizer que talvez não exista exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos.”

MICHÈLE PETIT¹

HÁ 18 ANOS, O INSTITUTO C&A OFERECE APOIO TÉCNICO E FINANCEIRO a programas e projetos sociais realizados por outras instituições sem fins lucrativos e pelo poder público que contribuem para o alcance de sua missão: promover a educação de crianças e adolescentes das comunidades onde a C&A atua, por meio de alianças e do fortalecimento de organizações sociais.

Esses parceiros experimentam ciclos de trabalho conjunto – e de investimento – de até três anos. E, no decorrer desse período, engrossam suas fileiras de agentes sociais com o trabalho dos voluntários das lojas. Aliás, oferecer aos funcionários das lojas C&A a oportunidade de exercer o voluntariado utilizando recursos originários da empresa foi uma das premissas para a criação do Instituto C&A.

I. Introdução



Com o *Prazer em Ler*, ampliam-se as possibilidades de inserir o voluntariado em iniciativas de ação social.

O programa nasceu no calor das discussões do Instituto C&A em 2005, em busca de uma frente de trabalho que tanto atendesse às demandas sociais apresentadas pelas ONGs, quanto fosse capaz de mobilizar o voluntariado.

Que outro tema poderia rivalizar com a leitura no que se refere a seu poder de transformar as pessoas e constituir cidadãos? E que outra prática mais generosa do que a leitura seria capaz de dialogar com tantas linguagens diversas – as artes, a dança, o teatro, a ciência, que já faziam parte do cotidiano dos educadores das instituições parceiras?

Ao final do seu primeiro ciclo de três anos, o *Prazer em Ler* contava com 82 parceiros, em uma diversidade de experiências capaz de demonstrar que este poder transformador da leitura não só reuniu e integrou diferentes ações educacionais, como construiu de forma conjunta, e com base na realidade brasileira, uma metodologia consistente para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Essa metodologia, dividida de forma didática em *Espaço, Acervo e Mediação*, foi se consolidando, ao longo desse ciclo, a partir do empenho e da criatividade dos educadores mediadores de leitura no seu contato diário e afetuoso com milhares de crianças e adolescentes

de todo o país. Eles são os narradores privilegiados das experiências mais marcantes do *Prazer em Ler* que o leitor, a partir de agora, terá oportunidade de conhecer nas páginas que se seguem...

1.1 *Caminhos percorridos*

Até 2005, o Instituto C&A apoiava várias linhas de investimento voltadas para a educação de crianças e adolescentes. Eram, em geral, atividades educacionais e culturais, realizadas em horários alternados ao da escola, por ONGs, com o objetivo de ampliar o acesso à cultura, à ciência, à arte, ao conhecimento tecnológico etc., em regiões onde a C&A atua comercialmente. Havia também muitas instituições voltadas para a educação infantil, muitas delas creches mantidas por associações comunitárias.

Embora tivessem como foco o atendimento de crianças e adolescentes das suas instituições, em menor ou maior grau, tam-

bém se articulavam com a família, a escola e a comunidade – três instâncias consideradas fundamentais para o processo educativo, na concepção do Instituto C&A.

Foi justamente pensando em integrar essa diversidade de ações em



**PARCEIROS
DO PROGRAMA
PRAZER EM LER
NO ÚLTIMO
ANO DO 1º CICLO**

Em 2008, assim se desenhou o público do Programa:

• 82 ORGANIZAÇÕES
PARCEIRAS

• PÚBLICO ATENDIDO
Crianças pequenas: 27.656
Crianças de 7 a 13: 14.504
Adolescentes: 10.682
Jovens: 5.948
Famílias: 14.134
Comunidade em geral: 176.913

• 1.807 EDUCADORES
ENVOLVIDOS

• 22 ESTADOS e
56 MUNICÍPIOS

um único programa que atendesse a uma demanda social nacional de fácil adesão tanto pelos parceiros quanto pelos voluntários que nasceu o *Prazer em Ler*, em 2006.

Os 64 parceiros que, então, atuavam nessa linha de investimento da educação não formal aceitaram o desafio de implantar projetos de leitura em suas instituições. Os voluntários começaram a ser preparados para atuar como mediadores de leitura nos projetos, e cada loja iniciou também a montagem de uma pequena biblioteca. Assim, de um caldeirão fervilhante de ideias em torno da educação de qualidade começa a emergir a leitura com a infinita capacidade de se relacionar com a arte, com o teatro, com a dança, com a ciência, e tantas outras áreas do conhecimento.

Ainda que muitos desses parceiros desenvolvessem atividades nas quais a leitura e a escrita eram ferramentas para a compreensão do conhecimento, 69% deles iniciaram o trabalho com ações específicas de promoção da leitura e com a leitura literária depois de sua inserção no *Prazer em Ler*. No entanto, todos eles tinham uma crença em comum: o poder transformador da leitura na vida das pessoas e na constituição do cidadão. Assim, formar leitores tornava-se o centro das atividades dos projetos integrantes do programa *Prazer em Ler*.

Os primeiros resultados

Foram muitos os impactos iniciais do *Prazer em Ler* sobre o trabalho das instituições parceiras. Primeiro, a ideia da *leitura literária como meio de desenvolver o gosto pela leitura*, sem o cumprimento do roteiro didático ou da função pedagógica a que muitos estavam acostumados – como se criança só entendesse o que lê com a ajuda de uma explicação didática do texto: “O *Prazer em Ler* trouxe a literatura como meio para formar a criança leitora, para que ela pudesse acessar um conhecimento do mundo, e não a literatura como pretexto para que a gente ensinasse ou cobrasse outros conteúdos – ou qualquer coisa que seja por meio do texto.” (Érica Verçosa, mediadora de leitura na biblioteca do Instituto Perú, Jaboatão dos Guararapes, PE).

Depois, foi a vez de os educadores-mediadores de leitura reconhecerem a importância de cada um deles se tornar leitor apaixonado como condição para vir a ser um *mediador de leitura* – um dos pressupostos do programa *Prazer em Ler*: “Muitos educadores do nosso projeto de educação não formal eram pessoas que liam principalmente o que era indicado para seu exercício cotidiano, não tinham uma relação tão próxima com o livro de literatura. Eles precisaram de todo o processo de formação do programa para compreender a importância da literatura para suas vidas. Ao compreender isso,





passaram a seduzir as crianças a partir do seu testemunho, a partir da propaganda que eles fazem, agora, com propriedade, com conhecimento daquilo que estão falando. Assim, a criança se envolve por meio dessa sedução do educador, passa a ter o educador como referência e, conseqüentemente, o livro se torna objeto de desejo – porque o mediador lê com prazer, e faz um exercício que estimula o desejo pelo livro.” (Benê Brito, educador do Beira-da-linha, Auto do Mateus, João Pessoa, PB).

Como atrair leitores

A cada novo *Encontro de Formação de Educadores Mediadores de Leitura* ou evento promovido pelo *Prazer em Ler* surgia uma enxurrada de

ideias, verdadeiras técnicas de “sedução” de leitores, como fazer leitura de histórias bem no meio da praça, ou enviar malas cheias de livros para a casa das famílias das crianças!

Ainda que várias dessas sugestões tenham entrado para um plano pedagógico de atividades, na verdade, o que venceu foi uma nova postura: a importância do livro e da literatura infantil e juvenil no cotidiano das crianças por meio da valorização da biblioteca ou do espaço de leitura. E no dia a dia do programa isto se materializou na difusão para a sociedade da importância da leitura, na disseminação de boas práticas na área, e na articulação com outros atores ligados à leitura no Brasil.

Desse modo, as instituições passaram a criar espaços de leitura conforme os pressupostos do programa. Espaços acanhados ou destinados a apenas guardar os livros deram lugar a salas bem iluminadas, com mobiliário adequado para os jovens leitores; e, nas paredes, quase sempre se vê um calendário de atividades planejadas para atrair e criar a ambiência favorável: “Quando a gente pensa que, para muitas crianças, biblioteca era aquele lugar escuro, cheio de livros empoeirados para botar moleque de castigo – é um salto gigantesco para eles entrar nos espaços de leitura organizados conforme os princípios do *Prazer em Ler*.” (Paulo Célio, mediador de leitura, biblioteca Nossa Casa, São João do Meriti, RJ).

Os Encontros do *Prazer em Ler* também tiveram papel fundamental na orientação que os mediadores e gestores dos projetos de leitura passaram a adotar para a seleção dos acervos de livros – tanto nas organizações não governamentais como nas escolas envolvidas nos projetos de formação de profissionais de educação da rede pública: “Depois do contato com escritores, ilustradores, passamos a ver o livro para além do texto, como um objeto que tem gosto, cor, sabor. O livro como este primeiro espaço do leitor.” (Benê Brito, educador do Beira-da-linha, Auto do Mateus, João Pessoa, PB).

Os parceiros que integravam o *Prazer em Ler* tornaram-se, então, um público exigente que, mesmo estando em comunidades com acesso limitado a programas de promoção da leitura e muito dependente de campanhas de doação, passou a dirigir esforços e escolher livros de qualidade e que, de fato, proporcionem uma experiência não só de conhecimento do mundo, mas também de ampliação da fantasia e da imaginação.

Dias melhores

Depois de um tempo mais voltado à implantação ou reforma de espaços de leitura, os parceiros puderam se dedicar diretamente aos elementos constitutivos da base do programa *Prazer em Ler*, isto é: organização do espaço e do acervo, e planejamento da mediação. Além disso, começaram a buscar para cada um desses elementos uma forma de gestão apropriada – o funcionamento adequado do

espaço conforme um plano de atividades, a análise e o controle dos empréstimos, as rotinas de tombamento, catalogação e organização do acervo; a formação dos mediadores de leitura e o plano pedagógico para as práticas de leitura.

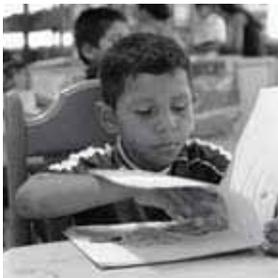
O número de leitores envolvidos chega, em média, a 40 mil crianças e 8 mil adolescentes por ano, além do passivo indireto de 4.952 jovens, 16.560 pais e mães e 149.001 membros da comunidade. Educadores formaram novos mediadores de leitura, num trabalho de aprimoramento das práticas de leitura que envolveu 998 educadores.

Algumas bibliotecas comunitárias começam a formar uma rede regional; 83% dos projetos abriram suas portas à participação da comunidade do entorno, indo além do público atendido pela instituição de origem e encorajando a formação de verdadeiras

redes de leitura; eventos de leitura literária entraram para o calendário de algumas cidades e, dos projetos que se aliaram às escolas públicas, alguns já inspiram a criação de uma nova política para o livro e para a leitura no Brasil.

Os parceiros que aceitaram o desafio de entrar para o *Prazer em Ler* entenderam, ao longo do tempo,





que, embora não houvesse uma fórmula pronta para a promoção da leitura, um princípio deveria estar presente em todas as suas ações: a ideia de que através do acesso à leitura se ampliariam as possibilidades educacionais das crianças e adolescentes. Aos poucos, os mediadores de leitura se tornaram referência para os frequentadores das salas de leitura ou das bibliotecas, assim como nas suas comunidades. Eles mostram, com sua prática, que é possível buscar dias melhores, mesmo em meio às dificuldades vividas nas regiões de maior vulnerabilidade social.

A “mediação” ganhou vida de tal forma no cotidiano do *Prazer em Ler*, que entrou para o repertório de palavras, está na boca de crianças e adolescentes que também se colocam, às vezes, na posição de mediadores de leitura: “Se eu não gostasse de ler, não seria uma boa mediadora de leitura.” (Camylle Silva Pereira, 9 anos, do Ler para Valer, União dos Moradores da Vila dos Frades, Coroadinho, São Luís do Maranhão, MA).

Hoje os mediadores de leitura do programa *Prazer em Ler* estão em toda parte. Nos espaços de leitura, por trás de estantes coloridas. Sentados confortavelmente em almofadas de chita, formando rodas de crianças. Debruçados nas mesas das bibliotecas, comemorando o livro que parte, o livro que chega e até aquele que o garotinho apenas folheou e deixou de lado.

Às vezes, fingem ter desaparecido. Mas continuam lá, insidiosamente, a fazer seu trabalho: nas malas e baús de livros que chegam à casa das crianças, nas sessões de pipoca com letras, nos saraus literários, e até nos sistemas eletrônicos de catalogação é possível encontrar sinal deles.

Tudo faz sentido nas ações de desenvolvimento do gosto pela leitura impulsionadas pelo *Prazer em Ler*. Ler em silêncio, ler em voz alta, escolher, refugar. Principalmente escolher, pois os mediadores esperam, de verdade, que um dia cada leitor possa muito bem passear à vontade pelas bibliotecas e espaços de leitura, sem que eles precisem estar por perto.



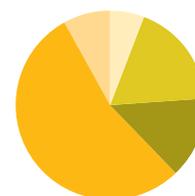
1.2 Mapa das organizações sociais parceiras – 2006-2008

Constituído desde seu início como um programa de apoio a organizações não governamentais em todas as regiões geográficas onde a C&A atua comercialmente, o *Prazer em Ler* definiu como público prioritário as crianças e os adolescentes de comunidades nas quais os projetos dessas instituições estavam diretamente inseridos. As instituições também sempre foram orientadas a incluir ações com as famílias dessas crianças e adolescentes e com jovens e adultos das comunidades que também demonstravam interesse em acessar os espaços de leitura. Em outro eixo do programa, o de atuação em conjunto com o poder público, alunos, educadores e gestores de escolas públicas participam das atividades, que muitas vezes são ampliadas para o entorno das comunidades onde essas escolas estão inseridas.

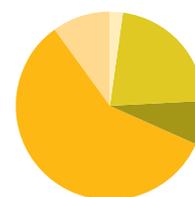
TIPOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES (%)

TIPOLOGIAS	2006	2007	2008
ONG Educação complementar de crianças e/ou jovens	56	20,0	58,0
Biblioteca comunitária		15,0	18,0
Escola de Educação Infantil		3,0	5,0
Escola de Ensino Fundamental	16	5,0	5,0
Organizações mistas	25	55,0	14,0
Não informado nos questionários de avaliação	3	2,0	0,0

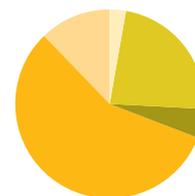
DISTRIBUIÇÃO DE ORGANIZAÇÕES POR REGIÃO GEOGRÁFICA



2006



2007



2008



“Quer seja na empresa, na vida social e na escola, sempre ocorre o equilíbrio entre a leitura e o status. Uma coletividade gera apenas o número de leitores dos quais precisa. Somente transformando-se ela abre condições para novas distribuições. Uma ação em favor da leitura inicia-se, portanto, por uma evolução do jogo social com o intuito de responsabilizar as pessoas em seu trabalho, seu lazer, sua vida social. Um grupo que vive é um grupo que lê, e não o contrário.”

JEAN FOUCAMBERT²

2.1 A leitura no Brasil

O BRASIL DEMOROU MUITO A FAZER DA PROMOÇÃO DE LEITURA UM campo de experimentação de políticas públicas, como veremos nesta breve trajetória do livro e da leitura no país. E levou mais tempo ainda para reconhecer a educação de crianças e adolescentes como direito básico e a formação de leitores como condição de cidadania.

Foram mais de três séculos e meio em que as populações com acesso restrito à informação e à cultura ficaram à margem de políticas que lhes garantissem o direito à educação básica. Atualmente,

2. Cenários da leitura

com um sistema escolar que se massificou, mas acabou por reproduzir a desigualdade social, milhares de estudantes passam pela escola, mas não conseguem dominar os códigos básicos de leitura e escrita. Só muito recentemente é que começa a se desenhar um cenário mais alentador e favorável: o poder público passa a se preocupar com a democratização da informação e não somente com o mercado editorial. Ao mesmo tempo, crescem os movimentos de fomento à leitura, de formação de leitores e de ampliação e democratização do acesso ao livro.

Atualmente, pode-se dizer que o livro e a leitura fazem parte da pauta cultural da nação. Mas ainda é preciso maior respaldo do poder público para que esses movimentos e iniciativas se afirmem, e que as ações de ler e frequentar bibliotecas passem a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.



Uma política para a difusão do livro e da leitura, não pode pender apenas para um dos lados, como foi a tendência histórica que se acirrou no Brasil: tratar o livro como um bem cultural para poucos. De que adianta advogar pela causa do livro, se não houver investimentos na formação de leitores e na democratização do seu acesso?

O livro para poucos

No Brasil, a construção de uma política pública de acesso ao livro e promoção da leitura e a articulação da sociedade para a formação de leitores surgem tardiamente, se comparadas a outros países do continente. Durante todo o período colonial, por exemplo, não se registram mais do que um negociante de livros e duas livrarias no país, e há um excessivo controle por parte de Portugal sobre a entrada de livros e impressos no território.

A incipiente população leitora da Colônia dependia de livreiros franceses – para o consumo de obras de maior valor literário – ou da boa vontade dos mascates, e dos que “tratam em livros”, como eram chamados os que vendiam livros nos armazéns de secos e molhados ao lado de toucinho, unguentos, calendários etc.

Só com a chegada da Corte e a criação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro – por decreto de 18 de maio de 1808 – a publicação regular de livros e de outros impressos foi possível, rompendo a dependência exclusiva da importação de obras estrangeiras.

O LIVRO E OS PONTOS DE VENDA

“Vossa Senhoria tem o seu próprio negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada ‘livros’? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro; batata, querosene ou bacalhau. É uma mercadoria que não precisa examinar nem saber se é boa nem vir a esta escolher. O conteúdo não interessa a V.S., e sim ao cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios etc.

(CARTA ENVIADA POR MONTEIRO LOBATO POR MEIO DE 1.300 AGENTES POSTAIS).³

A fundação da Biblioteca Nacional, em 1810, torna-se o marco na difusão da leitura, e a implantação dos cursos de Direito e Medicina, a partir de 1827 – no Rio de Janeiro, em São Paulo, Olinda e Recife – criam a ambiência cultural para a publicação de manuais técnico-científicos e a ampliação de bibliotecas. Pouco espaço, entretanto, ainda é reservado às belas-letas, contrariando o interesse dos leitores da terra, que buscam cada vez mais adquirir essas obras em sebos ou por meio de leilões divulgados pelos jornais.

A despeito das políticas da Corte, diversas associações foram organizadas pelos imigrantes portugueses para criar oportunidades de formação – como alfabetização de adultos, ensino de artes e ofícios, promoção de saraus literários e outras atividades de leitura –, para promover a inserção social e a “ilustração do espírito” dos novos habitantes.

Ao longo do século XIX, a circulação das obras fica restrita ao Rio de Janeiro e só muito mais tarde alcança outros centros. A censura persistirá por todo o Império e será preciso um salto de mais de um século para que se comece a construir políticas públicas de promoção do livro e da leitura. Muitas delas também relacionadas à necessidade de controlar e





censurar a produção intelectual. O Instituto Nacional do Livro (INL) nasce sob o Estado Novo de Getúlio Vargas (1882-1954), em 1937. Com o objetivo de aprimorar a produção editorial, sua reestruturação se dará justamente durante a ditadura militar. Em 1973, o INL foi remodelado, definindo-se como órgão “promotor de publicações”, com atuação mais abrangente para atender interesses educacionais, científicos e culturais. Os principais beneficiados pela mudança serão as editoras comerciais.

Esse olhar retrospectivo não pretende dar conta dos principais momentos da história do livro no país. O objetivo é apenas ressaltar o descompasso entre as políticas adotadas pelo Estado e a realidade da maioria da população, que permanece à margem de uma cultura letrada e alijada de toda atividade cultural.

O negócio do livro e o fomento à leitura

Nas décadas de 1980 e 1990, em consonância com a abertura e a democratização da sociedade brasileira, a política do livro foi marcada por uma sucessão de leis de incentivo que visavam ao estímulo da captação e da canalização de recursos para a produção cultural, assim como pelo surgimento de projetos e programas governamentais voltados para o incentivo à leitura, entre os quais: o Programa Nacional de Incentivo a Leitura – Proler (1992), o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE (1997), o Programa Fome de Livros (2004) e, mais recentemente, o Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL (2005).



Pela primeira vez, com o PNLL, um conjunto de programas, projetos, ações e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas demonstra a intenção de consolidar uma política de estado mediante a concentração e articulação dos esforços desenvolvidos pelos diversos atores sociais: Estado, universidade, setor privado e demais organizações da sociedade civil. Esses programas compõem o cenário imediatamente anterior ao atual, em que se anuncia uma política de promoção da leitura mais consolidada e que, aos poucos, deve se tornar realidade com o cumprimento da Lei do Livro (2003) e a criação do Fundo Pró-Leitura e do Instituto Nacional do Livro e da Leitura.

Nesse cenário recente reafirma-se o papel crucial que as iniciativas de promoção do livro e de fomento à leitura desenvolvidas pela sociedade civil desempenharam para o momento promissor do livro hoje no Brasil. Aos poucos, essas iniciativas promoveram as definições dos programas governamentais, que passaram a levar em conta a promoção da leitura no processo de democratização do livro de modo mais efetivo.

2.2 Momentos da história do livro e da leitura no Brasil

1808 Criação da Imprensa Régia no Brasil, que permitiu a produção sistemática de jornais, livros, periódicos etc.

1810 Fundação da Biblioteca Nacional, por iniciativa de D. João VI, e franqueada ao público quatro anos depois. Marco na difusão das práticas de leitura e surgimento de pequenas bibliotecas de profissionais, como advogados e médicos, cujo acervo, além de abrigar obras de cunho técnico-científico, incluía textos de literatura portuguesa e francesa.



1889 Primeiro acordo para proteção de obras literárias e artísticas entre Brasil e Portugal. Porém uma lei de proteção dos direitos autorais só seria promulgada em 1912.

1837 Fundação do Gabinete Português de Leitura, iniciativa de imigrantes portugueses, na maioria comerciantes, com o intuito de “ilustrar o espírito dos seus sócios”. Começa a se formar o único acervo capaz de rivalizar em importância com o da Biblioteca Nacional e com sistema de empréstimo gratuito.

1840 Francisco João Muniz, secretário do Gabinete Português de Leitura, funda a Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro. Uma série de atividades é realizada para dar oportunidade educacional aos novos habitantes – entre elas alfabetização de adultos, saraus literários etc. A instituição alcançou outras cidades como Belém, Manaus, Recife, Salvador, Santos, Pelotas e Porto Alegre.



1968 Primeira Bienal do Livro de São Paulo.

- Criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – seção brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY –, pioneira em diversas áreas do livro infantil e juvenil e da leitura no Brasil.



GUSTAVE COURBET,
RETRATO DE BAUDELAIRE
C. 1848
MUSEU FABRE, MONTPELLIER

1937 É criado, sob a ditadura de Getúlio Vargas, o primeiro órgão brasileiro para definição de uma política de leitura e difusão do livro: o Instituto Nacional do Livro. Entre as atribuições: implantar bibliotecas públicas, facilitar a difusão do livro, organizar a *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário da Língua Nacional*, editar obras de interesse para a cultura nacional e estimular o mercado editorial. Acaba centralizando suas ações na área de produção de livros.

1973

O Instituto Nacional do Livro é reestruturado durante a ditadura militar. Seu raio de ação é ampliado para atender interesses educacionais, científicos e culturais, o que favoreceu o controle e a censura prévia da produção cultural. O livro deixa de ter um organismo próprio, porém ações de incentivo às bibliotecas públicas e de difusão do livro didático ganham impulso.



FETTI, DOMENICO
THE REPENTANT ST MARY MAGDALENE
1617-21
GALLERIA DORIA-PAMPHILI, ROMA



SANDRO BOTTICELLI
MADONNA DEL MAGNIFICAT (DETALHE)
1480-81
GALLERIA DEGLI UFFIZI, FLORENÇA

1992 É criado o Proler, primeiro programa de incentivo à leitura do governo federal. Vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, envolve estados e municípios, iniciativa privada e ONGs. Com sede na Casa de Leitura do Rio de Janeiro, o programa possui núcleos em todos os estados.



ROGIER VAN DER WEYDEN
ST IVO
C.1450
NATIONAL GALLERY, LONDRES

1991 Lei Rouanet –
Lei nº 8.313 – Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), incentivando a captação de recursos por meio de incentivos fiscais. O maior beneficiado será o mercado editorial do sul e sudeste do país, mas não para a publicação de obras literárias.

1986 Lei Sarney –
Lei nº 7.505.
O livro continua a ser tratado dentro do campo da cultura. Os incentivos ampliam a publicação de livros de arte e os de maior custo editorial.

1997 É criado o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) para distribuição de livros na escola pública. Aos poucos foi ampliado para todos os níveis escolares.

2003 Lei Nacional do Livro – Lei nº 10.753, que institui a Política Nacional do Livro.



PIETER JANSSENS ELINGA
READING WOMAN
ALTE PINAKOTHEK, MUNIQUE

2004 PNLEM – Programa de distribuição de livros didáticos para alunos do ensino médio de escolas públicas.

2005 Criação do Programa Fome de Livros, com o objetivo de implantar bibliotecas públicas nos municípios que não dispõem dessas instalações, dinamizar as já existentes e possibilitar o acesso da população à informação e ao enriquecimento intelectual.

2006 Lançamento do 1º Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) pelo governo federal. Prevê um conjunto de programas, projetos, ações e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas, em quatro eixos estratégicos: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de leitores; valorização da leitura e da comunicação, e apoio à economia do livro.

2008 O programa Mais Cultura do MinC promove o 1º Concurso Pontos de Leitura para iniciativas envolvidas com a prática da leitura em todo o país.

- Realização do II Fórum do PNLL visando a uma reflexão e um balanço das práticas de leitura.



JOHANNES VERMEER
WOMAN IN BLUE READING A LETTER (DETAIL)
1663-64
RIJKSMUSEUM, AMSTERDĀ

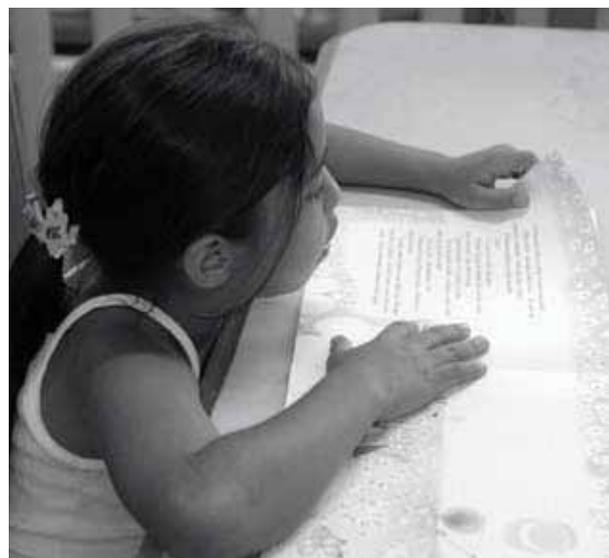
BIBLIOTECAS NO BRASIL

De acordo com dados oficiais do PNLL, em 2008 o Brasil possuía 5.000 bibliotecas públicas, 10.000 bibliotecas comunitárias, 52.634 bibliotecas escolares e 2.165 bibliotecas universitárias.

2.3 Crianças e jovens leitores

Ler e frequentar bibliotecas são práticas que ainda estão longe de se tornar parte da vida cotidiana dos brasileiros. Mas os esforços de projetos de leitura e de ações de promoção do livro realizados nas duas últimas décadas mostram seus primeiros resultados positivos. A segunda edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, sobre o comportamento leitor dos brasileiros, promovida pelo Instituto Pró-Livro, revela que os leitores que mantêm relação mais frequente com livros são justamente os da faixa etária de 11 a 17 anos. E mais ainda: nessa mesma faixa, quanto mais novos, maior o percentual de penetração da leitura no cotidiano.

Dados como esses demonstram que investimentos recentemente realizados em prol do acesso ao livro para crianças e adolescentes em idade de frequência escolar obrigatória têm gerado resultados, seja porque há mais livros no ambiente escolar, seja porque as famílias vêm sendo motivadas através de campanhas e outras ações de incentivo à leitura. Os jovens, por sua vez, expostos a situações em que a leitura se faz necessária – como a necessidade de inserção no mercado de trabalho ou de ingresso na universidade – também passam a fazer





parte de um grupo com alta taxa de penetração da leitura.

Essas conclusões, no entanto, têm caráter intuitivo, pois, ainda que o estudo ofereça meios para compreensão do perfil do leitor, dados quantitativos são insuficientes para se deduzir quais práticas de incentivo à leitura têm influenciado o comportamento do leitor – considerando

um ambiente tão complexo e cheio de solicitações de lazer e de necessidades de aprendizagem.

De qualquer modo, as instituições que promovem a leitura no país devem refletir a fundo sobre o perfil do leitor brasileiro mostrado em *Retratos da leitura no Brasil*, para propor ações que levem em conta um país que quer ler, mas que não tem acesso à compra de livros e onde apenas um entre quatro estudantes frequentam bibliotecas; um país cujos jovens e crianças reconhecem a leitura como fonte de conhecimento, mas que não herdaram esse valor da família – como seria de se esperar. Um país em que as desigualdades sociais continuam a se revelar nos retratos da leitura.

PREFERÊNCIA POR LITERATURA

A leitura de livros de literatura fica em terceiro (literatura adulta) e quarto (literatura infantil e juvenil) lugares nas preferências daqueles que foram considerados leitores pela pesquisa.

E a faixa etária que mais lê literatura é de 11 a 24 anos de idade.



3. Ideário do programa

“O filósofo e educador brasileiro Paulo Freire sempre fez questão de situar a leitura de mundo como um conceito amplo que remete qualquer sujeito à necessidade de entender sua vida na relação com o mundo, estabelecendo uma mútua determinação entre linguagem e pensamento. Pensa-se o mundo, a vida no mundo, com o pensamento e com a linguagem (e dentro da linguagem a leitura dos textos verbais). Leitura de mundo e leitura das palavras dialogam.”⁴

PRAZER EM LER

3.1 Por que a leitura?

O GOSTO PELA LEITURA, ASSIM COMO O DE OUTROS PRAZERES humanos, é uma construção social e enquanto tal deve ser transmitida. Não é uma decorrência natural do contato com as primeiras letras. Embora seja quase sempre na escola que o leitor aprende a ler, é também na própria escola, muitas vezes, que ele aprende a “desgostar de ler”.⁵ Por isso, a história que cada um vai constituir com a leitura até que ela de fato seja incorporada na sua vida é particular e, para muitos, cheia de obstáculos a vencer.

Prazer em Ler

“Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela (a literatura), como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um”.⁶

TZEVAN TODOROV

A ausência de tradição cultural letrada, a falta de estímulo por parte da família, a dificuldade de acesso aos livros, os apelos de lazer da cultura de massa para outras mídias, entre outras questões, são alguns dos obstáculos que dificultam uma incorporação mais substancial da leitura e do mundo dos livros. Mas nenhum deles é tão ameaçador quanto um ambiente marcado pela injustiça social e pela privação da cidadania.

Ao propor como bandeira o direito à leitura, o programa *Prazer em Ler* partiu da premissa de que o acesso à informação e ao conhecimento é um direito, indissociável, de uma visão de mundo democrática e participativa. “A leitura será sempre um processo de produção de sentidos na construção do real, que envolve o sujeito leitor, o texto, e as práticas anteriores de leitura.”⁷ O leitor forma esquemas conceituais, a partir das informações recebidas de diferentes meios de comunicação. Mas é diante do texto escrito que ele lança mão desses esquemas para extrair significados, os quais quase nunca serão os mesmos que aqueles ideados pelo autor ou por outros leitores.

Nesse sentido que “é preciso ser um inventor para ler bem”⁸ e que o livro pode ser um lugar de produção da subjetividade. Ou, de acordo com as palavras de Xosé Antonio Neira Cruz: “De modo geral, entendemos a leitura como um exercício que nos permite uma vida melhor, ou, no mínimo, a possibilidade de melhorar na vida. De ler depende a aquisição de conhecimentos, tão necessários



para se desenvolver e progredir. Na leitura está a possibilidade de estarmos informados, que é um jeito – talvez um dos mais eficazes no nível psicológico – de nos sentirmos protegidos”.⁹

Assim, mais do que a oportunidade de acessar conhecimentos e de se apropriar da língua, é por meio da leitura que cada um pode construir e reconstruir sua identidade, ampliar seu universo de referências e formular questões sobre as coisas e o mundo. Nessa construção de um olhar crítico sobre o mundo é que mora o “perigo da leitura”, argumento utilizado, em vários momentos históricos, para limitar o acesso da maioria ao mundo letrado e da cultura. É precisamente nessa conexão com a vida, nessa possibilidade de formular juízo crítico, que reside o poder da leitura.

Na sociedade atual, em que a informação está na base da própria reprodução da sociedade, ampliar e garantir o acesso ao mundo proporcionado pela leitura representa, em última instância, um

“Se a leitura é um ofício que nos permite recordar a experiência comum a toda a humanidade, segue-se que governos autoritários forçosamente tentarão suprimir a memória conservada nas páginas.”¹⁰

ALBERTO MANGUEL

caminho para o fortalecimento da democracia e o implemento da igualdade de condições para aceder ao mercado e à cidadania. Isso porque, como vimos, a leitura possibilita ao indivíduo conhecer e se posicionar diante da realidade, conduzir seu próprio destino e construir novos projetos rompendo, assim, com um longo círculo de pobreza e de marginalização social.

Leitura e autonomia

Para o programa *Prazer em Ler*, é justamente no diálogo com o texto escrito, na busca incessante de produzir sentido para o que se lê, frase por frase, que o leitor vai ganhando autonomia para formular seus próprios juízos críticos, até assumir o controle da própria leitura.

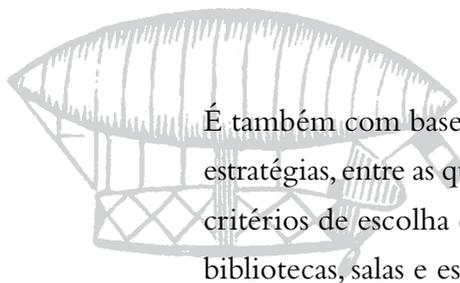
Tornar-se leitor “significa ter acesso aos escritos sociais, sabendo encontrá-los onde estão. Significa, pois, ser usuário de equipamentos coletivos. O leitor não é aquele que lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria os seus próprios meios para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses”.¹² Não é ler para ficar mais inteligente e aprender a reproduzir o que foi escrito. Mas ler para fazer perguntas, como disse o escritor tcheco Franz Kafka certa vez a um amigo.

É apostando nessa concepção ampla da leitura que o programa *Prazer em Ler* investe no desenvolvimento dos instrumentos teóricos e práticos necessários para sua promoção e para a formação de leitores em comunidades ainda com pouco acesso à cultura letrada.

“A leitura é uma força que requer umas poucas palavras iniciais para se tornar irresistível.

Quem é capaz de ler uma frase é capaz de ler todas. Mais importante: esse leitor tem agora a possibilidade de refletir sobre a frase, de agir sobre ela, de lhe dar significado.”¹¹

ALBERTO MANGUEL



É também com base nisso que o programa definiu suas principais estratégias, entre as quais: investir no leitor desde a infância; oferecer critérios de escolha de textos de qualidade; estimular a criação de bibliotecas, salas e espaços de leitura bem equipados, com acervos diversificados; e capacitar educadores mediadores para fomentar nesses leitores a construção de itinerários autônomos de leitura.

3.2 *Por que a literatura?*

No livro *Biblioteca à noite*, o escritor Alberto Manguel recorre à história de Robinson Crusoe¹³ para sustentar a ideia de que o livro não é apenas um instrumento de instrução. Tão logo o naufrago encontra as ferramentas e alimentos para satisfazer suas necessidades materiais, resolve buscar distração nos poucos livros do navio. Ainda desesperado, e tentando entender a sua terrível condição, encontra num volume da *Bíblia*, ainda em bom estado, a frase: “Jamais, jamais te deixarei nem te abandonarei” e, imediatamente, tem a impressão de que aquelas palavras haviam sido escritas especialmente para ele.

Pensando nesse episódio, Manguel afirma, “o livro de que nos aproximamos por obra do instinto, da emoção e do entendimento: nós sofremos com ele, nós o traduzimos para nossa própria experiência (a despeito das camadas de leitura com que um livro

*Prazer de ler não significa apenas achar uma história divertida ou seguir as peripécias de um enredo empolgante e fácil – além dos prazeres sensoriais que compartilhamos com outras espécies, existe um prazer puramente humano, o de pensar, decifrar, argumentar, raciocinar, contestar, enfim: unir e confrontar ideias diversas. E a literatura é uma das melhores maneiras de nos encaminhar a esse território de requintados prazeres. Uma democracia não é digna deste nome se não conseguir proporcionar a todos o acesso à leitura de literatura.*¹⁴

ANA MARIA MACHADO



nos chega às mãos) e nos tornamos, essencialmente, seus primeiros descobridores”.¹⁵

É esta experiência de verdadeiro encontro, de relação íntima com o livro (aquele que, na maior parte das vezes, será levado conosco para a cama) que a literatura pode proporcionar “um diálogo subjetivo, íntimo, secreto e bem próximo da delicadeza com que os humanos gostam de ser tratados”.¹⁶ A literatura convida o leitor para um exercício vital: enxergar no lugar do outro, a partir da “caça” furtiva de significados realizada nos encontros íntimos com o livro. Isto é, ela constitui a “possibilidade, pela convivência com a contínua produção e com a circulação de percepções e indagações inusitadas, de uma pessoa ou de um coletivo de pessoas, de pensar a vida delas, os modos de ser e estar no mundo; enfim, de viver e fazer a condição humana”.¹⁷

Portanto, podemos afirmar que o texto literário costuma ajudar o leitor a entender seus sentimentos no mundo: medos, dores, alegrias, perdas e outros, às vezes inconfessáveis – que acabam ficando quase em segredo entre o leitor e a voz que emana do livro, em uma espécie de pacto de compreensão.

“A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características.”¹⁸

TZEVAN TODOROV

O vínculo com a imaginação – a leitura literária

O investimento na literatura, opção estratégica do programa, tem lugar de destaque nos processos de formação de educadores e de leitores do *Prazer em Ler* desde as suas primeiras ações. Tal ênfase se justifica na convicção de que “o gosto pela leitura”, a descoberta “do prazer em ler” se transmite, se aprende. Contagiar a paixão pelo livro e pela leitura pressupõe ser leitor. A ausência de uma tradição leitora entre nós – responsável pela falta de intimidade com os livros, até mesmo entre os próprios educadores – torna prioritária e urgente a “formação do educador”.

O ponto de partida dessa nova perspectiva sobre a promoção de leitura reside na aposta da força que a literatura tem de criar um vínculo direto com a imaginação do leitor e de ser capaz de expandi-la para muito além do texto. E um dos pressupostos fundamentais para seu sucesso reside na compreensão de que a fruição do texto literário – longe de qualquer utilitarismo – está, como já vimos, na relação que o leitor ativo, isto é, autônomo, estabelece com o autor por meio do livro. É por esse caminho que o contato com a leitura literária propicia o desenvolvimento de uma relação subjetiva, de intimidade do leitor com o livro.

Uma relação que não passa apenas pela “compreensão” do que está sendo lido, mas pelo despertar do que Sartre chamou “consciência imaginante”. Em outras palavras, um impulso que leva o leitor a uma entrega, ao abandono relativo do mundo que o cerca

“Que coisa é o livro?
Que contém na sua
frágil arquitetura
aparente? São palavras
apenas, ou é a nua
exposição de uma
alma confidente? De
que lenho brotou? Que
nobre instinto de prensa
fez surgir esta obra de
arte que vive junto a
nós, sente o que eu sinto
e vai clareando o mundo
em toda parte?”¹⁹

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

CONSCIÊNCIA IMAGINANTE

concebe a imaginação como uma das formas da consciência de se relacionar com o mundo, nesse caso com um objeto ausente ou inexistente. Portanto, a consciência imaginante não é algo que se dá “dentro” do sujeito, mas na sua relação com o mundo.²⁰

FRUIÇÃO ESTÉTICA

Sigmund Freud sugeriu que poderia fazer uma comparação entre as invenções da ficção e as da fantasia, pois ao ler ficção “nossa fruição real de uma obra da imaginação vem da liberação de tensões em nossa mente [...] permitindo-nos daí por diante fruir de nossas fantasias sem autorrecriação ou vergonha.”²¹

para se colocar num movimento criativo, lúdico, prazeroso, que alimenta sua construção como sujeito livre, autônomo e crítico. Outros estudiosos preferem chamar essa experiência de *fruição estética*, pois o leitor é libertado pelo imaginário “de tudo aquilo que torna a realidade da sua vida cotidiana *constrangedora*”.²² Em suma, um espaço onde o sonho se faz presente, onde o leitor é livre para conduzir sua imaginação para além da sua cotidianidade, e as apostas num mundo diferente são possíveis.

A leitura literária deve ser assim pautada pelo ritmo que leitor e texto imprimem, sem cobranças, aberta, livre, de múltiplos entendimentos e interpretações possíveis. A fruição do texto literário, nesse sentido, não se dá pela descoberta e/ou interpretação de uma mensagem unilateral contida no livro. É precisamente neste “se deixar levar” pelo texto que reside “o prazer de ler”, fruto do fato que “O texto literário [...] faz da arte poética um jogo de sedução e tenta atrair o leitor que então tem o prazer de se sentir desejado e querer corresponder a este desejo”.²³

Esse entendimento da leitura literária é responsável por novas implicações no campo da formação leitora. A afirmação da autonomia do leitor, a consideração da obra literária na sua relação com o leitor, por um lado, descartam toda e qualquer receita ou fórmula, toda e qualquer redução, simplificação e unilateralidade do texto literário; por outro, a identificação da variedade de prazeres embutidos na leitura: “esse prazer da leitura não precisa necessaria-

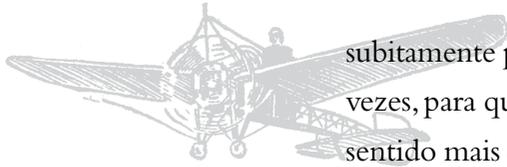


mente estar associado ao divertido, ao leve, ao engraçado, ao empolgante – e essa confusão é um dos maiores equívocos com que nos deparamos quando se usa essa expressão no caso da literatura infantil e juvenil”.²⁴

Espaço íntimo e o leitor aprendiz

Numa reunião de uma organização não-governamental que empreende um projeto de formação de jovens mediadores de leitura do programa *Prazer em Ler* foi proposto a um grupo de adolescentes, moradores da periferia de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que relatasse o que cada um considerava sua principal virtude e que sonho alimentava. Nenhum deles reconheceu ter qualquer virtude. E quanto aos sonhos... Depois do estranhamento e das risadas – como se sonhar fosse um privilégio que não era para eles – surgiram algumas respostas tímidas: “o sonho – quando existe – vem lá em último lugar...” (Cecom, formação do grupo de jovens mediadores).

Michèle Petit, antropóloga francesa dedicada aos estudos sobre a leitura e a relação com os livros, adverte: “O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro propicia não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência – não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem



subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra.”²⁵

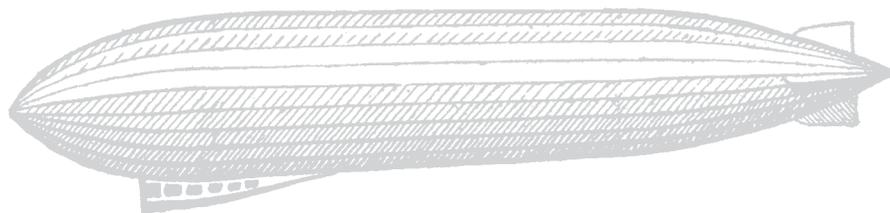
Por acreditar que a leitura literária é um caminho para despertar e expandir a imaginação do leitor em qualquer idade, os acervos estruturados com o apoio do *Prazer em Ler* priorizam os livros de literatura – diversificados, mas adaptados aos interesses múltiplos dos seus diferentes leitores. Acolhem, assim, os contos de fadas, álbuns ilustrados, lendas, fábulas, mitos, poesias, aventuras e a ficção da literatura universal como um todo.

Essa aproximação com o livro, no entender do programa, deve ser incentivada antes mesmo de a criança estar alfabetizada, motivando, assim, o gosto pela leitura e a familiaridade com o objeto. Inúmeros recursos são utilizados para atrair esse leitor aprendiz.



Mas nenhum deles substitui o livro para crianças ilustrado: “publicações destinadas a elas apresentam muitas ilustrações, pois a imagem captura a atenção do leitor e, por estar acoplada à escrita, suscita o interesse por seu entendimento”.²⁶

Cada fase da vida desse leitor é apropriada para levá-lo aos livros de ficção. Cada história poderá ajudá-lo a pensar melhor o mundo e a resolver as questões que se apresentam. E, sem dúvida, a sonhar, se divertir e alimentar a imaginação e a reflexão. Assim, com o passar do tempo, sob efeito das leituras anteriores, ele se tornará cada vez mais exigente, solicitando livros que proporcionem diversão, prazer, conhecimento, e que sigam aprofundando as suas relações com o mundo, consigo mesmo e com o outro.



I

OBJETIVO GERAL

* Promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil.

2

PRINCÍPIO DO PROGRAMA

* Ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura.

3

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- * Desenvolver projetos de leitura em diferentes espaços institucionais – Organizações não-governamentais (ONGs), escolas, bibliotecas e outros.
- * Disseminar a importância da leitura para a sociedade em geral, por meio de uma comunicação contínua, sistemática e com alto grau de acessibilidade.
- * Articular diferentes agentes sociais que atuam ou podem atuar na promoção da leitura.

4. O programa *Prazer em Ler* 2006-2008

4.1 Diretrizes do programa Prazer em Ler

4

DIRETRIZES

- * Estabelecer relações de parceria com instituições sem fins lucrativos para o desenvolvimento do programa.
- * Assegurar a visibilidade do programa por meio de mecanismos de monitoramento e avaliação.
- * Reconhecer a leitura enquanto prática social que ocorre em distintos tempos e espaços, situações e modos de realização.
- * Assegurar à criança e ao adolescente o acesso ao uso do livro.
- * Estimular a criação de espaços organizados e equipados com material de leitura diversificado.
- * Assegurar a formação de mediadores de leitura.
- * Estimular a coesão de forças da comunidade, como bibliotecas escolares, bibliotecas comunitárias, grupos organizados e afins para a promoção da leitura.

Fechando um ciclo

4.2 Cronologia

Marcos do programa

[FEV/2006] O programa começa com o estabelecimento de parcerias com instituições sem fins lucrativos que desenvolviam, em sua maioria, ações de educação complementar à escola. De fevereiro de 2006 a fevereiro de 2007, 67 projetos de promoção da leitura foram apoiados pelo programa.

Lançamento do primeiro volume da publicação *Prazer em Ler*, que dá suporte à implementação do programa: *Prazer em Ler – um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura*. A publicação está disponível para *download* no *site* do Instituto C&A.

[MAR/2006] Em parceria com o programa de voluntariado do Instituto C&A, o *Prazer em Ler* dá início à instalação de Estações de Leitura nas unidades C&A. Tais espaços são voltados a promover a leitura entre os funcionários da empresa. Em fevereiro de 2009, o Instituto C&A registrou a existência de 172 Estações de Leitura na rede de lojas C&A.

[23/AGO A 3/SET/2006] Participação no 8º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ). O Instituto C&A apresentou o programa *Prazer em Ler* em um estande.

- [21/SET/2006] Realização do 1º Seminário Nordeste de Práticas de Promoção da Leitura, em Aracaju (SE). O evento foi resultado de uma parceria do Instituto C&A com o Instituto Alexsandro Alcino e reuniu cerca de 250 pessoas.
- [MAR/2007] Início do segundo ano do primeiro ciclo do programa. As instituições participantes foram selecionadas via edital. De março de 2007 a fevereiro de 2008, 72 projetos de promoção da leitura foram apoiados.
- [MAR/2007] Lançamento do segundo volume da publicação que dá suporte à implementação do programa, *Prazer em Ler: Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação de leitura*. Disponível no *site* do Instituto C&A.
- [23/MAI A 3/JUN/2007] Participação no 9º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ). O Instituto C&A apresentou o programa em um estande.
- [24/MAI/2007] Instituto C&A e Secretaria Municipal da Educação de São Paulo (SME – SP) firmam parceria para o desenvolvimento do projeto Formação de Educadores e Alunos Mediadores de Leitura nas Escolas. A ação envolveu unidades educacionais situadas na zona sul da cidade de São Paulo. A primeira fase do projeto encerrou-se em fevereiro de 2009.
- [2/AGO/2007] Instituto C&A, Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) e Secretaria Estadual da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (Seec) firmam parceria para desenvolver



o projeto Formação de Educadores Mediadores de Leitura nas Escolas de Natal. Também conhecido como *Prazer em Ler* – Escolas Públicas, o trabalho representou

a realização de uma formação continuada para educadores de escolas públicas da Grande Natal. A primeira fase do projeto encerrou-se em fevereiro de 2009.

[22 A 24/AG0/2007] Realização do Seminário *Prazer em Ler* de Promoção da Leitura – Nos caminhos da Literatura. O evento foi organizado pelo Instituto C&A e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e contou com a presença de 561 participantes.

[29 E 30/OUT/2007] Realização do Seminário Potiguar *Prazer em Ler* em Natal (RN), resultado da parceria entre Instituto C&A, IDE e Sec. Cerca de 500 pessoas compareceram ao evento.

[31/OUT/2007] Realização do 2º Seminário Nordeste de Práticas de Promoção da Leitura, em Aracaju (SE). O evento foi organizado pelo Comitê Comunitário do Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, o Instituto C&A e a Academia Sergipana de Letras. Mais de 300 pessoas prestigiaram o encontro.

[MAR/2008] Início do terceiro ano do primeiro ciclo do programa.

As instituições participantes foram selecionadas via edital. De março de 2008 a fevereiro de 2009, 82 projetos de promoção da leitura foram apoiados pelo programa.

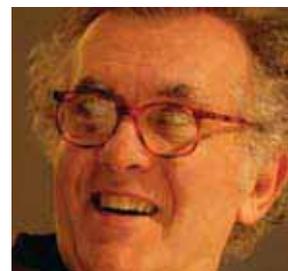
[MAI/2008] Lançamento do livro *Nos caminhos da literatura*, publicado a partir do Seminário *Prazer em Ler* de Promoção da Leitura da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e Instituto C&A. A publicação traz 17 artigos de escritores e especialistas em promoção da leitura e foi editada pela Peirópolis.

[25/MAI A 1/JUN/2008] Participação no 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ). O Instituto C&A apresentou o programa em um estande.

[14 A 17/AGOS/2008] Participação do Instituto C&A e de instituições vinculadas ao programa *Prazer em Ler* no II Fórum do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e no I Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, em São Paulo (SP).

[24 A 26/SET/2008] Realização do II Seminário Potiguar *Prazer em Ler* em Natal (RN). Quinhentas e sessenta e nove pessoas participaram do encontro.

[15/JAN/2009] Promulgação da Lei Estadual nº 9.169, de 15 de janeiro de 2009, de autoria do deputado Robinson Faria (PMN-RN). A lei dispõe sobre a criação da política estadual de promoção da leitura



literária nas escolas públicas do Rio Grande do Norte e foi inspirada no trabalho de promoção da leitura realizado em Natal por meio da parceria entre Instituto C&A, IDE e Seec.

Encontros de formação de educadores

[8 A 10/FEV/2006] 1º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em Guararema (SP). Tema: *Princípios e práticas do programa Prazer em Ler como orientadores dos projetos de leitura*. Participantes: 67 educadores.

[15 A 18/MAI/2006] 2º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em Guararema (SP). Temas: *Marcos conceituais do programa, espaços de leitura, “contratos” do trabalho pedagógico e formação do voluntário*. Lançamento do Sistema de Avaliação e Acompanhamento do programa *Prazer em Ler*. Participantes: 67 educadores.

[28 A 31/AGO/2006] 3º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em São Paulo (SP). Temas: *Prazer na leitura, critérios para a seleção de acervo, formas de organização dos espaços e catalogação de materiais e avaliação do programa*. Participantes: 67 educadores.

[20 A 23/MAR/2007] 4º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em São Paulo (SP). Temas: *Por que ler literatura,*

produção e leitura de jornais escolares, mediação da leitura e promoção da leitura no Brasil. Participantes: 71 educadores.

[20 A 21/AGO/2007] 5º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em São Paulo (SP). Temas: *A avaliação interna como ferramenta de gestão dos projetos de leitura e a experiência do voluntariado.* Participantes: 71 educadores.

[27 A 30/NOV/2007] 6º Encontro de Formação de Educadores-Mediadores de Leitura, em Embu das Artes (SP). Temas: *Organização, qualificação e diversificação de acervos literários; programa de voluntariado do Instituto C&A.* Participantes: 71 educadores.

[26 A 30/MAI/2008] 7º Encontro de Educadores-Mediadores de Leitura, no Rio de Janeiro (RJ). Temas: *Espaço, acervo e mediação; programa de voluntariado do Instituto C&A.* Participantes: 85 educadores.

[25 A 27/NOV, EM OLINDA (PE); 1º A 3/DEZ, NO RIO DE JANEIRO (RJ); 4 A 6/DEZ/2008, EM SÃO PAULO (SP)] 8º Encontro de Educadores-Mediadores de Leitura. Formações regionalizadas. Temas: *O programa Prazer em Ler e o contexto nacional de promoção da leitura; memória do programa; ação voluntária.* Participantes: 85 educadores.

Concursos e premiações

[26/SET/2006] Entrega do Prêmio *Prazer em Ler*, aberto às instituições sem fins lucrativos participantes do programa *Prazer em Ler*. O prêmio buscou enriquecer a formação em mediação da leitura oferecida pelo programa, por meio do reconhecimento e da difusão de boas práticas na área.

[17/SET/2006] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça – Voluntários*. O concurso destacou os melhores textos relatando experiências pessoais de leitura entre os voluntários do Instituto C&A.

[24/OUT/2007] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça – Voluntários*.

[24/OUT/2007] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça – Educadores*. O concurso foi dirigido a educadores de instituições parceiras do programa e destacou os melhores textos relatando experiências pessoais de leitura.

[24/OUT/2007] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça – Professores*. O concurso foi dirigido a professores do ensino fundamental de escolas estaduais da Grande Natal (RN) que participaram do programa *Prazer em Ler*. Foram destacados os melhores textos relatando experiências pessoais de leitura.

[24/OUT/2007] Entrega do Prêmio *Prazer em Ler* – Voluntários. A premiação reconheceu as equipes de voluntários que mais se destacaram no trabalho de mediação da leitura com as instituições apoiadas pelo programa.

[17/SET/2008] Divulgação dos vencedores do Prêmio *Prazer em Ler* – Escolas Públicas, conferido a seis escolas estaduais do ensino fundamental da Grande Natal (RN) participantes do programa *Prazer em Ler*. O concurso buscou disseminar os planos de gestão dos espaços de leitura e fomentar a reflexão sobre o processo de formação dos educadores das escolas vivenciado no âmbito do programa.

[10/OUT/2008] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça* – Voluntários.

[21/OUT/2008] Entrega do Prêmio *Prazer em Ler* – Voluntários. A premiação elegeu as melhores experiências de engajamento e participação social do voluntariado do Instituto C&A, com foco na promoção da leitura (tanto junto às instituições sociais parceiras quanto na C&A).

[25/NOV/2008] Divulgação do resultado do concurso *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça* – Educadores. No ano do centenário da morte do escritor Machado de Assis, os educadores foram convidados a escrever sobre experiências de leitura de obras do escritor.

Apoio a eventos de promoção da leitura

[23/AGO A 3/SET/2006] 8º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ).

[1º A 2/SET/2006] II Encontro “Formação de Leitores e Literatura Infantil”, em São Paulo (SP). O evento foi organizado pelo Centro de Estudos A Cor da Letra.

[18 E 19/DEZ/2006] Natal com Leituras na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e pela Fundação Biblioteca Nacional.

[23/MAI A 3/JUN/2007] 9º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ).

[27/AGO/2007] Encontro Hispano-latino-americano de Literatura Infantil e Juvenil *Prazer em Ler*, no Rio de Janeiro (RJ). O evento foi organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

[4 A 7/DEZ/2007] Natal com Leituras na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e pela Fundação Biblioteca Nacional.

[21/MAI A 1/JUL/2008] 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro (RJ).

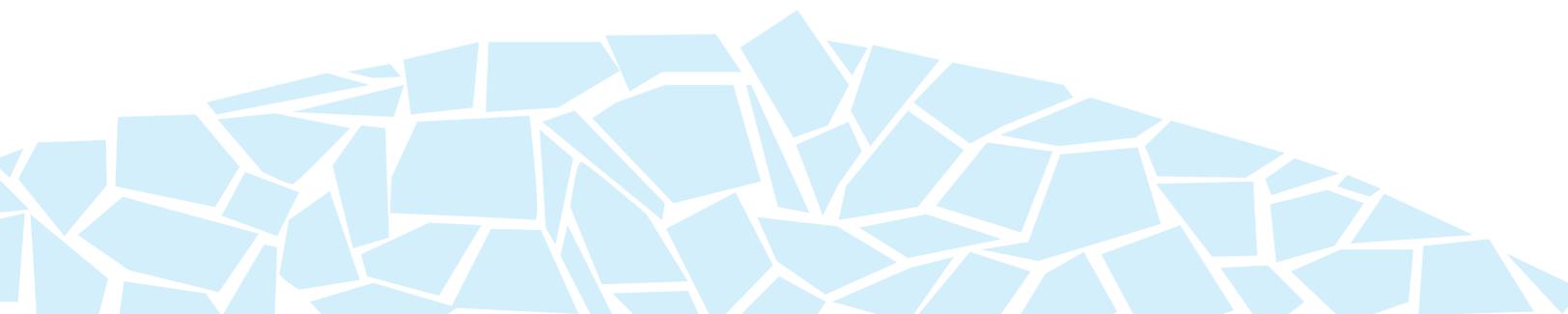


[28/MAI/2008] 5º Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, no Rio de Janeiro (RJ). O evento aconteceu em paralelo ao 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.

[1º A 7/JUN/2008] 6º Salão do Livro do Piauí (Salipi), em Teresina (PI).

[24 A 31/AGO/2008] 6º Festival Recifense de Literatura – A Letra e a Voz, organizado pela Secretaria de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife (PE).

[17 A 19/NOV/2008] Natal com Leituras na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e pela Fundação Biblioteca Nacional.



4.3 Resultados

2006

PROJETOS APOIADOS	67
RECURSOS INVESTIDOS	R\$ 6.500.000,00
PARTICIPANTES DOS PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA DO PROGRAMA	64 instituições 13.886 crianças 6.271 adolescentes 616 jovens 7.365 pais 1.790 membros da comunidade
EDUCADORES ENVOLVIDOS NA FORMAÇÃO EM MEDIAÇÃO DE LEITURA	67 diretos e 727 indiretos



2007

2008

72

82

R\$ 7.200.000,00

R\$ 7.200.000,00

70 instituições/ 128 escolas públicas

64.614 crianças

7.484 adolescentes

1.901 jovens

4.026 familiares

36.321 Membros da comunidade

82 instituições/ 140 escolas públicas

42.160 crianças

10.682 adolescentes

5.948 jovens

4.134 familiares

176.913 membros da comunidade

159.570 pessoas

337 educadores/professores (diretamente)

1.470 educadores/professores (indiretamente)



“Os livros são para usar;
A cada leitor o seu livro;
A cada livro o seu leitor
A biblioteca é um organismo em crescimento.”

RANGANATHAN, BIBLIOTECÁRIO INDIANO



[PARTE II]

Metodologia





I. Espaço,

1.1 Introdução

BIBLIOTECAS, SALAS DE LEITURA E ESPAÇOS MÓVEIS ADAPTADOS ÀS necessidades dos jovens leitores e equipados para sustentar uma programação viva de incentivo à leitura literária; acervos de qualidade, atualizados e dispostos de maneira atraente; e mediadores prontos para transmitir a paixão pelos livros. *Espaço, Acervo e Mediação* são os eixos que definem a prática dos projetos de leitura, como foram concebidos desde o início do *Prazer em Ler* e como vêm sendo aperfeiçoados, tendo-se em conta as experiências trocadas durante os encontros de formação dos educadores mediadores, do acompanhamento e avaliação do programa e, principalmente, pela vivência desses postulados no dia a dia das comunidades. A consolidação da metodologia do *Prazer em Ler* se expressa na voz das crianças e adolescentes e na sensibilidade dos educadores sociais que aprenderam a ouvi-los.

mediação, acervo

*A Biblioteca também não
é só lugar de livro, é lugar
de ler da gente também...*

MELISSA RIQUELI,
9 ANOS, FREQUENTADORA DA
BIBLIOTECA SABER
COM SABOR, PRAÇA CLÓVIS
CARDOSO, CUIABÁ

1.2 Espaço

No contexto social em que está inserida a maioria das bibliotecas comunitárias que atendem a crianças e adolescentes no Brasil, torna-se cada vez mais relevante a criação de referências educacionais que contribuam de diversas formas para a ampliação das oportunidades aos leitores nessa faixa etária. Os espaços de leitura que oferecem atividades sistemáticas têm um papel essencial na constituição de valores positivos relativos à aprendizagem de conhecimento. Além disso, a manutenção dos espaços de leitura e das atividades ali desenvolvidas é capaz de promover vínculos duradouros entre as crianças, adolescentes, seus familiares e os profissionais responsáveis pelos espaços de leitura. No longo prazo, esses elos contribuem para incentivar comportamentos leitores nas comunidades onde as bibliotecas estão inseridas. Muitas vezes, os espaços de leitura são as únicas referências educacionais efetivas nestas comunidades. A biblioteca transforma-se então em um espaço privilegiado onde, além do acesso ao lúdico, a criança tem a possibilidade de empreender as suas próprias buscas para superar problemas ou mergulhar na sua imaginação.

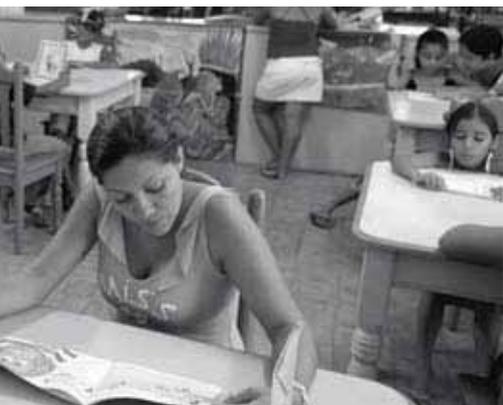
Desde o princípio da história do *Prazer em Ler*, o *Espaço* foi tema central das discussões com as organizações sociais que, em



sua maioria, ainda não dispunham de ambientes exclusivamente voltados a oferecer práticas sistemáticas de mediação de leitura, e organizados de maneira a viabilizar o acesso e o uso do acervo. Para o programa, esses espaços poderiam ser salas de leitura, bibliotecas e espaços móveis (ônibus, barcos, entre outros), desde que não fossem “neutros”. Ao contrário, era preciso planejar com criatividade para que se tornassem acolhedores, pois estava aí um componente imprescindível para atrair e formar leitores.

Ainda que dispostos a ir onde quer que o leitor esteja – seja nas casas, nos quintais, debaixo das árvores – o programa *Prazer em Ler* foi reafirmando a importância de um espaço de leitura adaptado às condições de cada comunidade – o que não representaria o fim das estratégias de criar bibliotecas volantes. Esse novo espaço, biblioteca ou local com mobiliário adequado para acolher livros e crianças de forma apropriada, deveria se tornar o centro do processo de formação de leitores. Ao expandir as oportunidades educacionais por meio de bibliotecas, é possível enriquecer a vida cultural das pessoas e trabalhar para que esses novos espaços sejam referência para o patrimônio cultural das comunidades.

Pelos processos de acompanhamento e avaliação dos projetos e de formação de educadores mediadores de leitura é que as instalações ainda não apropriadas foram sendo “ressignificadas” e melhoradas, até



“A biblioteca ideal é a que permite às crianças sonhar e que não lhes imponha ideias, imagens ou histórias, mas que lhes mostre possibilidades, alternativas. Essas coisas terão uma ligação profunda com sua vida adulta, mais tarde. Ler histórias, pura e simplesmente, talvez só pelo prazer de contar, mostrar que se pode sonhar, que existe saída e que nem tudo está imóvel. Que inventem sua vida, que é possível inventar a própria vida. E que talvez, para inventar a própria vida, é preciso primeiro a matéria-prima; é preciso ter sonhado para poder sonhar e criar.”¹

MICHÈLE PETIT



se tornarem Espaços de Leitura: “No início, o nosso cantinho de leitura era um espaço muito apertado, as estantes eram altas, e fazia muito calor. As atividades de leitura não fluíam por completo. Com o apoio do *Prazer em Ler*, construímos a biblioteca: ampla, bem iluminada, com estantes baixas, coloridas, e mobiliário para as situações de leitura individual, em grupo, ou de consulta nos equipamentos multimídia. Até a porta de vidro nós mudamos de lugar sob a orientação do programa. Assim, além de melhorar a ventilação, permitia-se às crianças espiar do lado de fora justamente o cantinho mais atraente – com almofadas bem coloridas, onde acontecem as nossas rodas de leitura.” (Nara Mendonça, gestora do Instituto Però, Jaboaão dos Guararapes, PE).

A marca registrada do *Prazer em Ler*, aos poucos, incorporou-se aos espaços criados pelas instituições parceiras: paredes com murais anunciam o calendário de atividades de mediação de leitura; estantes baixas e coloridas facilitam o acesso; parte do acervo é exposta

de modo a valorizar a capa; cantos temáticos atraem o interesse do leitor para gêneros específicos – contos de fadas, livros sobre futebol, poesia etc. Além disso, iluminação adequada e espaço para circulação entre as estantes; equipamentos de tevê, computadores e DVDs promovem a interação com diferentes linguagens; e, sobretudo, – a presença constante do mediador de leitura. Sem ele, o espaço não funciona.

Cabe ao mediador criar um ambiente que associe comodidade – tanto para leitura individual quanto para os momentos em grupo, como fácil trânsito e acesso aos materiais do acervo. Cada detalhe da decoração e da escolha do mobiliário deve ser pensado para que os usuários se sintam em um lugar de produção de cultura: almofadas, painéis, quadros e outros itens reforçam a identidade cultural da comunidade leitora. Boas condições de iluminação, limpeza e silêncio também devem ser monitorados, e o mediador pode criar com os usuários “combinados” para uma boa manutenção do espaço.

A divulgação da programação é fundamental para que o espaço se torne parte da vida dos frequentadores. Informativos, cartazes, fôlderes, filipetas; murais para troca de avisos; “árvores” onde são penduradas as recomendações dos livros para outros leitores – essas são algumas das muitas maneiras de promoção e difusão.

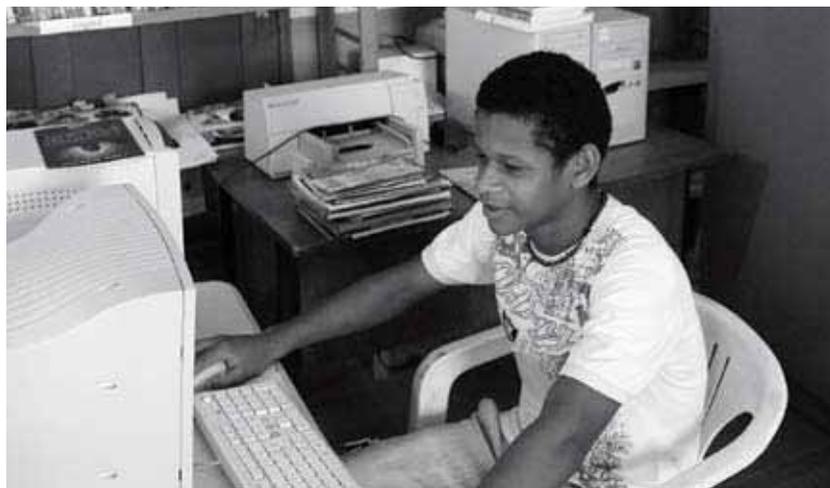
Para o *Prazer em Ler*, o mediador de leitura deve estar presente durante todo o tempo de funcionamento do espaço ou da biblioteca. Portanto, ele deverá criar um esquema de apoio com outros

voluntários ou membros da comunidade para que se insira uma programação regular de leitura, atraente, diversificada, conhecida tanto do público atendido pelo projeto como pela comunidade do entorno.

A democratização do espaço de leitura exige que o educador mediador responsável pelo espaço seja também um ativo “promotor” de ações coletivas ou comunitárias. Encontros com representantes de associação de moradores, participação em reuniões da comunidade e a abertura a outras programações culturais que expandam a visibilidade do espaço fazem parte da sua agenda. A regularidade e a riqueza da programação promovida no espaço, bem como a constância do seu funcionamento, inspiram a confiança dos usuários e o sentimento de que também são “donos” desse patrimônio cultural.

O prazer em escolher

Esse mediador de leitura, conhecedor do acervo e responsável pelo funcionamento do espaço, deve estar pronto para atender os desejos dos usuários, quer incentivando a leitura (o que faz na maior parte



do tempo), ou aprendendo a esperar para ver – pois o encantamento de uma biblioteca é justamente oferecer a possibilidade de alguém encontrar, inesperadamente, um tesouro!

“Com a formação do *Prazer em Ler* começamos a entender que as atividades na biblioteca não precisam ser dirigidas o tempo todo. O espaço é que precisa estar preparado para que as coisas aconteçam de forma prazerosa, livre: ‘quero pegar esse livro; folheio; ah... resolvo que esse eu não gosto tanto’. Antigamente, era só ver um menino fuçando nos livros e nós já íamos lá, estimular. Hoje, sabemos que eles vão pegar o livro de qualquer maneira.” (Eulina Silva, educadora mediadora de leitura da Esquina do Livro, Campinho, zona norte do Rio de Janeiro, RJ).

Em boa parte das instituições, ao final das práticas de mediação – roda para leitura em grupo, dramatização de histórias, sessões de filmes etc. – é chegada a hora de as crianças examinarem os livros que lhes interessam levar para casa. Em alguns casos, orienta-se as crianças para que elas próprias assinem o *Livro de Empréstimos*, tomando para si a responsabilidade da devolução.

O respeito pela conservação dos livros é quase imediato, e cada criança sente-se como se estivesse levando consigo mais do que uma boa história, a sua história favorita – quase sempre contada numa das rodas de leitura. Em razão disso, há um índice baixíssimo de extravio ou de livros danificados e, na maioria das instituições, não há multa para essas ocorrências.

“Descrevendo suas experiências de adolescente na Biblioteca Carnegie de Reading, Pennsylvania, o escritor John Updike falou de sua gratidão 'pela liberdade que me foi concedida naqueles anos de formação em que, de modo geral, nos tornamos leitores para a vida inteira ou não'; e concluía assim: 'Abriu-se para mim uma espécie de paraíso'.²

ALBERTO MANGUEL

O *Prazer em Ler* possui indicadores objetivos para verificar a qualidade do espaço constituído pelas instituições e projetos parceiros. O instrumento de avaliação utilizado para checar os indicadores possibilita avaliar-se:

- * A disposição do espaço permite livre acesso do usuário aos livros;
- * Há mobiliário adequado e suficiente para leitura individual e em grupos;
- * Os livros e outros portadores de texto apresentam-se organizados e com boa visibilidade;
- * Há organização de cantos temáticos interessantes ao público leitor;
- * Há boas condições de iluminação, limpeza, conforto e silêncio.

Nos dias em que não há programação no espaço, crianças e adolescentes vão chegando, ocupando mesas para fazer a tarefa da escola. Eles passeiam pelas estantes, acomodam-se nas almofadas, leem, brincam (há espaços com minibrinquedotecas). Ou, simplesmente, observam: “No início, Tamires, 10 anos, só vinha para deitar nas almofadas. E, embora participasse das atividades, parecia ter medo do livro. Hoje, passados dois anos, ela leva o livro para casa e lê histórias para a mãe e para o irmão...” (Carla do Nascimento, mediadora de leitura da Biblioteca Mágica, Vila de Cavas, Nova Iguaçu, RJ).

“O gosto pela leitura parece vir junto com a autonomia”, arriscam alguns educadores depois de observar o comportamento das crianças quando se tornam usuárias dos espaços de leitura: “Fiquei observando como Michel, 8 anos, se encaminhou direto para a estante onde parecia estar acostumado a encontrar o livro que desejava ler. Olhou alguns, devolveu para o mesmo lugar, sem sucesso. Foi então que resolveu me perguntar: ‘Onde está o livro da girafa?’ Respondi a ele que havia sido emprestado e, antes que eu sugerisse outra leitura semelhante, ele agradeceu, firme no seu propósito: ‘Eu vou aguardar. Só quero o da girafa.’” (Isamar Martins, educadora mediadora de leitura do Leitores Brincantes, Centro de Educação Popular Mailde Araújo (Cepoma), Brasília Teimosa, Recife, PE).

1.2.2 A biblioteca vai até o leitor

O *Prazer em Ler* está presente em comunidades com acesso restrito aos bens culturais. Em geral, crianças e adolescentes voltam da escola e passam o restante do dia longe do lazer e, muitas vezes, são impedidos de circular livremente pelas ruas por causa da violência do entorno. Nesse contexto social, os espaços de leitura, com suas atividades sistemáticas e lúdicas, acabam por criar referências educacionais que contribuem para o desenvolvimento sociocognitivo dessa população. O vínculo com o mediador de leitura e, depois, o vaivém de livros – da biblioteca para casa – vão contribuindo, no longo prazo, para a consolidação de novas atitudes diante da leitura no entorno comunitário.

Mas como acelerar a formação do vínculo com os mediadores de leitura e a familiaridade com os livros?

Muitas alternativas e ideias surgiram para levar a biblioteca aonde o leitor está, e cada projeto foi criando “marcas” e aprimorando-as em diferentes formatos. São malas e caixas de livros, “baú de palavras”, sacolas, mochilas, “bolsa literária” com livros escolhidos pelas crianças (para elas e para os familiares) que chegam até as casas dos usuários dos espaços de leitura; tendas montadas nas áreas de maior circulação – como praças e largos – expõem o acervo para acesso dos moradores, em dias e horários combinados; quiosques adequadamente equipados, abertos até a noite, são construídos em

praças de uma grande capital. E até uma biblioteca sobre rodas, num ônibus adaptado para receber leitores, ganha as ruas à “caça” de leitores com o *Prazer em Ler*.

Mala de livros

A ideia da mala surgiu no primeiro encontro do *Prazer em Ler*, em São Paulo, quando uma mediadora de leitura contou que deixava o livro nas casas das pessoas do mesmo jeito que se fazia com o santo nas novenas. “Então, criamos a Mala de livros – feita de papelão, enfeitada com pinturas das crianças, e com capacidade para até 20 exemplares variados e adaptados ao gosto da família. Pode ficar duas semanas com o portador. Começamos com 4 ou 6 malas. Hoje 18 malas correm a comunidade de Brasília Teimosa.” (Isamar Martins, educadora mediadora de leitura do Leitores Brincantes, Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA), Brasília Teimosa, Recife, PE).



Ônibus-biblioteca

Se por acaso estiver perdido, procurando saber como chegar à praça Friedrich Nauman, no Brooklin, em São Paulo, é só perguntar aos moradores da comunidade do Morro do Piolho, Buraco Quente, Comando, Buté, Zoião, Canão, Rocinha Paulista e Alba, onde

é a parada semanal do “Ônibus do conhecimento”, e muitos vão saber indicar.

O veículo foi transformado em espaço de leitura, com estantes convencionais e as do tipo jornaleiro (mostram a capa dos livros), seis bancos para acolher leitores silenciosos, minibrinquedoteca e, onde havia o motor, uma pequena arquibancada para acomodar a plateia durante as atividades de leitura, nos sábados chuvosos. Porque, do contrário, a mediação é feita em plena praça.

“Muita gente não vai à Biblioteca do projeto por ter vergonha de não saber ler direito. Então, na cabeça deles, imaginam que lá é um lugar para a leitura difícil, cheio de formalidades. De repente paramos o ônibus quase na porta das suas casas, e eles podem vir de chinelo. Aqui é a praça. As crianças podem gritar. Aqui é livre, eles dizem, é como se fosse a biblioteca da casa deles. É mais light.” (Rosemary Franzoni, bibliotecária do Gotas de Flor com Amor, São Paulo, SP).

1.2.3 Bibliotecas comunitárias

Uma evolução natural dos espaços de leitura é se tornarem embriões de bibliotecas que possam, de fato, abrir suas portas à participação da comunidade do entorno e ir além do público atendido pela instituição de origem dos projetos de leitura.

LEITURA E SERVIÇOS À COMUNIDADE:

A Biblioteca do Queens – que é independente da Biblioteca Pública de Nova York – emprestou 21 milhões de livros em agosto de 2007, um recorde nacional nos EUA. Ela fornece livros para 61 agências comunitárias, 7 centros de ensino para adultos e 2 centros para atendimento a famílias e incentivo à leitura entre pais e filhos. Mais da metade dos moradores daquela área (mais de 1 milhão) não fala inglês. Porém os bibliotecários falam russo, híndi, chinês, coreano, espanhol e são apontados como a equipe que mais inova no relacionamento.



Na história do primeiro ciclo do *Prazer em Ler*, algumas bibliotecas já haviam se estruturado com essa finalidade. Mas, a partir do apoio do programa, passaram a adotar uma nova metodologia de trabalho: como a Biblioteca Multicultural Nascedouro, de Peixinhos, em Recife (PE), e a rede de Bibliotecas Municipais Comunitárias Saber com Sabor, em Cuiabá (MT), acreditando no poder transformador de bibliotecas, tornaram-se referência de cultura nas comunidades onde estão inseridas.

De matadouro a nascedouro

Um antigo matadouro industrial, construído no século XIX, no Bairro de Peixinhos, periferia de Recife, e abandonado na década de 1970 depois de algumas iniciativas governamentais, acabou tomado pela ação do tráfico de drogas e de grupos de extermínio.

Esse foi o cenário encontrado por jovens músicos, poetas e ativistas do Movimento Boca do Lixo, em 1998, quando passaram

a realizar shows de música e outros eventos culturais em um dos galpões enormes que, na época, ainda mantinha as estruturas de ferro originais, suficientes para sustentar as lonas de caminhão que improvisavam uma grande arena cultural.

Movido pela ideia de transformação do Matadouro e em um centro de cultura, o grupo aceitou a sugestão do poeta Caetano Alves Pereira, antigo dono de um sebo de livros na feira popular de Peixinhos: por que não criar uma biblioteca viva para encontro de poetas e rodas literárias?

Depois de fazer cursos de gestão para levar o projeto adiante e de espalhar a proposta com uma planejada campanha para doação de livros, o grupo fundou, em 2000, a Biblioteca Multicultural Nascledouro – nome batizado pelo poeta Moisés Barreto, e inspirado no poema de Oriosvaldo de Almeida.

Parte do que é hoje o Complexo Cultural e Desportivo Nascledouro de Peixinhos, parcialmente restaurado e que abriga alguns órgãos do poder público estadual e municipal – deve-se ao resgate feito por esse grupo que acreditou na transformação “do matadouro em nascledouro cultural”. A Biblioteca passou a ser um lugar de

entra e sai de meninos e meninas das escolas públicas, de mães e agentes sociais. Em vez de figurar nas páginas policiais, a comunidade de Peixinhos hoje é menção obrigatória na agenda cultural da cidade.



“Nos últimos três anos, com o apoio do *Prazer em Ler*, passamos a fazer uma nova gestão do Espaço: o acervo foi catalogado e atingiu 6 mil títulos, agora, mais voltados para a literatura e títulos infantis e juvenis. Além disso, reservamos uma parte para a cultura indígena e africana – reforçando o nosso projeto multicultural e atendendo à população descendente de índios e negros da região em torno do Beberibe (região escolhida para um dos primeiros engenhos de açúcar da América). O número de usuários quintuplicou e, nos meses escolares, chegamos a atingir 300 visitas/mês. Mas a grande mudança, do ponto de vista dos usuários, foi a surpresa com a transformação física: hoje temos um espaço mais alegre e aconchegante para a realização de rodas e oficinas de leitura e também para o Nascedouro Poético, um evento mensal de incentivo à poesia.” (Daniel Gonzo, gestor da Biblioteca Multicultural Nascedouro, Peixinhos, Recife, PE).

*É tão legal ficar aqui na
Biblioteca que a gente se
esquece de ir para casa.*

SARAH ALICE OLIVEIRA,
6 ANOS; FREQUENTADORA
DA BIBLIOTECA SABER COM
SABOR, PRAÇA CLÓVIS
CARDOSO, CUIABÁ

Bibliotecas comunitárias – Lugar de cidadania

Chama a atenção das pessoas que conhecem Cuiabá, no Mato Grosso, a movimentação na praça Clóvis Cardoso, bem no centro da cidade, em torno da Biblioteca Comunitária Saber com Sabor – aberta diariamente, das 8h às 19h. Além dos frequentadores habituais, quase sempre crianças e adolescentes, durante muitos anos a praça foi palco de inúmeras atividades artísticas e culturais que nada mais eram que uma forma de propagar uma ideia simples:

todo bairro tem de ter a sua biblioteca e, de preferência, bem perto de uma escola.

Esse movimento em prol das bibliotecas comunitárias começou em 2001 quando o secretário da Educação do Município, Carlos Alberto Reis Maldonado, resolveu reativar a vida cultural na praça Clóvis Cardoso com a construção de uma biblioteca infantil. A professora Creuza Guimarães, conhecida por várias tentativas de instalar uma biblioteca próxima da escola onde lecionava, no bairro Bico do Amor, foi chamada para coordenar a nova ação.

A biblioteca entrou em funcionamento com 1.200 livros infantis doados por meio da primeira campanha de arrecadação, e a divulgação permanente na mídia de sua programação cultural passou a atrair usuários de outras escolas da periferia. O objetivo dessas ações era atrair as associações de moradores, sem as quais seria muito difícil criar novas bibliotecas em outras regiões periféricas da cidade, e que estas se tornassem realmente patrimônio da comunidade.

Assim, nos eventos realizados na praça, havia sempre o momento dedicado a encorajar os representantes das associações de moradores para que encaminhassem à Secretaria Municipal da Educação seu projeto de criação de bibliotecas – fosse em terrenos próprios, em regime de comodato, ou em áreas da prefeitura nas imediações das escolas.

Começaram a aparecer ofícios de pedido, e a Secretaria foi atendendo e sugerindo diferentes modelos de parcerias conforme o perfil.



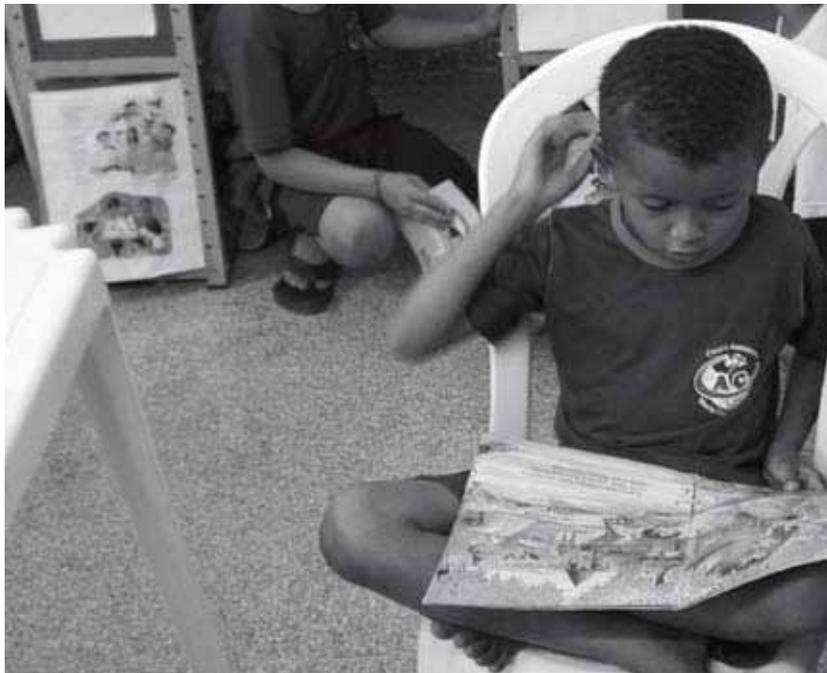


Em face dessa expansão, em 2005, criou-se a Sociedade Amigos das Bibliotecas Públicas Comunitárias Saber com Sabor, uma instituição sem fins lucrativos composta por empresários e profissionais, que passou a dar suporte à gestão da Prefeitura, hoje responsável pela manutenção e funcionamento das oito bibliotecas Saber com Sabor e pela contratação de funcionários especializados.

Em 2008, quando o Instituto C&A passou a apoiar a iniciativa, já havia oito bibliotecas comunitárias: sete localizadas nos bairros do centro, Santa Izabel, Cidade Verde, Pedregal, Dom Aquino, Pedra 90 e Osmar Cabral, e uma do tipo ônibus-itinerante que alcança até a zona rural da cidade. Os registros de frequência atestavam de 80 a 100 pessoas por dia por biblioteca, sendo que os usuários também podiam recorrer à pesquisa digital em três unidades com acesso à internet.

O Instituto C&A destinou recursos para a renovação do acervo, a contratação e formação de profissionais qualificados para fazer a mediação de leitura e promover outras atividades – como oficinas de leitura. “Com a entrada do *Prazer em Ler*, pudemos ampliar o acervo com 6 mil novos livros (o total alcançou 56 mil).

Mas a diferença é que são títulos que nós sempre quisemos ter, mas não havia como escolher, já que só ampliávamos o acervo por meio de doações [...]. O programa também trouxe uma grande mudança nas nossas práticas de leitura. Antes, nós promovíamos muita ‘contação de histórias’ e práticas mais apoiadas na oralidade, além de inúmeras atividades motivacionais, como concursos. Com o programa *Prazer em Ler*, começamos a contratar mediadores de leitura qualificados. O livro passou a ser o centro de tudo. E as crianças gostaram mais dessa forma de interação: elas se interessam em saber como o livro é feito, quem é o autor etc. Se nosso trabalho já era bom, ficou muito melhor.” (Creuza Guimarães, diretora adjunta da Sociedade Amigos das Bibliotecas Públicas Comunitárias Saber com Sabor).



[...] o iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si [...], que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso [...]. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas.³

MICHÈLE PETIT

Ela [a criança] deve ser convencida de que a leitura lhe abrirá todo um mundo de experiências maravilhosas, dissipará sua ignorância, a ajudará a compreender o mundo e a dominar seu destino.⁴

BRUNO BETTELHEIM



1.3. Mediação

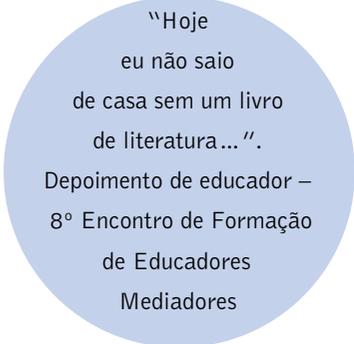
Se há uma estrela principal nos projetos de incentivo à leitura apoiados pelo programa *Prazer em Ler*, certamente, esta é o educador mediador. O seu amor pelos livros é que deve ser transmitido nas diversas práticas realizadas nas salas de leitura de organizações não-governamentais, nas bibliotecas escolares e comunitárias. E, por mais atraente que possam ser os encontros literários, a encenação de histórias e as próprias rodas de leitura animadas por suas intervenções, nada é mais sedutor do que o apoio cotidiano e contínuo desse leitor apaixonado aos seus leitores aprendizes – numa relação personalizada. Porque somente à custa de convivência e observação é que ele passa a conhecer e, até mesmo, a adivinhar os verdadeiros interesses do seu leitor.

No programa *Prazer em Ler*, as funções do mediador de leitura, como já vimos, compreendem o cuidado com o espaço para que

este esteja preparado para receber uma rotina de ações de promoção de leitura e a organização do acervo, garantindo a pertinência em relação aos interesses das crianças e jovens da comunidade, assim como a ampliação do repertório cultural e a promoção da interatividade dos leitores com os livros.

Ninguém melhor do que o educador mediador, portanto, para promover o gosto pela leitura entre crianças, adolescentes, e seus familiares. Na proposta do *Prazer em Ler*, o mediador “é alguém responsável pelo planejamento e realização da programação de leitura do espaço e preparado para realizar essa tarefa. É o educador que acompanha o leitor em sua busca, que observa com acuidade e perspicácia para orientar, identificando temas que lhe são significativos”.⁵

Nessa estratégia de longo prazo, o *Prazer em Ler* procurou investir na formação desses profissionais, começando com o incentivo para que os próprios educadores, aproveitando-se do vínculo que já haviam estabelecido com o público de crianças e adolescentes nas suas comunidades, desenvolvessem maior intimidade com a leitura literária, algo, em vários casos, ainda limitado mesmo entre o público de educadores. Alguns depoimentos registram a aproximação com a literatura promovida pelo programa: “Eu não tinha familiaridade com a leitura, mesmo sendo professora de crianças há muito tempo. Mas, como eu poderia fazer a mediação, sem saber o significado de cada história? Então, por causa do *Prazer em Ler*, fui me tornando leitora de literatura. Mas a maior surpresa foi quando



“Hoje eu não saio de casa sem um livro de literatura...”.

Depoimento de educador –
8º Encontro de Formação de Educadores Mediadores

“O mediador surge atuando de forma planejada, mas sem dirigir a leitura para uma atividade de aprendizagem formal: É ele que irá praticar o ato de ler de forma prazerosa e livre para que cada criança aproveite, a seu modo, esses livros e momentos.”

- O educador-mediador planeja a atividade de promoção da leitura.
- O educador-mediador planeja e avalia as atividades de leitura com conhecimento do público leitor.
- O educador-mediador planeja atividades apropriadas para necessidades e interesses do público leitor.⁶

li *A bolsa amarela*, da Lygia Bojunga, e descobri ali algo muito maior do que a leitura rotineira que eu imaginava ter de fazer no projeto. Foi então que resolvi entrar para o curso de pedagogia. Senti que precisava crescer muito mais.” (Ilda Martins, mediadora de leitura do Leitores Brincantes, Brasília Teimosa, Recife, PE).

Vários foram os depoimentos nessa mesma direção durante o 8º Encontro de Formação de Educadores Mediadores: “Muitos de nós não sabiam, por exemplo, que era possível parar uma leitura e recomeçar depois; ou ler sem nenhuma obrigatoriedade. Descobrimos até mesmo que havia o direito de não ler”. Ou ainda: “Com o *Prazer em Ler* saímos da leitura técnica ou daquela dos livros de ‘cultura inútil’ para o livro de literatura – o que ampliou muito nossa relação com o mundo”.

Planejador

A importância de alguém sempre disponível nos espaços de leitura, com prontidão e sensibilidade para apresentar o livro, transmitir as histórias, escutar os leitores e empolgar-se com os significados e descobertas que eles começam a fazer (mesmo que em silêncio), estimulou a contratação de profissionais com esse perfil nas instituições participantes no programa. Todos entenderam que o mediador deveria ser o principal gestor do espaço, planejando as atividades de mediação e, para isso, teria de ter profundo conhecimento do acervo disponível e do perfil de seus usuários.



O investimento nesse profissional tem sido constante: foram realizados oito encontros de formação, distribuídos diversos materiais de apoio, além do trabalho presencial feito pela assessoria pedagógica, que discute temas relacionados aos eixos do *Prazer em Ler*, propondo referências bibliográficas e apontando para a superação de obstáculos, ou mesmo para o desenvolvimento de estratégias continuadas de qualificação da prática de mediação de leitura.

O vínculo com o mediador

O mediador de leitura desempenha múltiplas funções nos programas de incentivo à leitura e também na vida dos frequentadores da biblioteca. No *Prazer em Ler* há exemplos diversos de como esses mediadores se desdobram para atrair os leitores a conhecerem determinado autor, mas também como encontram um tempo para ajudar as crianças em suas tarefas de casa ou até chegam a se articular com líderes da comunidade para desenvolver projetos de ação social mais ampla. Com o passar do tempo, tornam-se referência importante para toda a comunidade: “Eu passo nas ruas de Vila de Cavas e vou ouvindo: ‘tia Carla, tia Carla!’ As crianças fizeram um forte vínculo comigo e, no começo, queriam que eu estivesse presente em todas as atividades de leitura da biblioteca. O vínculo é importante, mas

Para democratizar a leitura, não existem receitas mágicas. Apenas uma atenção especial às crianças, aos adolescentes, às mulheres, aos homens.

Um questionamento diário sobre o exercício de sua profissão.

Uma determinação. Uma exigência. Um pouco de imaginação.⁷

MICHÈLE PETIT

“Eu tive uma boa professora da primeira série à quarta série. Era a dona Madalena. Foi ela quem me ensinou a gostar de ler. Ela levava os livros de literatura e espalhava pela sala, deixava a gente ler à vontade... Quando ela nos deixou, me lembro que a classe inteira chorou.”

CARLA, MEDIADORA
DA BIBLIOTECA MÁGICA,
NOVA IGUAÇU, RJ

não pode atrapalhar. Hoje eles vêm por causa da biblioteca e não só porque a tia Carla está lá. O mediador é um veículo para o leitor se aproximar do livro até despertar o gosto pela leitura. O vínculo deve ser com o livro, com o gostar de ler.” (Carla Alves do Nascimento, 23 anos, mediadora da Biblioteca Mágica, Nova Iguaçu, RJ).

A ação do mediador, como afirma Michèle Petit, vai, portanto, muito além de atividades de leitura que tenham um teor puramente objetivo. Na grande maioria das vezes, os educadores-mediadores de leitura criam vínculos duradouros com os usuários dos espaços de leitura: ouvem suas sugestões, ampliam o acervo a partir delas, criam situações que façam o leitor ter vontade de voltar a visitar o espaço, ampliando o público inicialmente planejado para ser atendido pelo projeto de leitura.

Hoje, os educadores-mediadores dos projetos falam dos seus leitores aprendizes com familiaridade – sabe onde moram, conhecem um pouco das suas dificuldades pessoais e acabam por conquistá-los, com o passar do tempo, para serem usuários, colaboradores, de modo que multipliquem a ação social de promoção da leitura: “A Jessica era uma criança silenciosa, vinha para a biblioteca, sentava, e só



fazia o dever de casa. Ela nunca pegava um livro. Com o tempo, foi se interessando de tal forma que passou a ajudar a contar histórias para os pequenos.” (Eulina Silva, educadora mediadora da Esquina dos Livros, Campinhos, RJ).

Formar leitores autônomos é, em última instância, a perspectiva de todo mediador: Rafael, por exemplo, começou a frequentar a biblioteca unicamente em função das pesquisas escolares. Os mediadores sempre o acolheram e o apoiaram na procura dos livros de referência e de conhecimento específico. Aos poucos, entretanto, foram abrindo brechas para lhe apresentar títulos de literatura: “Fui me afeiçoando às pessoas daqui, sempre atenciosas, e também aos livros, especialmente os do Jack London – pois gosto muito de literatura estrangeira. Agora, como usuário e colaborador da biblioteca, sugeri a aquisição de *Caninos Brancos*, mais um livro do Jack London para o acervo.” (Rafael Rodrigues Vicente Ferreira, 18 anos, usuário e colaborador da Biblioteca Multicultural Nasedouro de Peixinhos, Recife, PE).

PERFIS DO LEITOR

* CURIOSO – ele olha o livro, mas já se interessa por outro.

* MERGULHADOR – ele entra no livro, lê inteiro, e precisa ser acordado pra ir pra casa.

* INVENTOR – é o leitor que gosta de inventar suas próprias histórias, e acaba virando escritor.

* SOLITÁRIO – é o leitor que gosta de ficar silencioso, lendo num cantinho.

ÍLDA MARTINS,
MEDIADORA DOS LEITORES
BRINCANTES, BRASÍLIA
TEIMOSA, RECIFE, PE

OS DESAFIOS DO MEDIADOR

- * Aproximar leitores potenciais ou aprendizes da leitura dos objetos portadores de texto (livros, jornais, revistas, textos escritos disponíveis, internet etc.)
- * Seduzir os leitores, aproximando-os dos textos, usando argumentos que os convençam do prazer da leitura, da beleza e riqueza dos textos.
- * Orientar os leitores para que desenvolvam intimidade com os vários tipos de texto, sobretudo entre aqueles que precisam ainda criar uma relação mais íntima com a leitura.
- * Compartilhar saberes, renovando velhas significações, instigando o pensamento na busca de outros significados, contrapondo diferentes visões e entendimentos.

1.3.1 Outras táticas de sedução para a leitura

Nestes últimos três anos, cada uma das organizações parceiras do Instituto C&A no âmbito do programa *Prazer em Ler* criou inúmeras atividades planejadas de promoção à leitura, pensadas como maneiras de conquistar os leitores e aproximá-los do universo da literatura infantil e juvenil. Rodas de leitura, dramatização de histórias, criação de histórias coletivas, livros virtuais, encontro com escritores, saraus literários, jogos, danças, música e brincadeiras animam o calendário dentro e fora dos espaços de leitura e das bibliotecas. Até mesmo personagens saíram dos contos de fadas para ganhar vida, visitar as casas dos frequentadores – tudo para favorecer ainda mais o contato cotidiano com as narrativas e os livros.

Um visitante muito especial

Depois de conhecerem várias histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, nas atividades de mediação de leitura, as crianças que frequentam a biblioteca tiveram a oportunidade de levar um dos seus personagens favoritos – o Visconde de Sabugosa ou a Emília – para passar um fim de semana em suas casas. São bonecos grandes, de pano, criados na instituição. “Na volta para a Biblioteca, o anfitrião está louco para contar como o personagem se comportou e qual foi a rotina da casa para receber o hóspede especial. Ele faz isso durante uma roda de leitura, compartilhando sua experiência

oralmente com os colegas, ou então relata num pequeno diário, por escrito. Rende ótimas histórias. Para 2009, criamos o Alfabeto, um boneco muito especial, além de Chapeuzinho Vermelho.” (Tite de Lamare, gestora da Esquina dos Livros, Campinhos, RJ).

Conversa privada

Cartazes com pequenos trechos selecionados dos livros infantis e juvenis, notícias ligeiras ou citações literárias são colados sabe onde? No banheiro da escola. Essa foi só mais uma estratégia de propaganda para que crianças e adolescentes do Colégio Estadual Conselheiro Carrão, em Curitiba, fossem instigados a retirar novos livros na biblioteca. “O mais engraçado foi entender que o cartaz deveria ficar pregado na porta, no caso do banheiro das meninas, e no alto da parede oposta, no caso dos meninos. Tudo por uma leitura rápida!” (Ísis Tavares, educadora do projeto Ler com Arte... Quer Fazer Parte?, Curitiba, PR).



Cartas para Branca de Neve!

Nessa atividade de leitura, todos os profissionais da escola acabaram envolvidos. Durante a encenação do conto de fada Branca de Neve na sala de aula de uma turma recém-alfabetizada, a coordenadora da escola fez papel de espelho mágico, a arte-educadora, de madrasta, e assim por diante. No meio da história, quando todos tomam conhecimento de que Branca de Neve corre perigo de morte, entra o porteiro da escola, que traz uma carta da própria Branca de Neve! Ela pede a ajuda das crianças para resolver sua situação. “O resultado foi incrível: as crianças escreveram cartas com muitas sugestões e essas cartas foram transformadas em quebra-cabeças que acabaram por auxiliar outra demanda dessa turma: aprender a separar uma palavra da outra quando escreviam. [...] Quando entramos com um projeto de leitura nas escolas, entendemos que esses educadores têm suas próprias demandas. Mas todos nós que-

remos que as crianças aprendam a ler e a escrever direito. E, assim como a arte contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, a literatura também começa a ser compreendida como um campo de conhecimento próprio.” (Camila Leite, educadora do projeto Tear de Histórias, do Instituto Tear, Rio de Janeiro, RJ).





A roda de leitura

Uma boa mediação é feita de encontros bem-sucedidos, em que o mediador, levado por seu desejo de compartilhar o gosto de ler, transmite essa paixão em uma relação pessoal.

Ao se colocar à disposição do leitor – seja para acompanhá-lo em seu percurso no espaço de leitura seja para contar histórias – o mediador pode observar como crianças e adolescentes “são capazes de compreender, pensar e criar muito além do que imaginamos”.⁸

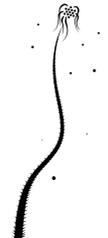
A roda de leitura é um exemplo da prática de mediação coletiva e já faz parte do calendário de todos os projetos que integram o programa *Prazer em Ler*. É uma ótima oportunidade para o mediador estender a sua ponte na direção dos leitores aprendizes. Olhos nos olhos, essa é mais uma ocasião para conhecê-los melhor, ouvir com interesse o que dizem e, principalmente, atraí-los para o personagem principal da roda: o livro. Na mediação, estabelece-se uma troca

muito íntima entre as crianças e os adultos, e entre eles mesmos, num clima quase sempre de carinho e descontração.

O objeto escolhido deverá ser apreciado, as imagens devem ser mostradas de maneira que todos os participantes da roda possam ver e, sobretudo, o livro deve ser lido da maneira que o autor o concebeu –, na íntegra, sem cortes.

Ainda que várias organizações sociais utilizem técnicas variadas para animar as rodas de leitura – muitas delas oriundas da experiência com arte-educação, a ideia predominante entre os educadores do *Prazer em Ler* é de que os livros e as narrativas de qualidade já trazem em si mesmos atrativos suficientes para despertar o prazer pela leitura – quer por sua musicalidade, pela escolha das palavras, pelo ritmo da trama etc. Ou, nas palavras de um mediador-educador: “Não precisamos fazer a voz do lobo para uma criança imaginar um lobo feroz, pois cada um possui suas próprias representações.”

Assim, é em torno do livro que outra história começa a tomar vida: a história da descoberta da leitura – como demonstram os trechos nas páginas a seguir da Roda de Leitura realizada com 11 participantes, de 7 a 10 anos, pela mediadora Érica Verçosa, na biblioteca do Instituto Però, Jaboatão dos Guararapes, PE.





MEDIADORA Érica Verçosa

LIVRO *O pequeno príncipe* – de Antoine de Saint-Exupéry

PARTICIPANTES Maria Eduarda, Sheila, Aline, Karolyne, Natalia, Catarina,
Aline, Taís, Janaina, Juliane e Cícero

É o segundo encontro da mediadora para leitura de O Pequeno Príncipe. A primeira roda foi dedicada a conhecer melhor o autor e também o início da história.

A roda começa com um aquecimento. Todos se levantam e cantam uma música para estimular que se cumprimentem e, em seguida, outra música incentiva as apresentações – com muitos risos e palmas.

– Que livro é este? – pergunta Érica, mostrando a capa do livro.

– O Pequeno Príncipe! – respondem, ansiosos.

Érica aproveita para lembrar a história do autor do livro e, aos poucos, recupera o fio da memória das crianças até chegar ao ponto em que interromperam a leitura.

As crianças lembram que o autor do livro era pintor, nascido na França.

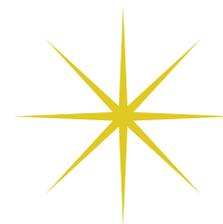
– E tem um nome bem esquisitinho – diz Catarina.

– Ele deixou de ser pintor porque ninguém entendeu o que ele desenhou... – lamentou-se Taís.

– De fato, a maioria das pessoas não enxergou o desenho que ele fez – confirma Érica.

– Todo mundo achou que era um chapéu de caubói – disseram.

– Mas a Sheila enxergou uma cobra com um elefante dentro –





lembram algumas crianças, referindo-se à colega que ainda não tinha chegado à roda.

– É verdade. Só a Sheila enxergou o elefante dentro da cobra – diz Érica.

– Quem lembra onde a gente parou? – insiste a mediadora.

– Foi numa parte bem boa... – disse Tais.

Érica continuou a leitura:

“Esfreguei bem os olhos. Olhei ao meu redor. E vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente. Eis o melhor retrato que, passado algum tempo, consegui fazer dele.”

– Mostra o retrato! – as crianças pedem.

– Um príncipe! – dizem, animadas.

– Por quê? – diz Érica.

As respostas vêm em sucessão...

– Por causa da roupa.

– Por causa da espada.

– Por causa da bota.

Érica segue a leitura, introduzindo o personagem do príncipezinho e seu primeiro relacionamento com o avião perdido. Aos poucos, a história vai ganhando maior interesse e as crianças interrompem para esclarecimentos:

– O príncipe conseguiu enxergar a jiboia e dentro um elefante – disse Aline.

As crianças concordaram.



– Para os adultos a quem ele mostrou o desenho, ninguém havia conseguido enxergar! Mas o príncipezinho logo olhou e descobriu! – reforçou Érica.

– Mas Sheila também descobriu! – disse Taís, lembrando outra vez o acontecimento da primeira roda de leitura. Portanto, a colega fez a proeza antes de o pequeno príncipe enxergar o desenho do autor.

Sheila, que havia chegado um pouco atrasada na roda, sorriu satisfeita. De fato, era justo lembrar que ela se antecipara ao príncipe da história.

Em um segundo momento da roda, Érica pergunta se alguém quer ler. Todas as crianças respondem que sim. A solução, então, é que cada um leia um trecho seguindo o sentido horário.

Os próprios leitores, às vezes, interrompem para esclarecer questões pertinentes ao jeito correto de pronunciar as palavras, à pontuação:

– “É difícil voltar a desenhar na minha idade” – lê Catarina.
“... principalmente quando não se fez outra tentativa além das jiboias fechadas e abertas, aos seis anos!” – Catarina para e pergunta:

– Continuo, tia? Aqui tem uma exclamaçãozinha...





A conversa que se seguiu, após a leitura de um bom trecho do livro, foi sobre como as pessoas agem quando conhecem um novo amigo, já que o autor do livro criticou o fato de os adultos sempre abordarem as pessoas querendo saber “números” – qual a idade, quantos irmãos têm, quanto pesam etc.

Érica estimula os participantes a se posicionarem e, aos poucos, as vivências das crianças se revelam:

– É mesmo uma gente interesseira! – diz Catarina, embora concordasse, como a maioria, que é importante saber a idade quando se conhece alguém.

As crianças conversam animadamente. Cada um é chamado a contar como e quando se conheceram e, no final, confessam à mediadora que sempre perguntam a idade e outras coisas quando abordam uma pessoa nova.

– É importante a idade!

– Se está solteiro, casado, se está namorando...

– Se está bem ou mal, como está sua mãe ou seu pai...

As opiniões surgem e, apesar da vontade de falar, cada um ouve o que o colega tem a dizer.

– E por que é importante saber a casa onde a pessoa mora? – quis saber Érica.

– Se acontecer alguma coisa, então é só ir à casa do amigo avisar... – diz Sheila.

Em outros momentos de leitura, as dúvidas surgem a partir das palavras.

- Quem sabe o que é baobá? – pergunta Érica.*
- É uma árvore bem grande! – muitos respondem.*
- Drama dos baobás! O que é drama? – estranha a mediadora.*
- Medo de algo! – arrisca Aline.*
- O que é arbusto? – questiona Catarina.*
- São as plantas que os carneiros comem... – responde Sheila.*

Depois de revelar o “drama dos baobás” no planeta do Pequeno Príncipe, Érica encerra a roda de leitura prometendo para o próximo encontro descobrir muito mais sobre esse príncipezinho.

As crianças fingem que vão chorar... mas logo se conformam, pois parecem acostumadas a esperar o próximo capítulo da leitura.

Ao final da roda, uns caminham em direção às estantes, enquanto outros aguardam diante da mesa da mediadora. É hora de devolver os livros emprestados, folhear outros novos, renovar o empréstimo, ou ficar por lá, observando o movimento.



“Toda história que é criada pelo autor vira verdade pela nossa imaginação. Mas tem umas histórias que não entram na nossa imaginação. Aí, a gente não gosta. A gente diz que são histórias que não acontecem. [...] Quando a professora pede para eu ler um livro, eu me comporto como uma aluna. E quando eu leio é porque eu quero, me comporto como eu mesma.”

ANA BEATRIZ LEITE
DOS ANJOS, 11 ANOS,
FREQUENTADORA
DA SALA DE LEITURA DA
ESCOLA HEGÉSIPPO REIS,
NATAL, RN.

1.3.2 *Leitura e mediação*

“Para ser leitor é preciso desejar ser leitor, para desejar algo é preciso que ele nos seja apresentado de maneira interessante, prazerosa e, principalmente, em total gratuidade.”

CADERNO DO EDUCADOR, MAIO DE 2008

A leitura prazerosa

A assimilação da ideia de que não havia por que o mediador “cobrar” qualquer retorno estruturado da leitura literária, seja na forma de exercícios de interpretação de texto seja de testes de conhecimento sobre o conteúdo lido, foi se dando e amadurecendo no processo de formação. Como entender que, ao mesmo tempo que o mediador deveria atuar de forma planejada, isto não deveria implicar realizar atividades formais? “O livro didático usa o texto da Cecília Meireles para que as crianças façam um círculo nos dígrafos e identifiquem os sinônimos, por exemplo. Assim, a literatura está a serviço do conteúdo da gramática. No programa *Prazer em Ler* fica claro que o texto literário não deve se prestar a nenhuma utilidade. Aqui, cada leitor dará o sentido que quer ao texto levando-se em conta suas vivências e sua imaginação. [...] Embora eu realize um trabalho sem cobrança, devo sistematizar minhas atividades para que elas avancem em múltiplos sentidos, despertando a oralidade, a

escrita, a invenção – e respeitando os interesses das crianças. Afinal, se a gente pede que cada um se expresse, a gente tem de estar aberto a ouvir o que quer que seja.” (Érica Verçosa, educadora-mediadora da Biblioteca do Instituto Però, Jaboatão dos Guararapes, PE).

O que passa a importar no planejamento das atividades do mediador do *Prazer em Ler* é criar situações para despertar, mesmo nos que ainda não sabem ler, familiaridade com o livro – sem lhes impor tarefas e mesmo que isso signifique silêncio e observação: “Mesmo que ele não vá ler o livro, ele pode fazer na biblioteca o que a gente faz na casa da gente: folhear e, simplesmente, passear pelos livros.” (Eulina Silva, educadora mediadora da Esquina dos Livros, Campinhos, RJ).

Esse espaço prazeroso e interessante aberto pelas práticas de mediação acaba por constituir a rede afetiva necessária para alguém se tornar um leitor: “A rede afetiva que se estabelece entre todos, através dos livros, abre um espaço no qual cada criança pode



expressar-se, ouvir e contar histórias ou ainda ficar em silêncio, sem a necessidade de produzir conhecimentos específicos. Nessa situação as crianças, cada uma à sua maneira, estão produzindo conhecimentos, mas não os necessariamente predeterminados pelo adulto. Ou seja, ela está aumentando seu repertório cultural, seu imaginário, sua linguagem; está tendo possibilidade de escolha de livros e de parceiros para a sua leitura e, além disso, pode conhecer outras visões de mundo e estabelecer relações com sua realidade”.⁹

1.3.3 Multiplicação e diversidade dos mediadores

Na metodologia do *Prazer em Ler*, o educador-mediador é um catalisador de ações e também um formador. Ou seja, ele deve transferir sua experiência para que outros leitores também se tornem mediadores. Assim, os espaços de leitura e bibliotecas contam com equipes



formadas por voluntários, professores, jovens e leitores de todas as idades, que foram capacitados a realizar a mediação de leitura, provocando o sonhado efeito multiplicador na promoção à leitura.

Crianças mediadoras

As práticas de leitura literária do *Prazer em Ler* fazem parte do cotidiano de mais de 200 crianças na creche-escola da União dos Moradores da Vila dos Frades, em Coroadinho, periferia de São Luís do Maranhão. Mas a novidade é ver um grupo de 60 meninos e meninas, de 7 e 8 anos de idade, despontando como mediadores de leitura. A formação dessas crianças envolveu um trabalho de criação conjunta: desde a escolha dos livros, passando por atividades de desinibição para a leitura em voz alta, até a constituição de grupos. Todos leem. Não só os mais extrovertidos. E o resultado final do trabalho depende da boa disposição da equipe de mediadores – e não apenas do desempenho individual.

Na primeira etapa do trabalho de formação, os pequenos mediadores perceberam quanto é importante conhecer o texto antes para ter segurança na hora de ler. Pois observaram que nem mesmo o adulto lê com fluência se não tiver intimidade com o livro. Depois, chegou a hora de praticar a leitura entre os próprios colegas, até ganhar confiança para viver a experiência de mediação com crianças menores que eles. Além de aprender a respeitar e ouvir o colega com atenção durante a leitura, os próprios mediadores optaram pela

O QUE É PRECISO TER PARA SER MEDIADORA/A DE LEITURA?

“É preciso ter paciência para ler e responder às perguntas dos colegas; e gostar muito de ler! Se eu não gostasse de ler, eu não seria uma boa mediadora de leitura.”

CAMYILLE SILVA PEREIRA,
9 ANOS

“Para ser boa mediadora de leitura tem que ler bastante.”

TAÍS, 9 ANOS

CRIANÇAS MEDIADORAS
DO PROGRAMA LER PARA
VALER, UNIÃO DOS
MORADORES DA VILA
DOS FRADES, SÃO LUÍS
DO MARANHÃO, MA.

MANUAL DO PEQUENO MEDIADOR DE LEITURA

- * Ler a história com cuidado;
- * Não gaguejar;
- * Não errar a história;
- * Contar quem escreveu o livro, quem desenhou e a editora;
- * Falar o nome da história;
- * No final, dizer que a história acabou.

(Material produzido pelos alunos do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, Programa Ler para Valer, União dos Moradores da Vila dos Frades, Coroadinho, MA.)

narração da história em grupo ou em duplas. Assim, cada membro lê a parte que domina melhor da história.

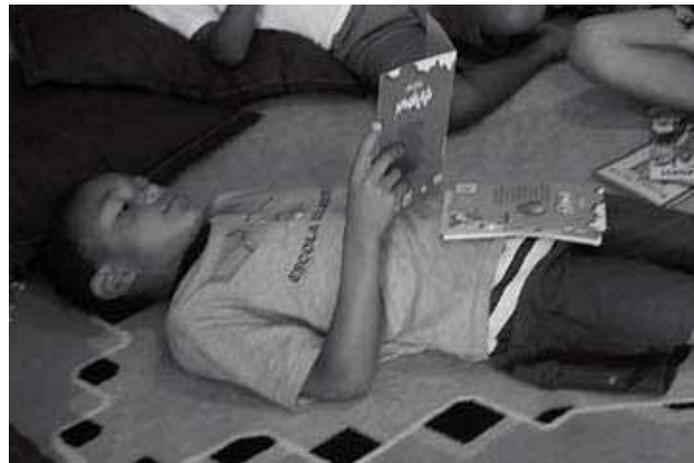
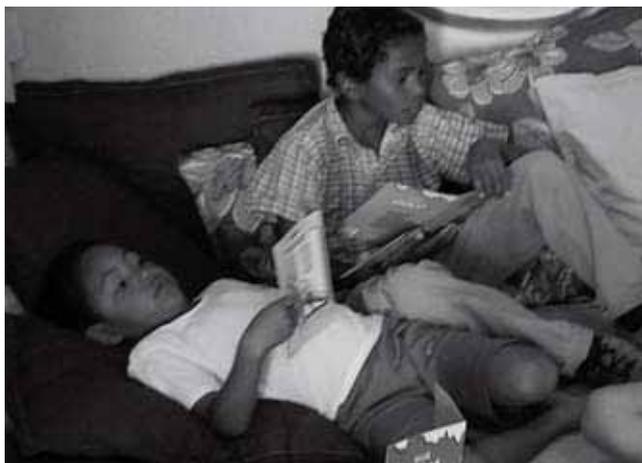
A formação dos pequenos mediadores de leitura resultou em um guia, construído coletivamente, que indica algumas diretrizes para o comportamento leitor. “Hoje os meninos se sentem donos da biblioteca. Escolhem e recomendam títulos de literatura para os outros colegas. E passaram a ser respeitados de forma diferente na instituição: eles são ‘os que sabem ler pra gente’, ‘os que leem bem’ – isso deu uma elevada na autoestima deles!” (Edith Ferreira, educadora do Ler para Valer, União dos Moradores da Vila dos Frades, Coroadinho, MA).

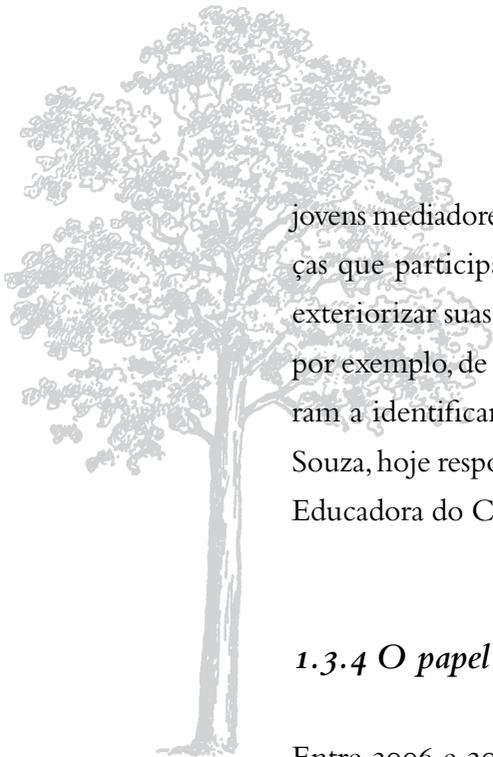
Jovens mediadores

Várias atividades de leituras para crianças e adolescentes promovidas pelo projeto do Colégio Estadual Guadalajara, no Rio de Janeiro, foram interrompidas por tiroteios, pois são realizadas em praças, escolas, creches e associações de moradores, localizados em uma região da baixada fluminense muito violenta: Olavo Bilac, Duque de Caxias. Mas os “jovens multiplê” – como são chamados os adolescentes que já se tornaram mediadores de leitura e recebem uma bolsa de 80 reais mensais para realizar esse trabalho – não desanimam. São eles que estão multiplicando as ações de promoção da leitura aliadas a atividades de educação ambiental e de recuperação da memória da comunidade. “A formação desses jovens se deu em

dois níveis: o técnico – com encontros pontuais, semanais, com os garotos e as garotas trazendo temas para reflexão, sugerindo leituras e troca de experiências – e o prático – nas rodas de leitura que estimulam, com base no livro infantil e juvenil, a descoberta por eles próprios.” (Claudia Monteiro de Freitas, educadora do Colégio Estadual Guadalajara, Rio de Janeiro, RJ).

O depoimento de um dos educadores comprova o quadro de dificuldades enfrentado pelos jovens mediadores da região: “O espaço de leitura de uma das creches em que atuamos foi alvo de balas perdidas a ponto de as crianças terem ficado sem esse espaço, dada a tensão que se criou em torno dos tiroteios que ainda hoje acontecem. Apesar de os conflitos terem diminuído significativamente durante o dia, a ocorrência deles prejudicou muito nosso trabalho em diversas instituições. Outro fato que ocorreu foi a evasão de alunos de diversas escolas da região como forma de distanciarem-se das áreas de conflito. Essas situações, felizmente, começam a deixar de nos afligir com a mesma frequência e intensidade. Pelo trabalho que desenvolvo, pude conhecer os relatos que





jovens mediadores socializavam com a equipe. Cada vez mais, as crianças que participam das nossas rodas de leitura têm necessidade de exteriorizar suas experiências com situações de tensão: como terem, por exemplo, de andar agachadas pelas ruas. Elas também já aprenderam a identificar os sons de tiros de diferentes calibres.” (Maurício Souza, hoje responsável pela comunicação dos projetos Comunidade Educadora do Colégio Estadual Guadalajara, Rio de Janeiro, RJ).

1.3.4 O papel do voluntariado

Entre 2006 e 2009, cerca de 3 mil funcionários da empresa C&A que atuam como voluntários do Instituto C&A participaram da implementação do *Prazer em Ler*. O trabalho dos voluntários consistiu, principalmente, na mediação da leitura de livros de literatura infantil e juvenil para as crianças e adolescentes frequentadores dos espaços de leitura das instituições parceiras do programa. Cento e setenta e duas equipes de voluntários estiveram envolvidas na ação.

O trabalho dos voluntários foi desenvolvido sob a orientação dos educadores das instituições. Como exemplo temos a cidade de Campinas (SP), onde os voluntários participaram, ao longo do primeiro ciclo do programa *Prazer em Ler*, do projeto Ciranda da Leitura. A iniciativa transcorreu no Instituto Dom Nery, em paralelo à implementação de projetos temáticos pelo voluntariado.

Outra experiência de destaque partiu dos voluntários de Curitiba (PR), que se engajaram nas iniciativas do Colégio Estadual Conselheiro Carrão. Os voluntários apoiaram atividades de mediação da leitura e auxílio a pesquisas escolares, bem como de produção de debates e de eventos culturais.

Dada a necessidade de se preparar para atuar com mediação, os voluntários foram incentivados a ampliar seus níveis de leitura e passaram a contar com um acervo de títulos nas dependências das suas unidades C&A. Chamadas Estações de Leitura, esses espaços – 172, no total – possuem acervos que variam, no geral, de 20 a 60 títulos. A biblioteca do escritório central da empresa em Barueri (SP), particularmente, conta com um acervo de 2 mil títulos, enquanto a do Centro de Distribuição Tamboré, situado na mesma cidade, possui um acervo repleto de obras de literatura infantil e juvenil, a fim de incentivar os funcionários a lerem para seus filhos.

De acordo com pesquisa interna realizada em 2008 pelo Instituto C&A e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), as Estações de Leitura são utilizadas por 86% dos voluntários e por 60% dos funcionários que não praticam o voluntariado. Para a maioria dos entrevistados, esses espaços contribuem de forma importante para sua formação como leitor. O levantamento partiu de uma amostra de 1,5 mil questionários, selecionados entre 2.980 respondentes que representavam as diversas unidades comerciais da C&A no Brasil.



As ações de promoção da leitura direcionadas aos voluntários foram desenvolvidas pelo programa Voluntariado, do Instituto C&A, com o apoio do programa *Prazer em Ler*. O programa Voluntariado tem o objetivo de promover e qualificar a participação social de associados da C&A nas comunidades em que a empresa atua.

Os grupos de voluntários realizam mensalmente, nas unidades C&A, o encontro Café com Letras. O momento é reservado à discussão de leituras e textos e também à realização de bate-papos com escritores locais. Uma versão memorável do encontro aconteceu em uma das lojas da C&A em Porto Alegre (RS). Lá, o grupo de voluntários batizou a Estação de Leitura com o nome do autor gaúcho Moacyr Scliar e contou com a presença do escritor na cerimônia de inauguração.

Outra iniciativa ligada ao *Prazer em Ler* que também é promovida com os funcionários é o concurso nacional *Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça*. Realizada anualmente, a ação visa estimular o registro escrito de leituras pessoais que mostrem a relação dos leitores com os livros lidos, os sentimentos despertados e os significados múltiplos construídos a partir das leituras. Todos os voluntários e também os funcionários da C&A que não praticam o voluntariado são estimulados a participar, e cada unidade organiza um processo de seleção interno para escolher o texto representante no concurso.

A realização de campanhas de arrecadação de livros, para expandir o acervo das instituições parceiras, e a participação em

campanhas de difusão da importância da leitura são outras contribuições marcantes do voluntariado do Instituto C&A em prol da promoção da leitura.

Em 2008, os voluntários de Aracaju (SE) se envolveram numa campanha de incentivo à leitura lançada pela instituição onde atuam, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Petrônio Portela, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação de Sergipe. Cartazes e panfletos que estimulam as pessoas a se tornarem mediadores da leitura foram distribuídos em escolas de 75 municípios, e os voluntários participaram ativamente desse processo.

Também em 2008, o grupo de voluntários de Salvador (BA) engajou-se, com a ONG Avante – Educação e Mobilização Social, no movimento internacional Livro Livre. Foram organizados eventos de divulgação do movimento no *Shopping* Iguatemi, onde os voluntários ficaram responsáveis pelo desenvolvimento de práticas de mediação da leitura para crianças.

No Rio de Janeiro (RJ), os voluntários tiveram uma participação notável no 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, realizado em maio de 2008. Eles receberam os visitantes e apresentaram o programa *Prazer em Ler*. O mesmo aconteceu em Recife (PE), em agosto de 2008, no 6º Festival de Literatura: A Letra e a Voz. O evento foi realizado pela prefeitura municipal e apoiado pelo Instituto C&A.

“Eu fui campeão no Ler com Arte. O que mais leu no ano de 2007. Leio tudo o que aparece, mas gosto das novidades, dos livros que acabam de ser comprados, que a gente sabe que são novos pela capa ou porque, às vezes, é do filme que passou no cinema. Sempre que chega livro novo na biblioteca eu já pego e, se não deu pra pegar, deixo meu nome na reserva. Adoro ser o primeiro a pegar um livro pra ler.”

JACKSON ANDRÉ PEREIRA,
ALUNO DA 1ª SÉRIE
DO ENSINO MÉDIO DO
COLÉGIO ESTADUAL
CONSELHEIRO CARRÃO,
CURITIBA, PR. PROJETO
LER COM ARTE...
QUER FAZER PARTE?

1.4 *Acervo*

“Não se deve esperar nada de útil da leitura literária. O acúmulo de conhecimento é objetivo de outros tipos de textos [...] é no potencial de um determinado livro em criar vínculo direto com a imaginação do leitor que devemos nos apoiar para incluí-lo em nossos acervos.”¹⁰

1.4.1 *A importância da leitura literária*

Um dos primeiros desafios durante a implantação do *Prazer em Ler*, em 2006, foi chamar a atenção dos gestores e educadores para o fato de que a literatura infantil e juvenil de qualidade estaria no centro do processo de formação dos leitores e, portanto, do universo dominante para a constituição dos acervos dos projetos de leitura. Essa escolha está apoiada na crença de que o contato com a leitura literária é o mais propício a despertar uma relação de intimidade com o livro.

Depois de assimilada a ideia de que não havia por que “cobrar” qualquer retorno estruturado da leitura literária, a “provocação” do programa foi convidar a todos para um mergulho no universo lúdico da infância. Contos de fadas, fábulas, poesia, ficção e livros ilustrados começaram a fazer parte do dia a dia das organizações sociais do *Prazer em Ler*.

Alguns desses educadores não haviam tido contato com o livro infantil e o juvenil. Muitos se lembravam das histórias orais que ouviam quando crianças mas, agora, elas lhes pareciam ingênuas demais para entrar no repertório de leituras adultas: “Parecia uma ‘literatura boba’, muito distante da leitura com conteúdos informativos que, do ponto de vista de muitos militantes das nossas organizações, eram úteis para o movimento social. Foi preciso se despir dessa visão utilitarista para entrar, sem preconceitos, no imaginário aberto pela literatura infantil e juvenil.” (Depoimento de mediadores de leitura durante o 8º Encontro de Formação de Educadores e Mediadores, Recife, PE).

Não foi preciso muito esforço para quebrar essa barreira. Os próprios títulos que chegavam às mãos dos mediadores de leitura surpreendiam pela densidade: “Na verdade, foi através das leituras propostas pelo *Prazer em Ler* que acabamos fazendo um verdadeiro resgate da infância – porque muitos de nós não tínhamos tido esta experiência nem nas nossas próprias vidas.” (Depoimento de mediadores, durante o 8º Encontro de Formação de Educadores e Mediadores, Rio de Janeiro, RJ).

Apesar da pouca convivência anterior com o livro infantil e o juvenil, o que era estranho tornou-se familiar: “[...] Hoje, três anos depois, já podemos nos considerar ‘emergentes refinados’ em matéria de literatura. Pois fomos deixando os gibis, a leitura das revistas de fofocas e os livros de autoajuda para ler Cecília Meireles e Mario

“Eu tive a oportunidade de viajar nos livros, cantar com os pássaros nas florestas, dançar com os príncipes dos contos de fadas e muito mais: a oportunidade de ler livros ‘maravilhosos’ que não tinha lido antes.”

ANA BEATRIZ

“Fiquei encantada com os livros, porque tem muitos livros de poesia! Os livros de poesia têm rimas e os outros não. Os livros me fazem bem nas suas leituras, os livros que eu mais gosto são: *Vovó Viaja e não sai de casa*, *Cadê meu Travesseiro?*, *À toa, à toa* e *A Colcha de retalhos*.”

AMANDA KELLY

Quintana.” (Depoimento de mediadores, durante o 8º Encontro de Formação de Educadores e Mediadores, Recife, PE).

“Um bom livro tem que ter capa bonita, letras bonitas, história legal e figuras bonitas.”

JÉSSICA, 8 ANOS, PROJETO LER PARA VALER.

1.4.2 Qualidade do acervo e critérios de seleção

O principal critério para a seleção dos livros de literatura infantil e juvenil é a qualidade das imagens e da narrativa, elementos que devem ser capazes de alimentar o interesse e atenção do leitor, estimulando o gosto pela leitura. Além disso, o acervo deve expressar a diversidade e a qualidade da literatura e de outros suportes de texto – como dicionários atualizados e publicações de referência para pesquisa e aprendizagem de diversos conteúdos específicos.

Muitas são as fontes de indicação para chegar aos títulos mais adequados às crianças e adolescentes atendidos pelo programa. Uma delas é a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que publica anualmente uma seleção de livros “altamente recomendáveis” – espécie de selo de qualificação. Além disso, o *Prazer em Ler* produz inúmeros materiais de apoio com informações sobre escritores que, na opinião de educadores e de leitores brasileiros, seguem princípios de qualidade.

Neste acervo, não podem faltar os clássicos: aqueles livros eternos que podem marcar a vida do leitor. Ou seja, são os livros lidos na infância aos quais sempre voltamos para buscar significados para nosso

POR QUE LER OS CLÁSSICOS?

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Livro que, quanto mais pensamos em conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos [...]”¹¹

ÍTALO CALVINO

presente. Essas publicações ganham uma dimensão de universalidade, pois falam diretamente com a alma, com o espírito, e não são destinados a um tipo específico de cultura ou mesmo de faixa etária.

Felizmente, hoje, a produção de literatura contemporânea para crianças e adolescentes oferece um vasto universo de opções. O que o *Prazer em Ler* trabalha com seus educadores é que, quanto mais eles mesmos se debruçarem sobre a literatura e se tornarem leitores cada vez mais apaixonados, mais estarão aptos a escolher os livros que estimulem o gosto pela leitura entre crianças, adolescentes e demais usuários dos espaços de leitura por eles gerenciados.

O processo de formação de educadores mediadores de leitura ofereceu, no decorrer do primeiro ciclo do *Prazer em Ler*, momentos oportunos para a discussão dos critérios de qualidade para a montagem dos acervos. Além disso, encontros promovidos com escritores, ilustradores, o incentivo à participação em eventos literários e o contato com livros indicados pelo programa estreitaram de tal forma o vínculo das organizações sociais parceiras com o universo da literatura infantil e juvenil que uma grande mudança foi se operando nas instituições: “Passamos a ver o livro como um objeto – e não só como o texto escrito. E, então, somos capazes de reconhecer quando uma diagramação é ruim, qual o valor das ilustrações para o entendimento do texto, que tipo de papel é inadequado etc. Isso foi realmente fantástico.” (Benê Brito, educador do Beira-da-linha, João Pessoa, PB).



Mas havia outros problemas a superar. A maioria dos livros adquiridos pelos projetos resulta de campanhas de arrecadação e estas, infelizmente, acabam refletindo o que se costuma ver em muitas bibliotecas escolares e comunitárias: um acervo em que predominam os livros didáticos ultrapassados, volumes em mau estado de conservação e, no tocante à literatura, apenas títulos que costumam ser indicados de forma obrigatória nos currículos escolares – sem dar conta da diversidade apresentada pelo mercado editorial.

Diante das novas diretrizes, os projetos foram levados a dirigir com mais eficiência suas campanhas de arrecadação e, definitivamente, tiveram de aprender – mesmo em face das dificuldades materiais – a dizer “não”: “O nosso acervo hoje tem em torno de 1.600 títulos de literatura infantil e juvenil. Porém, tivemos de dispensar pelo menos mil títulos que não estavam alinhados com a visão de leitura do programa – especialmente didáticos desatualizados e edições de baixa qualidade.” (Nara Mendonça, gestora da Biblioteca do Instituto Però, Jaboatão dos Guararapes, PE).

Já a tarefa das organizações sociais que buscavam implementar seus projetos de leitura em escolas públicas exigia esforços diferenciados. Duas realidades foram encontradas nas bibliotecas existentes. Em algumas, era possível encontrar boas coleções enviadas por programas de distribuição de livros do Ministério da Educação. Porém muitos exemplares permaneciam trancados em armários, por não existirem políticas de manutenção de bibliotecas.

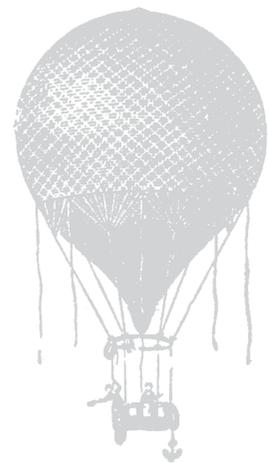
Tratava-se, portanto, de libertar esse acervo e criar novas rotinas para o funcionamento do espaço.

Na maior parte das escolas, no entanto, o cenário era outro: “O acervo era escasso e estava em condições precárias, tanto pela falta de recursos materiais como pela falta de acesso ao conhecimento e às novas propostas de leitura por parte da equipe pedagógica e de professores, que por viver em uma realidade turbulenta e estressante de escola pública nas periferias, não tinha (e não tem) condições de buscar novas alternativas de trabalho com a leitura.” (Ísis Tavares, educadora e gestora do Projeto Ler com Arte... Quer Fazer Parte?, Curitiba, PR).

O contato diário com a seleção e organização dos acervos trouxe não só aprimoramento pessoal para todos os participantes, como introduziu uma nova mentalidade, baseada na consciência do papel universal e formador da literatura infantil e juvenil: “Lá não tem livrinho, nem historinha. Temos obras literárias de autores de qualidade – uns mais conhecidos, outros menos.” (Cláudia Monteiro de Freitas, educadora do Colégio Estadual Guadalajara, Rio de Janeiro, RJ).

O leitor em primeiro lugar

Em 2005, o Instituto C&A apoiava o projeto “Da Escola para o Museu – do Museu para a Escola”, do Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, promovendo visitas monitoradas para que estudantes das escolas públicas conhecessem o acervo do museu. Entre



as participantes, a Escola Estadual Conselheiro Carrão se destacou, principalmente pelo interesse demonstrado em abrir as portas da escola para o voluntariado das lojas C&A, tanto para o intercâmbio com o museu quanto para um projeto de leitura nascente.

Assim, em 2006, surgiu o projeto Ler com Arte... Quer Fazer Parte? concebido para implementar a metodologia do *Prazer em Ler* na Escola Estadual Conselheiro Carrão, com apoio da Associação de Pais e Mestres. Trinta turmas de cerca de 1.500 crianças, adolescentes e adultos do ensino fundamental e médio na região de Uberaba, bairro onde grande parte dos moradores vive da reciclagem do lixo, vêm participando do projeto.

A escola não possuía espaço nem acervo adequado de leitura: as estantes entulhadas, que mal deixavam os livros à mostra, estavam abarrotadas de enciclopédias da década de 1920, livros em mau estado de conservação e poucos exemplares de literatura infantil. Só depois de uma primeira arrumação, os educadores encontraram caixas fechadas com livros de qualidade, distribuídos pelo



poder público, mas que ainda não haviam sido tombados nem apresentados à comunidade escolar por falta de recursos humanos e materiais.

Para qualquer leitor, um retrato desanimador.

A primeira tarefa do projeto foi descobrir quais títulos eram válidos para atender o público da escola, isto é, a maioria de adolescentes. “O primeiro critério foi dispensar os livros em mau estado – embolorados, rasgados, contrariando a ideologia de que ‘para pobres, qualquer coisa que a gente dê é melhor do que nada’... Se quisermos despertar o gosto e o cuidado pelo livro, ele tem de ter cheiro bom, tem de ser gostoso de folhear. [...] Depois, começamos a montar um acervo realmente diversificado: além dos grandes autores, dos clássicos, fomos buscar os títulos que mais circulam na mídia. Embora a qualidade literária não seja um ponto forte, ainda assim esses livros exercem um grande atrativo sobre os nossos leitores. A qualidade do acervo não pode estar somente baseada naquilo que o educador leu, ou no catálogo de determinada editora – a diversidade é a chave para um acervo realmente representativo. Os grandes autores, por exemplo, devem conviver junto com outros de menor relevância. Machado de Assis ao lado de um autor de *best-seller*, sem hierarquia. Pois é o próprio leitor que, aos poucos, ganhará autonomia e desenvolverá seus critérios de qualidade.” (Isis Oliveira, educadora do Ler com Arte... Quer Fazer Parte, Curitiba, PR).



Hoje, a Biblioteca da Escola Estadual Conselheiro Carrão possui três salas amplas e uma comunicação visual eficiente do acervo, com flechas coloridas que indicam o caminho por gêneros: contos, coleção “Literatura em Minha Casa”, livros didáticos por áreas e séries, literatura estrangeira, romance, ficção e os outros gêneros que os adolescentes mais conhecem. Isso facilita o acesso dos leitores aos 15 mil títulos do acervo, entre os quais revistas, gibis, livros de referência de outras áreas do conhecimento e material específico para professores e educadores.

Além da catalogação por cores e da orientação dos mediadores de leitura nos três turnos da escola, o aluno pode fazer a pesquisa no acervo por meio do computador. Um *software* para gestão do acervo foi especialmente desenvolvido pelo projeto, o *Sistema Calliopi*, e disponibilizado para todos os projetos que participam do *Prazer em Ler* ou mesmo para qualquer pessoa interessada. Além da catalogação, o sistema faz a gerência dos empréstimos e gera relatórios analíticos.

Para conquistar esses novos leitores, que hoje emprestam mais de mil títulos/mês, a principal estratégia é respeitar o interesse do público. “No primeiro encontro dos mediadores de leitura com as turmas, logo no início do ano letivo, passamos uma lista de sugestões para que os alunos digam quais livros leram nas férias, e apontem aqueles que esperam encontrar na Biblioteca. É também a ocasião de dividir com eles outras novidades, por meio de sugestões de livrarias, editoras etc. O resultado é tabulado e os títulos que mais aparecem serão comprados, na medida do possível. Daí em diante, a mediação direta na

biblioteca – tanto no momento da devolução quanto no contato do dia a dia – serve de termômetro para a montagem do acervo. [...] Às vezes, algum estudante resolve resenhar um livro clássico, por exemplo, despertando o interesse dos demais. Mas esse ‘resumo’ é espontâneo e nunca obrigatório. Se os demais colegas lerem as edições resumidas ou simplesmente um trecho entre tantos excertos literários que espalhamos pelas paredes da escola (nos cartazes ‘Procuram-se leitores’), pelos banheiros (pequenos textos afixados nas portas e paredes conhecidos por ‘Conversa Privada’), ou que ilustram pequenas agendas feitas para os nossos estudantes, já nos damos por satisfeitos. Porque o nosso papel é dar oportunidades. A gente abre a porta e espera que, de alguma forma, eles passem por ela...” (Isis Tavares, educadora do Ler com Arte... Quer Fazer Parte? Curitiba, PR).

1.4.4 A organização dos acervos

Antes de se voltar para as rotinas técnicas necessárias à organização de um acervo literário, isto é, seleção, aquisição, tombamento, classificação, catalogação, controle do uso e circulação, o gestor deve aprofundar a reflexão sobre os compromissos estratégicos do projeto com a comunidade que se tornará, de fato, usuária do acervo. Entre os aspectos a considerar estão definir a missão do espaço de leitura, o perfil dos usuários, as condições do acervo existente (em geral,

“Eu nunca lia nada até reformarem a biblioteca e arrumarem os livros. Até o cheiro da biblioteca antiga era ruim. [...] Quando a biblioteca ficou arrumada, dava para ver quanto livro tinha, mas eu tinha preguiça de escolher livro nas prateleiras. Daí a Isis [educadora do Ler com Arte... Quer Fazer Parte?] colocou um monte de livros no chão – dava para ver as capas deles. Eu gostei de uns de criança bem pequena, li a coleção porque achei aqueles livros engraçados.”

AMANDA DOS SANTOS
DA SILVEIRA, ALUNA DA
7ª SÉRIE, CURITIBA, PR.

recebidos por meio de campanhas de doação) e que tipo de coleção se almeja constituir para o futuro. Esta deve expressar, de fato, a diversidade necessária para constituir uma comunidade leitora. Essa reflexão dará suporte e consistência aos procedimentos que serão planejados, executados e sistematicamente registrados.

Trata-se, portanto, de uma ação político-pedagógica que determinará o sucesso ou não do funcionamento do espaço e das atividades de mediação. O objetivo final é que qualquer leitor ou gestor se sinta estimulado a se aproximar, compreender o funcionamento e se apropriar do acervo.

Seleção

É o momento de definir as obras de literatura infantil e juvenil e outros tipos de livros e portadores de texto que constituirão o acervo: dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, história em quadrinhos, DVDs, CDs, mapas, fotografias etc. No tocante à literatura, é importante abrigar a maior diversidade de gêneros narrativos – poesia, fábulas, novelas, contos, crônicas e outros. O leitor, com o tempo, vai se inclinar a seu gênero favorito.

Além disso, é importante enriquecer o acervo com filmes, pinturas, fotografias e outras linguagens, para despertar novas leituras do mundo e não apenas aquelas com base verbal e escrita.

Outro aspecto relevante é a atualização do acervo. Pode haver muita defasagem de conteúdo em decorrência do tempo de

publicação. Esse item vale mais para as obras técnicas, de referência e informativas (como dicionários, enciclopédias). No caso da literatura, é importante optar por edições em que a ortografia não seja muito arcaica de modo a dificultar a compreensão do leitor.

Aquisição

Todos os leitores – crianças, jovens, adultos, professores e outros moradores da comunidade – devem ser estimulados a expressar o que gostariam de ler e ter no espaço de leitura. Consultá-los, antes de ampliar o acervo, põe em prática a ideia de que o espaço deve ser patrimônio das comunidades e que cada leitor encontrará o que deseja. Existem três formas de aquisição: compra, permuta ou troca, e doação. Além do planejamento com base nas necessidades do espaço, é importante criar documentos que registrem esses procedimentos, por exemplo, os pedidos de doações, as cartas de agradecimento, entre outros.

Tombamento

Tombar é a maneira de controlar as aquisições do acervo, ou seja, cada livro ou item que passa a constituir o patrimônio da biblioteca ou do espaço de leitura. Fará parte da rotina do gestor registrar cada evento no “livro tombo tradicional”. Dele deve constar número de registro, data de entrada, autor, título, editora, local, data de publicação, número de páginas e o indicativo se foi adquirido por compra,

permuta ou doação; em caso de extravio, observações também devem ser anotadas.

Inúmeras organizações sociais que participam do *Prazer em Ler* estão adotando sistemas informatizados especialmente criados para as rotinas de tombamento, classificação, catalogação, empréstimos, entre outros.

Classificação

A classificação é uma etapa fundamental que imprime qualidade ao processo de organização técnica do acervo. É ela que permite ao usuário chegar especificamente à obra do seu interesse, ir além dela e descobrir tantas outras mais.

O gestor do espaço, conhecedor do acervo e do interesse dos seus leitores, deverá buscar apoio de profissionais e subsídios da área de biblioteconomia para encontrar uma ordem, ao mesmo tempo compreensível para o público, como também enriquecedora do repertório cultural das comunidades. Por exemplo, é possível classificar o acervo por faixas etárias, por gêneros e ir aprofundando essas subdivisões. Assim, na categoria “poesia”, buscar outras linguagens afins como “rimas, quadrinhas, parlendas”, e assim por diante. Ou criar novas categorias como “contos indígenas, africanos, ou de cordel, ou dos pampas, entre outros.”

A classificação deve ser uma rotina prazerosa do espaço de leitura e não uma rotina burocrática. Há um grande espaço de criação



a ser preenchido e até mesmo os usuários podem ser convidados a auxiliar.

Entre as organizações sociais do *Prazer em Ler*, neste primeiro ciclo, inúmeras ideias foram surgindo para tornar a busca do leitor mais amigável, como a *Classificação por cores* e outras para criar surpresas para o leitor – como uma estante inteiramente dedicada a livros de futebol, livros antigos misturados com livros novos, ou ainda clássicos da literatura que foram resumidos ou adaptados para crianças e jovens dispostos bem ao lado dos volumes originais.

Catálogo

É a última etapa do ciclo de entrada das obras no espaço de leitura. São criados índices de registros para que qualquer pessoa possa recuperar as obras no acervo. A forma mais tradicional são os fichários, em geral, com as informações sobre os livros organizadas em ordem alfabética, por título, autor e assunto. Em cada ficha,



dados sobre autor, título, local e data da publicação, edição, série, volume, número de páginas e o código de classificação que a obra recebeu no acervo. Essa forma manual vem sendo substituída pelos sistemas informatizados, nos quais é possível realizar diferentes tipos de busca no acervo.

Controle sobre o uso e circulação do acervo

Os espaços de leitura só se tornam um “organismo vivo” se o interesse dos leitores pelo acervo for realmente contagiante. Ou seja: a procura intensa por determinados títulos, por exemplo, deve estimular novas aquisições e servir de parâmetro para ampliar o repertório desses leitores.

Assim, alguns instrumentos são criados para que se possa avaliar a pertinência dos acervos e a qualidade dos serviços: o *registro e cadastro de usuários* é a base para desenvolver um relacionamento, não com base na ideia de cobrança de devoluções atrasadas, mas para

envio de convites, cartas de cumprimentos e outros; *livro de frequência*, sempre bem visível na entrada do espaço, não só para controlar entrada ou saída, mas também para apurar o interesse em relação às atividades, ou até mesmo compreender por que um frequentador não se torna usuário do acervo.

Muito importante é o *livro de empréstimos*, que contém data, nome e número do usuário, autor e título da obra, número de classificação, data de devolução e espaço para rubrica do usuário. É interessante ver, em muitos espaços abertos pelo *Prazer em Ler*, a responsabilidade que as próprias crianças desenvolvem em relação aos empréstimos. O mediador deixa claro quais são as regras de devolução, a quantidade de livros por vez e, além disso, transforma o livro em um objeto de interesse não só para a avaliação do programa como também para as crianças.



2. Gestão

“Diz quem foi que fez o primeiro teto que o teto não desmoronou”

“Quem foi esse pedreiro, esse arquiteto e o primeiro morador”

CHICO BUARQUE, ALMANAQUE

2.1. Gestão

Planejar, avaliar, em suma, gerir um projeto de leitura, de acordo com a metodologia do programa *Prazer em Ler*, significa e implica dar conta de uma diversidade de funções que devem funcionar de forma articulada do espaço de leitura para toda a comunidade.

Por gestão entende-se um conjunto de processos e procedimentos articulados, que visam ao alcance de metas e objetivos, planejados, monitorados e avaliados. Esses processos e procedimentos vão desde a apropriação e o desenvolvimento de técnicas e instrumentos operativos até as relações entre os diferentes “fazeres” internos à organização e sua relação com o ambiente externo, com a comunidade e seus diferentes atores.

e avaliação



Diante das diversidades dos modelos de gestão existentes, o programa não define determinado modelo de gestão unificado para todas as organizações parceiras. Porém define e orienta sobre alguns princípios que devem ser considerados para a gestão dos projetos de leitura, de modo que articulem e incidam em todas as atividades socioeducativas e culturais desenvolvidas, seja ela biblioteca comunitária ou outro tipo de instituição mantenedora de um espaço de leitura. Incorporar princípios e traduzi-los em procedimentos que garantam coerência com a proposta político-pedagógica desse campo de atuação são os maiores desafios da gestão.

Nesse sentido, a gestão de um projeto de leitura deve considerar os fins a que foi criado, desde a concepção do espaço (ambiente, mobiliário, iluminação, ventilação); o acervo (tipo de materiais, diversidade e qualidade); a mediação da leitura (atividades propostas, organização que valorize os objetos de leitura); até a participação da instituição como um todo e da comunidade do entorno nos processos de planejamento e avaliação.

A estratégia de gestão proposta pelo programa tem de buscar a ampliação da visibilidade e do sentido do projeto de leitura na instituição e em toda a comunidade – crianças, adolescentes, familiares, educadores – com os mediadores/gestores do projeto de leitura. O papel fundamental do gestor/mediador reside em orquestrar os processos e procedimentos, que incluem técnicas e instrumentos para a realização de uma gestão articulada e participativa.

Um bom ponto de partida para qualquer gestor de um projeto de leitura deve começar pela identificação dos objetivos que pretende alcançar. Se o projeto visa desenvolver o gosto pela leitura entre crianças e adolescentes, a instituição deve ter clara a concepção presente no Estatuto da Criança e do Adolescente, levando em conta “a criança e o adolescente como sujeito de direitos” e os princípios de participação desses sujeitos em atividades, processos e programas que diretamente atingem e/ou dizem respeito à sua vida. Dessa forma, entender quem é o público que se quer seduzir para a leitura, qual a situação em que vive, seus gostos e preferências, é um passo fundamental para iniciar um bom planejamento.

Do mesmo modo, entender como toda a organização se relaciona com a leitura, tanto para os seus fazeres pedagógicos quanto na inserção da leitura na vida das pessoas que fazem a organização, é uma pista importante para o desenvolvimento de estratégias de gestão democráticas de um projeto de leitura. O conceito de gestão do *Prazer em Ler* está diretamente relacionado às funções que o mediador de leitura exerce para difundir a leitura e formar leitores na comunidade onde está inserido.

Assim, é de responsabilidade do mediador/gestor o cuidado com o espaço e sua preparação para as diferentes atividades de leitura, o cuidado com o acervo e a promoção da interatividade do leitor com outros leitores e com os livros. Para que isso aconteça, é

DESCRIÇÃO DAS
ATIVIDADES REALIZADAS
PELO MEDIADOR/GESTOR
COM SUA EQUIPE:

1. Elaboração do plano de desenvolvimento do espaço de leitura de forma participativa com os leitores e outros agentes do espaço de leitura. O plano é realizado com base no projeto de leitura e deve conter: objetivos, atividades, horários, acordos e responsabilidades quanto a:
 - a) planejamento da organização e funcionamento do espaço;
 - b) definição sobre a organização do acervo, especialmente de literatura;
 - c) programação semanal, mensal ou de eventos pontuais de atividades de leitura;
 - d) atendimento e orientação para >>



necessário que construa mecanismos com sua equipe para planejar e avaliar sistematicamente suas ações e o funcionamento do espaço, e que crie as condições para o envolvimento e a participação das crianças e adolescentes e da comunidade nesses processos. Também é importante que o mediador aprimore sua formação leitora, desenvolva seu espírito investigativo e experimentador, investindo em sua própria construção como sujeito educador/pesquisador que faz da prática a fonte de inspiração para o diálogo e a reflexão teórica, na perspectiva de qualificar cada vez mais as estratégias de formação de leitores.

A articulação dos processos de gestão se concretizam em elementos de monitoramento e avaliação que tomam como base um Sistema de Acompanhamento e Avaliação desenvolvido pelo programa *Prazer em Ler*. Tal sistema passou a oferecer subsídios confiáveis aos gestores para decidir e reorientar as suas ações e decisões, sempre tendo em vista os melhores benefícios para as crianças, os adolescentes e a comunidade.

2.2 Avaliação e acompanhamento

Em janeiro de 2006, o Instituto C&A contratou a empresa de consultoria Lab Social para elaborar um Sistema de Indicadores de Acompanhamento e Avaliação de Projetos de Leitura (SAA) com o objetivo de monitorar de forma contínua e sistemática o programa *Prazer em Ler*.

Desde sua concepção, elaborada de forma conjunta entre os consultores contratados e gestores do Instituto C&A, o SAA reflete o objetivo de se tornar um sistema dinâmico e aberto, sujeito a revisões periódicas, que se constitui fundamentalmente em ferramenta de gestão para o programa *Prazer em Ler* (PPL) e seus parceiros.

O primeiro ciclo do programa (de fevereiro de 2006 a fevereiro de 2009) foi marcado por estratégias de implantação de projetos de leitura em contextos diversos: ONGs, instituições educacionais, escolas públicas, além do desenvolvimento de práticas de promoção da leitura no universo comercial da C&A. Desse primeiro ciclo, participaram diretamente 90 instituições, que envolveram um público de 40 mil crianças, 15 mil adolescentes e jovens, além de 170 mil pessoas consideradas público indireto do programa.

Os indicadores de avaliação utilizados para medir o desempenho dos projetos de leitura no primeiro ciclo estiveram focados nas estratégias utilizadas pelas instituições parceiras para fazer das bibliotecas e salas de leitura espaços de referência no seu entorno

>>

empréstimos dos livros;
e) orientação de pesquisas e outros serviços oferecidos pelo espaço.

f) definição dos procedimentos e instrumentos para monitoramento e avaliação do projeto.

2. Produção de materiais de comunicação do projeto e das programações do espaço de leitura de modo a dar maior visibilidade às atividades realizadas na biblioteca.

Isto pode ser feito por meio de:

- elaboração de um plano de comunicação, incluindo: contatos e/ou encontros com diferentes lideranças comunitárias para divulgar sistematicamente a programação de leitura realizada no espaço de leitura e convidar os moradores para >>

>>

participar dos eventos;
programações conjuntas
com outras organizações
locais: organizações
governamentais, escolas,
grupos comunitários,
bibliotecas, etc.
exposição de materiais
de informação sobre as
produções e programação
do espaço de leitura
nos locais de grande
circulação de moradores
da comunidade: comércio,
postos de saúde, escolas,
espaços de convivência
entre outros.

comunitário, com acervos qualificados e diversificados e com uma programação de mediação de leitura sistemática e adaptada aos interesses dos usuários.

Por ser um processo aberto às perspectivas originadas da prática, a avaliação desse primeiro ciclo foi progressivamente tornando mais focados os indicadores de qualidade, a fim de garantir melhores condições de observação do funcionamento dos espaços de leitura. Assim, as categorias que orientaram a avaliação de indicadores no primeiro ciclo foram:

1. público participante
2. espaço de leitura
3. acervo
4. práticas de mediação
5. gestão

Com a finalidade de verificar o alcance dos seus objetivos, o programa *Prazer em Ler* estruturou questões avaliativas para cada um dos anos do primeiro ciclo, como se vê no quadro na página seguinte:





-
- 2006** * Os projetos foram implantados nas instituições parceiras de acordo com os pressupostos e parâmetros de qualidade do PPL? (Desenvolve-se em um espaço específico, com acervo qualificado e orientação dos leitores por educadores mediadores de leitura?)
- * Qual o perfil dos mediadores de leitura?
-
- 2007** * A formação de leitores é uma ação relevante e integrada nos processos educacionais e de atendimento da instituição?
- * Quais são as práticas desenvolvidas?
- * As práticas de leitura são programadas e orientadas por educadores mediadores de leitura com metodologias para formação de leitores?
- * Os projetos de leitura estão formando outros mediadores voluntários ou outros leitores que frequentam o espaço?
- * Como se caracteriza a participação do público do projeto?
-
- 2008** * Qual o perfil das organizações participantes do PPL? (Natureza, tipo, histórico de leitura no projeto, público, práticas de leitura?)
- * Quais os fatores de êxito ou obstáculos ao desenvolvimento de projetos de leitura?
- * Quais os fatores que contribuem para a sustentabilidade dos projetos de leitura?
-

VISITA ACESSORA PEDAGÓGICA

As visitas regulares ao campo resultaram num instrumento bastante consistente, pois trouxe dados peculiares das organizações que ajudaram a construir novos descritores para a versão SAA2. Além disso, a assessoria pedagógica apoia, orienta, reflete e ajuda a rever o percurso dos projetos no calor dos acontecimentos, sem que seja preciso esperar o final de um ciclo para encontrar um caminho melhor de atuação. Já a avaliação é antes de tudo uma prática de reflexão e julgamento sobre o que está sendo alcançado ou que se alcançou com as >>

Foram aplicados instrumentos que continham descritores específicos sobre o funcionamento dos projetos de leitura. A avaliação de cada ano foi orientada pelas perguntas anteriores, mas o desempenho dos projetos também foi aferido mediante a análise dos instrumentos, preenchidos tanto pelas instituições como pelas assessoras pedagógicas responsáveis pelo acompanhamento sistemático das ações. Os momentos de formação de educadores mediadores de leitura foram relevantes para promover a incorporação dos princípios do programa, seja através de momentos de aprendizagem coletiva, seja de trabalhos em grupo para troca de experiência e estudo orientado dos instrumentos de avaliação.

Para cada uma das cinco categorias de indicadores, foram atribuídos descritores de qualidade do funcionamento dos projetos de leitura. Embora não fossem elementos de avaliação rígidos, tais descritores orientaram a aferição de desempenho dos projetos. Dependendo do desempenho alcançado, foram atribuídos os conceitos: A, B, C, D e E.

Ao se observar o desenvolvimento dos projetos ao longo dos três anos do primeiro ciclo, percebe-se uma evolução progressiva em relação ao número de projetos e a avaliação do desempenho, como se vê nos quadros a seguir:

Programa Prazer em Ler	2006	2007	2008
Total dos projetos	68	66	82

Desempenho	2006 (%)	2007	2008
Excelente	0,0	7,31	19,69
Bom	36,5	34,15	53,03
Razoável	49,2	21,95	22,72
Insatisfatório	14,3	9,75	4,54
Frágil	14,3	26,83	—

Além dos dados estatísticos produzidos, a avaliação contou com estudos de caso, realizados em cinco instituições que integram o programa *Prazer em Ler* desde 2006. Os casos selecionados foram: Biblioteca Comunitária Calabar (ONG Avante, Salvador, BA), Casa da Leitura (ONG Nova Era, Novos Tempos, São Paulo, SP), Biblioteca Conselheiro Carrão (Escola Estadual Conselheiro Carrão, Curitiba, PR), Picadeiro da Leitura (ONG Instituto Criança Cidadã, Guarulhos, SP) e projeto Transformação Através da Leitura (ONG Cecom, Nova Iguaçu, RJ).

Apesar de uma maioria de organizações não governamentais, tais instituições apresentam diferenças muito grandes entre si. Alguns espaços de leitura, como o de Salvador, por exemplo, podem ser caracterizados como bibliotecas comunitárias, enquanto outros são espaços mais voltados às demandas internas de oferta de oportunidades educacionais a um determinado público de crianças e adolescentes, como é o caso do Picadeiro da Leitura, em Guarulhos.

>>

ações do projeto e do programa e quais os benefícios sociais que estão sendo produzidos. Diferentemente do acompanhamento, os processos de avaliação envolvem todos os que participam tanto do projeto quanto do Programa: beneficiários, equipes técnicas, formuladores, gestores e investidores. Esta participação é planejada e orientada.

As análises das práticas de leitura e das diferentes formas de funcionamento das bibliotecas respeitaram a diversidade entre as cinco instituições escolhidas. Partiu-se do princípio de que “os projetos de leitura na perspectiva do PPL movem-se no sentido de propiciar a seus participantes situações nas quais diversas práticas de leitura são experimentadas.”¹²

Não apenas se percebe o ato de ler como uma prática social movida por condicionantes diversos, mas também se interpreta essa prática através de uma conjunção de elementos, desde a história pessoal dos leitores até os fatores que favorecem ou desfavorecem o acesso das populações aos bens culturais e ao conhecimento. Assim, cada caso estudado foi visto no âmbito das estratégias que as respectivas instituições buscam para se aproximar do universo cultural dos leitores e como fazem para, a partir desse diálogo com





os interesses do público, ampliar as possibilidades de acesso aos bens culturais e para modificar as atitudes dos leitores visando à maior intimidade com a leitura literária.

Os princípios e atributos de qualidade dos projetos de leitura do programa *Prazer em Ler* compõem a base avaliativa a partir da qual os casos foram estudados. Os eixos estratégicos que contextualizam tais princípios e atributos são espaço, acervo, mediação e gestão. A partir da interação desses eixos, percebe-se o sucesso de determinado espaço de leitura ou biblioteca: esse local passa a se constituir referência cultural para a comunidade; diferentes públicos passam a interagir e a encontrar bens culturais de seu interesse; empréstimos de livros acontecem com frequência; a organização da gestão passa a ser compartilhada entre os integrantes da instituição e com abertura para participação da comunidade. Enfim, onde todos esses fatores bem articulados podem contribuir para que a biblioteca seja um ambiente capaz de despertar a possibilidade de descoberta, vivida por um leitor que desbrava o que lê

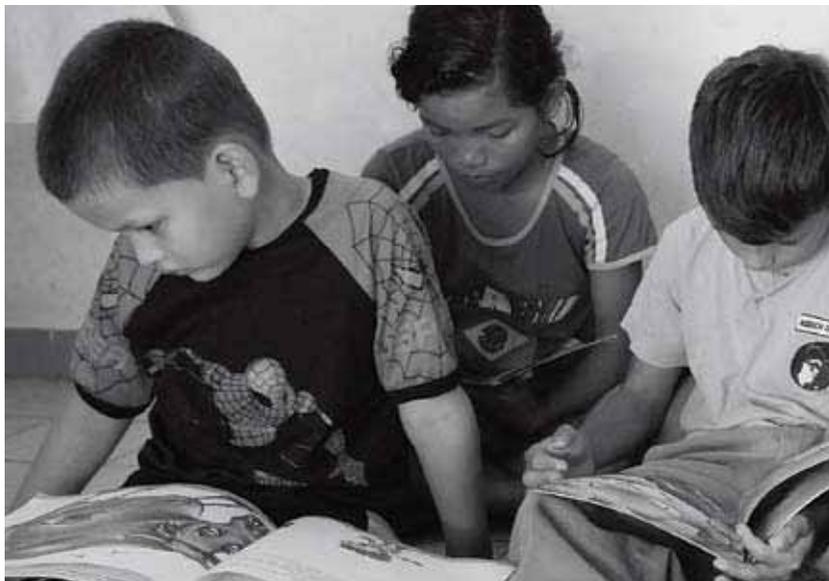
em direção a significados novos para sua vida, numa busca de novos sentidos que vão se juntar a experiências diversas do indivíduo. Indo além do acesso ao conhecimento, espera-se que os espaços de leitura apoiados pelo programa possam se constituir em “um lugar para a utopia no qual as crianças, jovens e adultos compartilham valores que lhes permitam compreender e buscar soluções para problemas que lhes afetam e transformar a realidade”.¹³

Da mesma forma que na análise de desempenho dos projetos de leitura, realizada com todas as instituições participantes do programa *Prazer em Ler* no primeiro ciclo, percebe-se, nos estudos de caso, uma evolução significativa na incorporação de critérios de qualidade para o funcionamento de um espaço de leitura. Embora com variações de aspectos diversos, seja na qualidade e diversidade do acervo, seja na expansão do acesso ao público, ou ainda na adequação das práticas de mediação aos interesses e demandas da comunidade, as instituições pesquisadas mostraram resultados satisfatórios na maneira como vêm investindo na expectativa de que as bibliotecas se tornem referência para o trabalho educacional que realizam.

O depoimento de um jovem de Salvador é significativo na ilustração desse tipo de mudança: “[...] no segundo ano (2007) tivemos uma formação melhor para fazer o trabalho mais legal, ninguém gostava de leitura, de nada... eu mesmo não gostava de ler nada, ninguém daqui do grupo gostava de ler, fomos nos apropriando

da leitura e se envolvendo. Hoje é bem diferente, nos envolvemos com outras instituições, outros jovens de fora, com outras bibliotecas comunitárias, essa articulação toda.”

Essa evolução gradativa foi uma marca no desempenho geral dos projetos de leitura que, aos poucos, foram ampliando sua adequação aos princípios e atributos de qualidade do programa *Prazer em Ler* e transformando seus espaços de leitura em locais de referência para as comunidades onde estão inseridos.





“A gestão é o maestro da orquestra, dela depende a harmonia dos demais eixos – espaço, acervo e mediação – e, conseqüentemente, o sucesso do projeto.”

CIDA FERNANDEZ, CONSULTORA DO PROGRAMA *PRAZER EM LER*

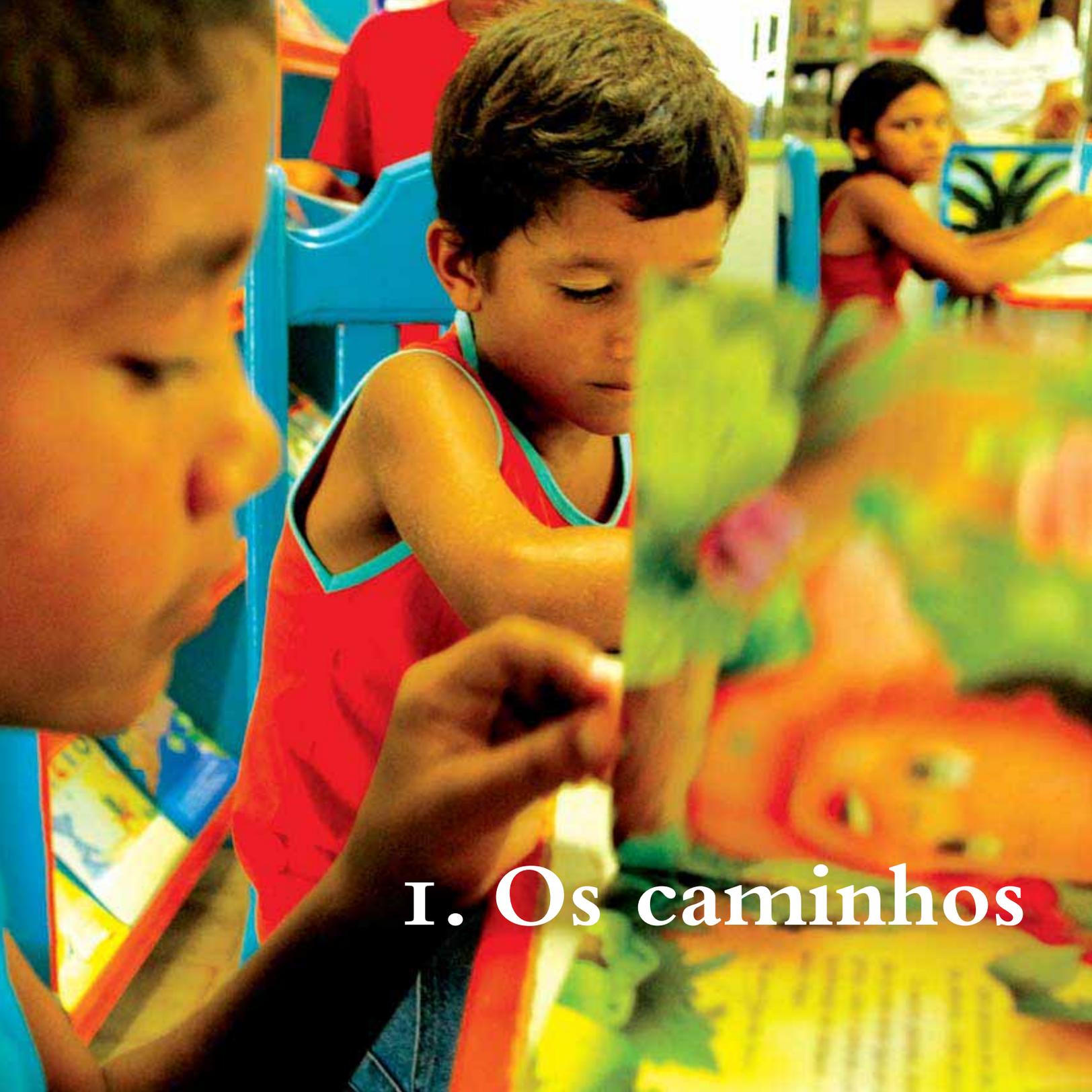


[PARTE III]



Desafios





I. Os caminhos

“Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.”

MICHÈLE PETIT¹

O QUE GARANTE A CONTINUIDADE DE UM PROJETO DE LEITURA QUANDO determinada política pública ou o financiamento de empresas apoiadoras chegam ao fim?

A resposta está em uma gestão bem estruturada, organizada para cumprir sua missão educacional e articulada de tal forma com outros agentes sociais que a própria comunidade se encarrega de sua permanência e continuidade.

A grande maioria dos parceiros do *Prazer em Ler* já atendia um número significativo de crianças e adolescentes e, por meio desse contato, estabelecia vínculos com suas comunidades. O que o programa fez foi estimular ainda mais esse “extramuros institucional”, mostrando que a leitura traz em si uma enorme capacidade de dialogar com as pessoas e de mobilizar a comunidade para a construção da cidadania. E de tal modo que, ao final desse primeiro

se multiplicam



ciclo, 83% dos participantes foram ampliando o raio de articulação dos projetos de leitura para além do público de origem.

A impressão que se tem hoje, ao se vivenciar o dia a dia dos projetos participantes do *Prazer em Ler*, é que por trás de cada assinatura do livro de empréstimos dos espaços e bibliotecas e daquelas carinhas atentas nas rodas de leitura há sempre outra história, comprida e, às vezes, difícil de contar. Os mediadores de leitura e os gestores do projeto possuem o olho de quem é educador. Assim, procuram sempre enxergar mais longe. E, aos poucos, vão puxando um fio para chegar às causas mais profundas e que podem se tornar futuros obstáculos no caminho do leitor: a falta de estímulo da família, os problemas de aprendizado na escola, o acesso restrito aos livros na comunidade etc. O raio de ação dos projetos alcança, naturalmente, territórios cada vez maiores e chega até mesmo a inspirar políticas públicas sustentáveis para a promoção do livro e da leitura no país.

1.1 O vínculo com a família

Se os pais forem bons leitores, se costumam ler ou contar histórias para os seus filhos, se os livros, jornais e revistas estiverem desde cedo povoando o cotidiano das crianças, é claro que a chance de se tornarem leitores serão maiores. Por atuarem em territórios de populações com pouco acesso aos bens culturais e educacionais, quase todos os projetos de leitura do *Prazer em Ler* desenvolvem práticas de aproximação com as famílias, em geral não leitoras.

Por intermédio das crianças, encontros são marcados para fazer a mediação de leitura. É a oportunidade de conhecer os moradores, ocupar o sofá da sala, tomar cafezinho, fazer roda de leitura no quintal e sacudir um pouco o cotidiano tão difícil das pessoas. Outra estratégia, como já sabemos, é se mostrar presente por meio das “bibliotecas volantes”. E, quando a família se dá conta, o *Prazer em Ler* já chegou bem perto, ao lado da cama, na voz da bisneta que lê para a bisavó: “Bianca, 13 anos, foi a primeira a montar a mala de livros para a família, aqui em Brasília Teimosa. Com ela moravam a bisavó, a avó, duas tias, a mãe, uma irmã e dois irmãos bem pequenos. Uma casa de mulheres. Levou alguns livros de culinária, revistas e muitos livros de literatura infantil e juvenil para compartilhar com os irmãos. Na devolução, a bisavó pediu que a biblioteca enviasse, da próxima vez, um romance para que Bianca lesse para ela todas as noites. Hoje, a bisavó é usuária da biblioteca e lê pelos olhos de

“Percebo que o Artur não quer ajuda em casa, nas tarefas, porque ele quer ler e fazer sozinho; é bem independente! Ele gosta tanto de ler que em casa nem preciso ler para ele, é ele quem conta as histórias pra mim. Ele leva semanalmente os livros para casa; ele não suja, não rasga, é muito cuidadoso! Ele aprendeu a ler cedo, com 6 anos!!!”

ZULEIDE DE JESUS DE CARVALHO GOMES,
MÃE DE ROBSON ARTUR MENDES CAMPOS,
8 ANOS, PROJETO LER PARA VALER, MA

Bruna, a bisneta mais nova.” (Isamar Martins, educadora mediadora de leitura do Leitores Brincantes, Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA), Brasília Teimosa, PE).

Para os pequenos, ainda começando a juntar as letras, o que pode ser mais lúdico do que partilhar essa descoberta com os pais? É o que a “Bolsa Palhacinho Mambembe” com gibis e livros para os iniciantes provoca nas famílias, como mostram inúmeros depoimentos por escrito enviados no momento da devolução da Bolsa: “Gostei de todos os livros de estória, mas o que o Kaio deixou bem separado e pediu para eu ficar lendo pra ele foram os gibis da Mônica, do Cascão, do Cebolinha, do Chico Bento e da Magali. Eu ficava lendo e ele, na minha frente, prestando atenção. Não é fácil para o Kaio parar e prestar atenção! Mas, dessa vez, eu consegui. Deve ser por causa das estórias serem bem legais.” (Foloruncio Omolade, pai do Kaio, 6 anos, atendido pelo projeto Instituto Criança Cidadã, Guarulhos, SP).

“A história que a Camila mais gostou foi ‘a dos dentes’. Ela – mesmo com dificuldade para juntar as letras – leu. Gostei de ver minha filha se interessar pela leitura, juntando as letras e, depois, descobrindo o que estava escrito.” (Valdirene Silva, mãe da Camila Silva, 6 anos, atendida pelo projeto do Instituto Criança Cidadã, Guarulhos, SP).

1.2. Leituras na comunidade

Faz parte do cotidiano dos mediadores e gestores dos projetos do *Prazer em Ler* encontrar sempre uma brecha para fazer do livro e da leitura o tema do próximo evento das suas localidades. São práticas frequentes os saraus literários, encontros com autores consagrados, passeios à Bienal do Livro, e festas literárias bem no meio da praça ou do largo entram para o calendário de eventos, tudo com o intuito de atrair a comunidade para uma ação cultural maior.

Houve também quem saísse da sala de leitura para se aventurar em outros universos, além de creches, igrejas e associações de moradores, como postos de saúde, atingindo, assim, um público heterogêneo, formado por pessoas vindas até mesmo de outras cidades e regiões. A leitura literária, nesse caso, traz conforto, ou simplesmente distrai da dor, originando uma rede afetiva.





Em Caucaia, o maior município da Grande Fortaleza, o “Vagão da Leitura” alcança os postos de saúde e ganha reconhecimento da comunidade: “Os livros ficam à disposição das pessoas que estão no momento de espera, fragilizados por causa da doença. Ainda assim, as crianças começam a interagir com os livros, os nossos mediadores leem histórias e os adultos podem amenizar a ansiedade enquanto aguardam atendimento. Essa iniciativa tem provocado um grande envolvimento da comunidade de Caucaia com o nosso projeto.” (Célia Coelho, pedagoga do L3 [Livro, Leitura e Literatura], da ONG Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil [CIDI], Caucaia, CE).

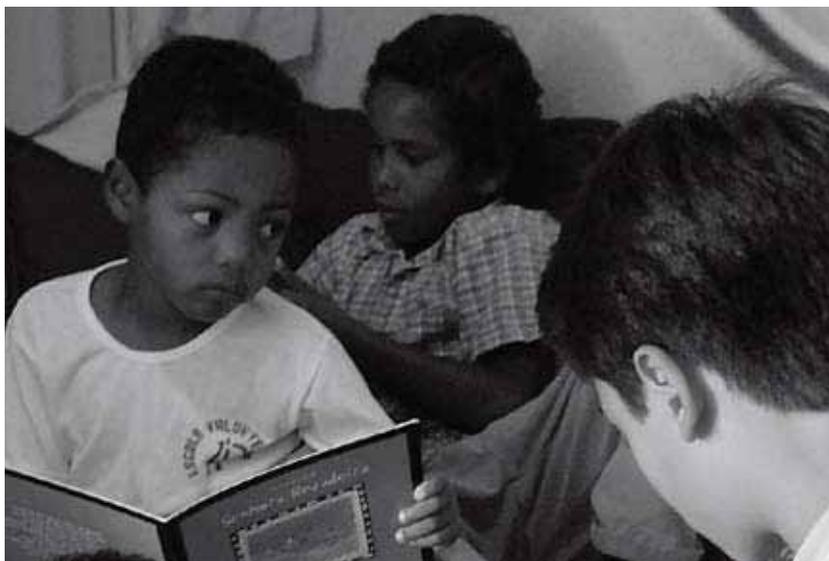
Venha ver de perto

Nos caminhos percorridos pelo programa, muitos projetos que não haviam sido concebidos como bibliotecas comunitárias também abriram as portas dos seus espaços de leitura para além do público atendido pela instituição de origem. No caso da Esquina do Livro, no Rio de Janeiro, no começo foi só uma janelinha: “O acesso à Biblioteca sempre foi feito pela entrada do Centro Esportivo Comendador Armando da Fonseca, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, e de lá também vinha o nosso público. Em 2006, com a entrada do *Prazer em Ler*, fizemos muitas mudanças. Entre elas, resolvemos abrir uma janelinha e colocar uma campanha para que as pessoas que subissem a rua Comendador Pinto pudessem nos chamar. Mas ninguém aparecia. Ou só tocavam a campanha para chatear.

Então começamos a abrir a porta, um dia por semana, para que a comunidade pudesse ver de perto nosso projeto. Eles reagiam com a maior surpresa. Encontrar um acervo de 6 mil livros, a maioria infantis e juvenis, e uma programação de leitura para crianças e adolescentes – ninguém imaginava. Hoje é um entra e sai todos os dias. Exceto nas sextas, quando fechamos para receber apenas as crianças da Escola Municipal Paraná.” (Tite de Lamare, gestora do projeto Esquina do Livro, Campinhos, RJ).

1.3 Leitura nas escolas

Qualquer ação dos projetos que integram o programa *Prazer em Ler* começa pelo reconhecimento de que o lugar privilegiado da educação é a escola. Assim, os parceiros trabalham conscientes de que suas atividades jamais substituem o papel da escola. Mas podem,



de fato, contribuir com o ensino de crianças e adolescentes, em especial no que se refere a trazer a leitura literária para além da leitura escolar. Ou seja: para além da alfabetização e da leitura dirigida ao conhecimento formal e à interpretação de textos.

Durante os últimos três anos, o programa incentivou ações que pudessem construir uma política de leitura nas escolas mais intencional em relação à leitura literária: “Para se tornar uma escola leitora, é preciso uma reflexão conjunta da comunidade escolar: do porteiro ao diretor, passando pela merendeira e as famílias. Essa comunidade deve reconhecer além da importância de aprender a ler e a escrever, o lugar privilegiado do livro e da literatura na vida das pessoas.” (Camila Leite, do projeto Tear de Histórias, do Instituto Tear, sobre o trabalho com a Escola Municipal Benedito Ottoni, Rio de Janeiro, RJ).

Partindo desse princípio, três frentes foram se delineando no programa *Prazer em Ler*. A primeira seguiu motivando a interação entre bibliotecas e espaços de leitura com as escolas mais próximas. Dessa forma, o vínculo da comunidade se estreita e a biblioteca se firma como um espaço cultural mais amplo, além, é claro, de prosseguir na formação do leitor literário.

A segunda realizou um trabalho de transformação a partir da biblioteca escolar, espaço central de articulação de uma política de leitura que, aos poucos, rompe resistências e introduz novas práticas na sala de aula: “Os professores começam a perceber, por exemplo,

que a reconstrução da biblioteca escolar e a introdução de novas práticas de leitura não chegam para atrapalhá-lo, nem para agregar mais trabalho ainda na difícil rotina da escola pública. Eles se aproximam e acabam por tornar até os momentos das leituras indicadas para o vestibular – e, portanto, obrigatórias – mais prazerosos.” (Ísis Tavares, educadora do Ler com Arte... Quer Fazer Parte?, sobre projeto na Escola Estadual Conselheiro Carrão, Curitiba, PR).

A terceira frente se voltou para a formação de professores orientadores de salas de leitura, trazendo a leitura literária para um grande debate nas escolas públicas. E, portanto, compondo a metodologia *Espaço, Acervo e Mediação* com políticas de leitura já adotadas pelas Secretarias de Educação. É o caso do projeto Formação de Educadores como Mediadores de Leitura, realizado na região da Capela do Socorro, zona sul de São Paulo, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e parceria técnica com a ONG Cor da Letra. A ação alcançou 49 escolas, das quais 27 escolas municipais de Ensino Fundamental e 22 escolas municipais de Educação Infantil. Professores orientadores de salas de leitura, professores, coordenadores e assistentes de direção foram formados como mediadores de leitura em encontros mensais com a equipe técnica, e esse treinamento somado a um dedicado trabalho de acompanhamento e supervisão realizados em cada escola.

Outro projeto de Formação de Educadores Mediadores de Leitura semelhante, também de composição com o poder público,

é realizado em parceria com a Secretaria do Estado da Educação do Rio Grande do Norte e a ONG Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). Tal experiência é apresentada em detalhes nas linhas a seguir.

Não há mágica para o sucesso dos projetos de leitura nas escolas. No entanto, a continuidade deste debate parece depender de uma decisão maior: “A leitura literária deve ser incorporada transversalmente no projeto político-pedagógico da escola. Não pode ser uma novidade, um diferencial desta ou daquela escola. Tem de ser incorporada como um objeto significativo para toda a comunidade escolar.” (Claudia Santa Rosa, educadora do Instituto de Desenvolvimento da Educação, Natal, RN).

Lições no caminho

Desde o início das suas atividades, em 2004, o IDE já contava com a parceria do Instituto C&A em projetos de fortalecimento da escola pública e de melhoria dos indicadores educacionais do estado do Rio Grande do Norte. A primeira experiência foi realizada com 360 alunos do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Antonio Campos, localizada no bairro de Mãe Luiza na área urbana de Natal, com altos índices de criminalidade. O IDE envolveu a direção, equipe pedagógica, alunos e pais, e reformulou o projeto político-pedagógico da escola que passou a realizar oficinas semanais voltadas para leitura e para a arte-educação. Essa iniciativa preparou o terreno para

a entrada do IDE no *Prazer em Ler*, em 2007 e, a partir daí, seu foco se orientou para a promoção da leitura. O principal beneficiado, dessa vez, seria a Escola Estadual Escola Estadual Hegésippo Reis, no bairro de Nova Descoberta, em Natal, onde a educadora do IDE Claudia Santa Rosa assumia a direção.

Era uma escola desmotivada, sem projeto pedagógico definido. O espaço reservado à leitura, por exemplo, havia sido alagado; e o acervo contava com apenas 126 títulos. Não cabia, naquele momento, reivindicar do *Prazer em Ler* a solução para as questões de infraestrutura. Por isso, a direção da escola resolveu empreender diversas ações em busca de melhorias no prédio. Ao mesmo tempo, lançou uma campanha de doação que arrecadou perto de 3 mil livros infantis e revistas em quadrinhos. Assim, em maio de 2007, a escola inaugurava a biblioteca, com mobiliário e computadores fornecidos pelo *Prazer em Ler*, além da reforma do espaço

e ar-condicionado por conta da Secretaria; e o acervo (revisto e catalogado) oriundo da contribuição dos cidadãos de Natal.

Essa articulação entre o poder público, a escola, a comunidade, e o desenvolvimento da metodologia proposta pelo programa, baseada na necessidade de espaço





adequado, acervo de qualidade e mediação permanente, funcionou como uma espécie de incubadora para um projeto maior: o *Prazer em Ler – Escolas Públicas*. O novo projeto, sob a coordenação técnica do IDE, em parceria com a SEEC e o Instituto C&A, voltou-se para a formação de educadores de leitura em 76 escolas da rede da capital e mais três na cidade

de Pernambuco, alcançando mais de 19 mil alunos que cursam do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Já no seu lançamento, o projeto reuniu cerca de 500 educadores de todo o Estado no primeiro Seminário Potiguar *Prazer em Ler* para discutir a questão do livro e da leitura literária. Instituiu, também, o concurso “Uma leitura que mexeu com a minha cabeça” como estratégia para movimentar toda a rede escolar em torno do tema. Daí em diante, foram realizados mais de dez encontros de formação continuada dos profissionais que, a cada dia, passaram a assumir a gestão dos projetos de leituras nas suas escolas.

Mesmo com os altos e baixos esperados, como a rotatividade de educadores, por exemplo, as escolas foram aderindo ao chamamento pela leitura literária e incorporando as práticas de mediação em um plano de ação pedagógica.

Os conteúdos apreendidos durante os encontros também não se perderam pelo caminho: um acompanhamento próximo da equipe técnica do IDE e do *Prazer em Ler* faz as correções de rumo, caso a caso.

Uma crença moveu todas essas ações de fortalecimento da educação: a de que um projeto de leitura não pode ser um acessório, um “quebra-galho” na vida escolar. “Essa transformação só se dá com a adesão, de fato, da direção da escola e de sua equipe pedagógica, que passam a reconhecer a importância da leitura literária na formação de cidadãos. Só profissionais cheios de vida e, de fato, implicados com esse mundo da leitura, a partir do seu repertório pessoal, podem contagiar seus alunos e toda a comunidade.” (Claudia Santa Rosa, educadora do Instituto de Desenvolvimento da Educação, Natal, RN).

1.4 Atuação em redes

Se pensarmos bem, não há mesmo como fazer vista grossa para a supressão do direito à leitura literária na vida de tantas crianças e jovens brasileiros. Torna-se inevitável para os promotores do livro e da leitura buscar mais e mais pessoas para discutir suas propostas de ação em busca de consenso. Por que não atrair aqueles que compartilham dos mesmos valores e objetivos?

“Uma rede social é formada com objetivo de provocar algum tipo de transformação. Só a conexão e a troca de informações e conhecimentos não bastam, deve haver uma proposta que leve a uma ação.”²

CÉLIA SCHITHLER

Assim, pequenos grupos que não tinham força de intervenção para dar continuidade à promoção do livro e da leitura começaram a ter – sobretudo através do trabalho em redes de leitura, envolvendo creches, escolas, igrejas, associações de moradores, fóruns públicos de discussão etc. O que importa é ampliar a ação cultural de maneira que as comunidades e, depois cidades inteiras, façam valer esse direito.

Em Recife, durante o 6º Festival Recifense de Literatura, em 2008, surgiu a ideia para a formação de uma Rede de Promoção da Leitura no Norte-Nordeste, a partir das aprendizagens construídas na parceria com o *Prazer em Ler*. As discussões sobre o tema prosseguiram até o 8º Encontro de Formação de Educadores Mediadores de Leitura, realizado em Olinda, em novembro de 2008, quando o grupo participante apresentou uma carta comunicando a iniciativa ao Instituto C&A: “Julgamos oportuno, no momento de encerramento do 1º Ciclo do programa *Prazer em Ler*, manifestar aos parceiros – dirigentes do Instituto C&A – o nosso agradecimento pela oportunidade de tomarmos parte de tão importante movimento no âmbito da promoção da leitura no Brasil e a intenção de protagonizarmos a construção da Rede de Promoção da Leitura no Norte-Nordeste.” (Trecho da carta para a constituição da Rede).

Paralelamente à rede regional, as organizações sociais que já atuam na Grande Recife passaram a integrar a Rede de Bibliotecas

Comunitárias, semente de uma gestão coletiva que, certamente, apontará rumos para acelerar a execução do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) no estado de Pernambuco.

Integração e construção coletiva

O impacto positivo do Ler com Arte... Quer Fazer Parte?, implantado na Escola Estadual Conselheiro Carrão, despertou a curiosidade de outras ONGs e instituições que desenvolvem atividades educacionais com crianças e adolescentes no bairro Uberaba, na divisa com o município de São José dos Pinhais, em Curitiba. Foram os próprios alunos da escola Conselheiro Carrão que frequentam esses projetos de contraturno, ou por intermédio de irmãos e parentes, matriculados em outras instituições, que fizeram, por assim dizer, a ponte para o que está se tornando uma rede de fomento à leitura no bairro.

A ideia é simples. O Ler com Arte... passou a realizar uma programação de mediação de leitura e a levar uma pequena “bi-

blioteca ambulante”, uma vez por semana, em cada endereço. Das instituições interessadas, três seguiram na parceria: a creche comunitária Recanto Feliz, o Projeto de Contraturno Santo Aníbal, e a Escola Municipal Professora Miracy. O desafio, agora, é ampliar cada vez mais essa ação





e formar uma rede de leitura, para que pessoas que queiram ler possam trocar acervo e compartilhar conhecimentos e estratégias de fomento à leitura.

Em vez de eventos para formar mediadores de leitura, a transmissão desse saber se dará de forma direta, *in loco* – não só no momento da mediação, como também no planejamento das atividades, de modo que os três parceiros se juntem e trabalhem de forma integrada. “A rede já está formada, mas precisa se unificar para se tornar um projeto autônomo, que integre as atividades regulares das instituições à leitura e promova um constante diálogo entre elas. Assim, serão mais pessoas lendo, e sabendo como fazer mais gente ler por prazer!” (Isis Tavares, educadora do Ler com Arte... Quer Fazer Parte?, Curitiba, PR).

Promoção da leitura torna-se lei

Mais do que reivindicar apoios esporádicos, uma das maneiras de tornar a ação em prol da leitura sustentável é trazer outros setores para dentro da discussão dos direitos de crianças e adolescentes à leitura literária, até que essa prática se constitua uma política pública para uma educação de qualidade.

Esse foi o caminho percorrido pelo projeto de formação de mediadores de leitura do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), parceiro do *Prazer em Ler*, em Natal, RN. Em uma audiência pública, por iniciativa do IDE, os educadores destacaram a urgência em

transferir a mesma metodologia já testada e aprovada em 79 escolas públicas, de 1ª a 5ª série do ensino fundamental (como provam os próprios índices governamentais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb) para a totalidade das escolas do Estado.

O resultado dessa iniciativa é a lei nº 9.169, em vigor desde 15 de janeiro de 2009, que dispõe sobre a criação da *Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Rio Grande do Norte*. A lei acata integralmente o documento apresentado pelo Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). O texto contém as diretrizes de ação para garantir o acesso e a qualidade do acervo, do espaço e da mediação de leitura nas escolas, com base na experiência de trabalho do *Prazer em Ler*.

Com a nova lei, o poder público deve assegurar a formação do leitor em todas as escolas de educação básica do estado, de modo que crianças e adolescentes, jovens e adultos desenvolvam o prazer da leitura literária e tenham acesso ao conhecimento e aos bens culturais da humanidade.

ESCOLAS DO PRAZER EM LER MUDAM PERFIL DO IDEB

“Duas escolas públicas de Natal, a Escola Municipal Antonio Campos, em Mãe Luiza, e a Escola Municipal Hegésippo Reis, em Nova Descoberta, ficaram entre os 10 melhores índices do Ideb de Natal, entre 160 escolas avaliadas: 4,7 e 4,0 respectivamente, enquanto o Estado obteve média 3,0. Esses números foram alcançados em virtude do envolvimento dessas instituições com o programa *Prazer em Ler*, do Instituto C&A.”

DIÁRIO DE NATAL, SET. 2008.

2. *Novos desafios*

Bem, leitor, ao final destes relatos, se alguém lhe perguntar onde é que é mesmo que esta história vai parar, saiba que esta história não para mais. O desafio do *Prazer em Ler*, daqui para a frente, é seguir apoiando a formação de redes de leitura, de bibliotecas comunitárias e projetos de leitura que façam vínculos profundos com o público, até serem apropriados como um patrimônio cultural de suas comunidades. Por meio dessas ações, e junto com outras forças da sociedade civil e do poder público, o horizonte começa, então, a se mostrar mais favorável à construção de uma política nacional com seus respectivos desdobramentos em municípios e estados.

Em 2009, iniciou-se um novo ciclo do programa *Prazer em Ler*, com o foco prioritário em projetos com forte potencial de realizar ações articuladas de promoção da leitura em seus municípios. Esperamos que a história aqui contada possa tanto servir de inspiração para a práticas dos parceiros do programa como também influenciar positivamente o cenário da leitura e do acesso ao livro.

Afinal, a história continua.





Notas

[PARTE I]

1. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 42.
2. FOUCAMBERT, Jean, *A leitura em questão*. São Paulo: ARTMED, 1994, p. 135.
3. HALLEWELL, Laurence, *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 194.
4. *Prazer em Ler* - Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura. São Paulo: Instituto C&A e Cenpec, 2006, p. 19.
5. GARCIA, Edson Gabriel, Documento Base do programa *Prazer em Ler*, 2008, Versão condensada, p. 14.
6. TODOROV, Tzevan, *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 23 e 33.
7. GARCIA, Edson Gabriel, Apresentação: programa *Prazer em Ler* no contexto nacional – *slide* 4.
8. EMERSON, Ralph Waldo, “The American scholar”, 1837, (citado por) MANGUEL, Alberto, *Uma História da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 203.
9. CRUZ, Xosé Antonio Neira, “Ler e escrever: Os prazeres da intimidade com o livro”. Em *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Ed. Peiropolis, 2008, p.71.
10. MANGUEL, Alberto, *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.213.

11. _____ *Uma História da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 315.
12. FOUCAMBERT, Jean, op. cit., p. 135.
13. MANGUEL, Alberto, *A biblioteca à noite*, op. cit., p.178.
14. MACHADO, Ana Maria, *Texturas – sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 123.
15. MANGUEL, Alberto, *A biblioteca à noite*, op. cit., p.181.
16. QUEIROS, Bartolomeu Campos, em *Nos caminhos da literatura*, op. cit., pp. 158 e 159.
17. BRITTO, Luiz Percival Leme, “Literatura, conhecimento e liberdade”, em *Nos caminhos da literatura*, op. cit., p. 100.
18. TODOROV, Tzevan, *A literatura em perigo*, op. cit., p. 22.
19. ANDRADE, Carlos Drummond, *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: A. José Olympio, Nova Aguilar, 1973, p. 586.
20. SARTRE, Jean Paul, *L’imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940, p. 242.
21. MANGUEL, Alberto, *Uma História da leitura*, op. cit., p. 337.
22. JAUSS, Hans Robert, *Pour une esthétique de la réception*, 1878 – (citado por) JOUVE, Vincent, *A leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, p. 108.
23. MACHADO, Ana Maria, “Alguns equívocos sobre a leitura”, *Nos caminhos da literatura*, op. cit., p. 58.
24. Ib. Ibidem, p. 58.

25. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*, op. cit., p. 13.
26. ZILBERMAN, Regina, “Sensibilização para a leitura”, *Maringá*, v. 30, n. 1, 2008, p. 1-9, disponível na Internet, <www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewArticle/762>.

[PARTE II]

1. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*, op. cit., p. 32.
2. MANGUEL, Alberto, *A biblioteca à noite*, op. cit., p.93.
3. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*, op. cit., p. 175.
4. Citado por PETIT, Michèle, *Ibidem*, p. 155.
5. Guia de avaliação e acompanhamento de Projetos de Leitura: Lab Social, 2007.
6. *Biblioteca Viva – Fazendo história com livros e leituras*. São Paulo: Fundação Abrinq, Coleção Dá para resolver, parceria: Citigroup, p. 34.
7. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*, op. cit., p. 183.
8. “O programa *Prazer em Ler* no contexto nacional da promoção da leitura”, *Caderno do Educador*, Instituto C&A, novembro de 2008, pp. 14 e 15.
9. “A cor da letra – a mediação de leitura e as crianças”, em *Caderno do educador*, Instituto C&A, novembro de 2008, p. 43.

10. “O programa *Prazer em Ler* no contexto nacional da promoção da leitura”, 2008, novembro, p.13.

11. CALVINO, Ítalo, *Porque ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 11.

12. Parceiros em ação: um estudo de casos sobre projetos de leitura no âmbito do programa *Prazer em Ler*. Coordenação do estudo e relatório: Claudia LemosVóvio, pesquisadores: Lidiane Oliveira e Milton Alves Santos, Lab Social, 2009, SP, p. 5.

13. *Ibidem*, p. 10

[PARTE III]

1. PETIT, Michèle, *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*, op. cit., p 161.

2. Entrevista de Célia Schithler, *Revista Onda Jovem*, nº 5, julho 2004, p. 56.

© 2009 by Instituto C&A

Instituto C&A

Diretor Presidente

Paulo Castro

Assessora de Educação

Alais Ávila

Gerente da Área Educação | Arte | Cultura

Áurea Maria Alencar R. Oliveira

Coordenadora do Programa Prazer em Ler

Ana Dourado

Coordenadora dos Programas Educação Infantil e Educação Integral

Priscila Fernandes

Gerente da Área Desenvolvimento Institucional e Comunitário

Janaina Jatobá

Coordenadora dos Programas Desenvolvimento Institucional e Redes e Alianças

Cristiane Felix

Gerente da Área Mobilização Social

Carla Sattler

Coordenador do Programa Voluntariado

Luiz Covo

Analista de Projetos

Solange Martins

Assistentes de Programas

Daniela Paiva

Patrícia Souza Carvalho

Vânia Vital

Realização

Edição, concepção e coordenação Estúdio Seringueira

Consultoria Maria Dolores Prades

Redação e pesquisa Leusa Araujo

Projeto gráfico e capa Mayumi Okuyama

Revisão Lucy Caetano e Agnaldo Holanda

Crédito das fotos

[PP. 16, 18, 19, 97, 111, 114, 155, 167]

Práticas de leitura | Organização Atitude | Brasília, DF © Paulo Leite

[PP. 21, 154] Práticas de leitura | Centro Municipal de Educação Infantil | Curitiba, PR © Paulo Leite

[PP. 22, 90, 159] Práticas de leitura com voluntária | Jundiá, SP © Paulo Leite

[PP. 25, 26, 27, 30, 32, 36, 42, 43, 44, 47, 54, 74-75, 76, 78, 130, 136, 142, 145, 148, 150, 160]

Práticas de leitura | Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo | Manaus, MA © Paulo Leite

[PP. 34, 50, 89, 98, 134, 138, 139, 164]

Práticas de leitura | Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção a Criança e ao Adolescente
Salvador, BA © Paulo Leite

[PP. 35, 72, 122, 129]

Práticas de Leitura | Grupo Cultural Jongu da Serrinha | Rio de Janeiro, RJ © Paulo Leite

[PP. 53, 84, 93, 94, 99, 107, 108] © Paulo Leite

[P. 60] Seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura | São Paulo, SP

(foto 1) Nelly Novaes Coelho e Paulo Castro, (foto 3) Nilma Lacerda © Paulo Leite

[P. 61] Seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura | São Paulo, SP

(foto 1) Angela Lago e Cris Eich, (foto 2) Ana Maria Machado, (foto 3) Ricardo Azevedo © Paulo Leite

[P. 82] Ônibus-biblioteca, Projeto Gotas de Flor | São Paulo, SP © Anderson Fattori

[P. 85] Creche Esperança © Paulo Leite

[P. 87] (foto 1) Crescer com amor; (foto 2) Creche Esperança; (foto 3) Cecom © Paulo Leite

[P. 143] Seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura | São Paulo, SP © Paulo Leite

[CAPA] Imagens © Paulo Leite



Este livro foi composto nas fontes Bembo e Bell Gothic durante do ano de 2009,
ano em que o programa *Prazer em Ler* completou 3 anos.



Esperamos que a história aqui contada possa tanto servir de inspiração para a práticas dos parceiros do programa como também influenciar positivamente o cenário da leitura e do acesso ao livro.

